UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LEITURA- ESTUDOS LINGUÍSTICOS, LITERÁRIOS E MIDIÁTICOS
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS DE MEDIAÇÃO EM LEITURA

Rafael Aranha de Sousa

O AFROFUTURISMO EM "*RAÍZES DO AMANHÃ*": Histórias sobre a memória negra silenciada

Santa Cruz do Sul-RS
2025

Rafael Aranha De Sousa

O AFROFUTURISMO EM "*RAÍZES DO AMANHÃ*": Histórias sobre a memória negra silenciada

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras – Mestrado, área de concentração em Leitura: estudos linguísticos, literários e midiáticos, linha de pesquisa sobre estudos de mediação em leitura, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profª. Drª. Rosane Maria Cardoso

Santa Cruz do Sul-RS

2025

Rafael Aranha De Sousa

O AFROFUTURISMO EM “RAÍZES DO AMANHÃ”:

Histórias sobre a memória negra silenciada

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras – Mestrado, área de concentração em Leitura: estudos linguísticos, literários e midiáticos, linha de pesquisa sobre estudos de mediação em leitura, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profª. Drª. Rosane Maria Cardoso

Drª. Rosane Cardoso

Professora Orientadora – Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

Dr. Felipe Gustsack

Professor Examinador - Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

Drª. Linda Maria de Jesus Bertolino

Professora Examinadora – Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Santa Cruz do Sul-RS

2025

CIP - Catalogação na Publicação

Sousa, Rafael Aranha de
O AFROFUTURISMO EM RAÍZES DO AMANHÃ: : Histórias sobre a memória negra silenciada / Rafael Aranha de Sousa. – 2025.
133 f. : il. ; 21 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2025.
Orientação: Profa. Dra. Rosane Maria Cardoso.

1. Cultura afrodescendente no Brasil. 2. Educação antirracista. 3. Literatura juvenil. 4. Afrofuturismo. 5. Leitura subjetiva. I. Cardoso, Rosane Maria. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Dedico esta dissertação primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, em seguida à minha mãe, Rosilene Barbosa, que sempre me incentivou e me incentiva a estudar, ao meu pai Pedro Tavares de Sousa (*in memoriam*) que sempre me apoiou em minhas decisões e também aos meus ancestrais que me precederam com muita luta e resistência para que hoje, eu pudesse legitimar o meu/ o nosso entre-lugar no universo.

Agradeço também a todos os professores que me acompanharam durante o Programa de Pós- Graduação em Letras- PPGL/UNISC, em especial à minha orientadora Rosane Maria Cardoso pela paciência, ajuda, ensinamentos e confiança para a concretização desta pesquisa. Sem a senhora essa dissertação não teria sido tão linda e significativa em minha trajetória pessoal e profissional.

Aos meus amigos, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas ao longo do processo, pois não é fácil. Obrigado pelo carinho e apoio de todos vocês.

E o que dizer a vocês, meus queridos amigos Gabriel, Tamires, Wanessa, Sabrina, Ivanice e Eduarda? Obrigado pela paciência, pelo incentivo, pela força, e principalmente pelo carinho nos momentos de falha, fraqueza, desânimo e cansaço, enfim. Valeu à pena todo o sofrimento (risos) e todas as renúncias. Hoje estamos colhendo, juntos, os frutos do nosso empenho. Esta vitória é nossa.

Por fim, agradecer a todos que direta ou indiretamente me ajudaram no decorrer do curso de Mestrado e na finalização da dissertação. Meu muito obrigado a todos.

Nós somos os sonhos de pessoas negras escravizadas que ouviram que era muito 'irreal' imaginar que um dia elas não seriam chamadas de propriedade. Essas pessoas negras se recusaram a limitar seus sonhos ao realismo, e, em vez disso, nos sonharam.

(Walidah Imarisha)

RESUMO

Nesta pesquisa, viso desenvolver uma proposta que busca pensar como as ficções literárias narrativas, a partir de um olhar afrofuturista, se constituem como um espaço político para (re)pensar a experiência negra afrodiaspórica na sociedade e de que maneira a recepção dos textos afrofuturistas podem ser articulados para se trabalhar uma consciência crítica junto ao público discente da Educação Básica, em especial, o Ensino Fundamental Maior. Para tanto, abordo, no estudo, a literatura afrodescendente brasileira com apoio do afrofuturismo literário voltada para os discentes de 6° ao 9° ano, considerando-a como um meio de desconstruir narrativas de viés colonialista. O objetivo é abrir perspectivas literárias afrodescendentes para desenvolver habilidades de leitura, alinhadas com a discussão teórica a respeito do ensino da literatura discutidas por Annie Rouxe, Vincent Jouve e Gerard Langlade. Nesse sentido, busco respaldo na tendência literária afrofuturista que aproxima ficção especulativa e protagonismo negro. Uma vez que o conceito vai nomear uma produção artística que resulta do conjunto ficção científica, perspectivas raciais e protagonismo negro. Concebendo-se a possibilidade de construir a leitura como um "retorno a si", conforme defende Jouve. Adoto uma metodologia analítica e, por isso, a pesquisa tem por base o livro *Raízes do amanhã: 8 contos afrofuturistas* (2021), de organização de Waldson Souza, de autorias negras brasileiras. De maneira individual e/ou coletiva, esses contos, que formam a obra, são importantes para pensar em como o afrofuturismo se exterioriza na literatura brasileira por ser um movimento artístico que (re)constrói uma ideia de futuro que também é ancestral, pois se relaciona com aspectos que vão além das obras e dizem respeito a uma experiência compartilhada que transcende a linearidade do tempo. Acredito que gerar discussões reflexivas sobre temas tocantes à educação antirracista como ancestralidade, cosmovisão, afrofuturismo, negritude, dentre outros, sejam uma das possibilidades para repensar o passado e construir futuros para as populações negras, que durante muito tempo, sofreram vários estigmas em decorrência do colonialismo imposto historicamente. Assim, meu propósito é evidenciar a construção de imaginários novos sobre a população negra, incluindo o contexto histórico e político do racismo no Brasil, sendo essencial para alinhar-se às orientações curriculares do Ministério da Educação e às políticas de equidade racial, além de contribuir para combate à discriminação contra pessoas negras.

Palavras-chave: Cultura afrodescendente no Brasil; Educação antirracista; Literatura juvenil; Afrofuturismo; Leitura subjetiva.

ABSTRACT

In this research, I aim to develop a proposal, through the prism of Afrofuturism, that seeks to think about how literary fiction narratives arise as a political space to (re) consider the black experience of the African diaspora in society and in which ways the reception of Afrofuturistic texts can articulate to promote a critic awareness alongside the student body of Basic Educational System, especially, the late Elementary Education. For this purpose, I address African-Brazilian Literature with support of the Literary Afrofuturism oriented towards students from 6th to 9th grades, considering it a method of deconstructing colonial-approach narratives. The aim is to promote African-descendent literary perspectives to develop reading skills, aligned with theoretical discussion about literature teaching by Annie Rouxe, Vincent Jouve, and Gerard Langlade. For that matter, I search for a backing of the Afrofuturist literary trend that brings together speculative fiction and black protagonism. Once that is, the concept designates an artistic production resulting from scientific fiction, racial perspectives, and black protagonism. Conceiving the possibility of doing a reading that leads to a "return to itself" according to Jouve, I embrace an analytical methodology of the book Raízes do amanhã: 8 contos afro-futurist (2021), organized by Waldson Souza, written by black Brazilian authors. Individually and/or collectively, these short stories are significant to think about how Afrofuturism externalizes itself in Brazilian Literature, as an artistic movement that (re)builds an idea of an ancestral future. It relates to aspects going beyond works and about a shared experience that transcends the linearity of time. I believe that provoking reflexive discussions about antiracist education themes, like ancestry, cosmovision, Afrofuturism, and blackness, among others, is one of the possibilities to rethink the past and project future to the black population that during long times they have suffered stigmas as a result of imposed colonialism. Thus, my purpose is to evince the construction of new ideas about the black population, including the historical and political context of racism in Brazil. It is exquisite to align it to the curricular guidelines of the Educational Ministry and the racial equality policies. Besides, it contributes to combat the discrimination against black people.

Keywords: Afrodescedant culture in Brazil; Antiracist education; Youth literature; Afrofuturism; Subjective reading.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **10**

1 RACISMO, POLÍTICAS PÚBLICAS E ESCOLA **16**

1.1 História da educação de negras e negros no Brasil 18

1.2 Leis antirracistas 22

1.3 A escola e a Lei 27

2 FORMAÇÃO LEITORA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA **33**

2.1 A literatura e a educação antirracista 35

2.2 Afrofuturismo: conceitos, importância, afirmação do povo negro 39

2.3 Educação literária antirracista nas escolas 44

3 AFROFUTURISMO E RAÍZES DO AMANHÃ **49**

3.1 Afrofuturismo e ancestralidade em Raízes do amanhã: 8 contos afrofuturistas 57

3.2 Raízes do amanhã: possibilidades de resistência do povo afrodiaspórico 60

3.3 Proposições de leitura subjetiva em sala de aula, a partir do livro Raízes do amanhã: 8 contos afrofuturistas 115

REFERÊNCIAS **130**

INTRODUÇÃO

Primeiramente, peço licença antecipadamente, às pessoas negras que me precederam e, com luta e representatividade, possibilitaram minha existência e a de tantas outras pessoas negras no presente e no futuro. Sem meus ancestrais, este trabalho não seria possível, pois eles ocupam um papel essencial em minha trajetória: são uma fonte inesgotável de sabedoria e força.

Como homem negro e herdeiro dessa raiz ancestral que é a fonte primária da humanidade, conforme podemos visualizar historicamente e socialmente, hoje entendo que o que me precede, assim como a toda a coletividade do meu povo, é um passado grandioso, rico e pleno de sabedoria, cujas contribuições sociais, culturais e educacionais colhemos nos dias de hoje.

No entanto, nem sempre tive essa percepção porque durante minha trajetória escolar, especificamente, no ensino fundamental maior, mesmo com o sancionamento da Lei n. 10.639/2003 em vigor, ela era posta em prática com muita ineficácia nos espaços sociais (percebi tempos depois com pesquisas acerca do assunto) e com isso, os livros didáticos, os livros da biblioteca, os professores (grande parte) e principalmente a indústria cultural me apresentaram uma realidade em que pessoas não brancas eram constantemente colocadas em posições subalternizadas e, devido a esse cenário, sempre senti falta de figuração negra em diversos setores. Só consegui um olhar positivado sobre meu povo e minhas origens ao ingressar no ensino superior em uma universidade pública, a Universidade Estadual do Maranhão, por meio da disciplina intitulada: Literatura Africana, que me abriu horizontes e me auxiliou a entender a força da representatividade na construção do imaginário coletivo, sobretudo, de quem são as pessoas, quem pode expressar-se, quem pode ter acessos, quem pode ter perspectivas, e essas questões estendem-se ao campo ficcional.

Percebo que, diante de um cenário marcado por desigualdades históricas e sociais, a literatura se apresenta não apenas como um reflexo da realidade, mas também como uma fonte de transformação social. Através da literatura, o afrofuturismo por meio de narrativas ficcionais e especulativas com o intuito de sugestionar perspectivas novas e positivas acerca do imaginário da população negra, possibilita a construção de pontes de empatia e compreensão,

quebrando barreiras de preconceito e ignorância. Nesse sentido, a leitura literária de tendência antirracista assume um papel crucial, pois oferece vozes a grupos historicamente marginalizados e busca promover uma reflexão crítica sobre as dinâmicas raciais que permeiam a nossa vida cotidiana.

A educação literária antirracista emerge para mim como uma possível resposta aos desafios impostos pelo racismo estrutural na sociedade contemporânea. Contudo, a incorporação da literatura no ambiente educacional ainda enfrenta obstáculos significativos, como por exemplo, a persistência de currículos tradicionais, que muitas vezes negligenciam a diversidade cultural e racial reflete a necessidade urgente de revisão e adaptação dos materiais didáticos e das abordagens pedagógicas na formação de professores desempenha um papel central e exige-se uma preparação adequada de todos nós para tratarmos de temas raciais de forma sensível e inclusiva. Além disso, a seleção de obras literárias que reflitam as diversas experiências e identidades torna-se essencial para uma educação verdadeiramente antirracista.

A justificativa para este estudo reside na importância de compreendermos o movimento afrofuturista como uma ferramenta central, na qual procuro realizar um resgate: meu e dos meus pares, por meio da literatura - que é compreendida como aquela que busca combater todas as formas de preconceito, tanto no ambiente escolar quanto em seu entorno. Além disso, a abordagem afrofuturista por meio da literatura promove a valorização da história e das contribuições dos povos africanos / afro-brasileiros na formação do país e pode colaborar para a educação e formação de indivíduos conscientes e críticos. A problemática central aborda a necessidade de superar as barreiras existentes na inclusão efetiva da literatura no currículo escolar, considerando as resistências institucionais, evidenciando a falta de representatividade do negro em diferentes setores ou ele é figurado em condição subalternizada. Diante do cenário atual, marcado por movimentos globais que clamam por justiça social e equidade racial, torna-se imperativo que o sistema educacional reflita e atue de maneira decisiva na promoção de uma consciência antirracista, incorporando o afrofuturismo no cotidiano educacional.

A palavra afrofuturismo no título desta dissertação ressalta a influência significativa da cultura africana e afro-brasileira[1] no Brasil, contrariando a noção de que sua relevância está confinada ao passado. Esse panorama é alinhado com os princípios de um movimento que reconhece a vitalidade da herança africana, adaptando-a aos contextos contemporâneos do século XXI, incluindo avanços tecnológicos, científicos e sociais.

Como Rangel (2016, p.129) define, "afrofuturismo é um movimento estético que surge do encontro da tecnologia e da ficção científica com as questões da diáspora[2], da escravidão e dos determinismos raciais vividos pelo negro em meio à modernidade". Essa contingência é crucial para entender os eventos históricos e superar as visões coloniais e racistas, conforme proposto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC evidencia a importância de abordar obras de diferentes períodos históricos em suas dimensões sincrônicas e diacrônicas para estabelecer conexões entre o passado, presente e futuro (Brasil, 2018, p.524).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ressalta a importância de diversificar as produções culturais na Educação Básica, incluindo a literatura africana de língua portuguesa e a afro-brasileira. Segundo a BNCC, é essencial aproximar os estudantes de culturas que são fundamentais na formação da identidade de diferentes regiões do Brasil (Brasil, 2018, p.524).

Assim, a presença de expressões artísticas, como a música, a estética, a escrita, o cinema, entre outras experiências que discutam a história e cultura do povo negro figura um fenômeno significativo no cenário social e literário contemporâneo. O aumento de representações e expressões artísticas que intercruzam assuntos como afrofuturismo, negritude e afrocentricidade evidenciam uma mudança na percepção social de realidades historicamente invisíveis.

---

[1] Como falamos de afrofuturismo e de ancestralidade (o que compreende o contexto de Mãe África), optou-se por usar o termo afro-brasileira ao invés de negro-brasileira (Cuti, 2010).

[2] "A diáspora africana é o nome dado a um fenômeno caracterizado pela imigração forçada de africanos, durante o tráfico transatlântico de escravizados. Junto com seres humanos, nestes fluxos forçados, embarcavam nos tumbeiros (navios negreiros) modos de vida, culturas, práticas religiosas, línguas e formas de organização política que acabaram por influenciar na construção das sociedades às quais os africanos escravizados tiveram como destino". Fundação Cultural Palmares. Diáspora Africana, você sabe o que é? http://www.palmares.gov.br/?p=53464

Em vista disso, os objetivos desta pesquisa consistem em ressaltar a importância do resgate da ancestralidade africana na literatura afrodiaspórica, promovido pelo movimento afrofuturista, como uma forma de vivenciar um presente com propósito e de projetar um futuro. Além disso, a pesquisa visa debater o racismo como um processo histórico e político no Brasil, identificando as principais barreiras à sua incorporação no currículo escolar e sugerir estratégias para superação desses desafios. Busca-se, assim, desvendar e discutir as contribuições da literatura negra para o campo literário, a partir de uma cosmovisão que possibilita traçar novas direções para a literatura afrodiaspórica e sua estética. Por meio dessa análise, espera-se evidenciar o movimento afrofuturista com apoio da literatura como um recurso didático essencial na formação de uma consciência crítica e na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Já a problemática desta pesquisa é: como a falta de figuração negra em obras literárias especulativas e com a ausência ou o não reconhecimento de autoras e autores negros que produzem essa literatura no Brasil, construímos uma realidade em que os sujeitos não brancos estão quase sempre localizados em lugares subalternizados. Para tal, é imperativo discorrer sobre os conceitos de racismo estrutural, interseccionalidade, lugar de fala, branquitude e literatura afrodescendente[3].

No primeiro capítulo, intitulado **Racismo, Políticas Públicas e Escola**, abordo a história educacional de negros e não negros e consequentemente a desigualdade social que lhes foi imposta (aos negros) ao longo da passagem de tempo, silenciando suas vozes, discursos e identidade. Além disso, também discuto o fato de que, mesmo com a formação dos movimentos negros, percebo o quanto esta luta foi árdua e difícil para que, nós, negros, pudéssemos ter ao menos a tentativa de nos legitimar perante ao nosso espaço, que durante muito tempo foi /é apagado. Analiso também como o sancionamento da Lei n° 10.639/2003 impacta os espaços escolares como um todo em relação à sua aplicabilidade e eficácia no combate ao racismo.

[3] No que refere-se a obras literárias produzidas por descendentes de africanos, ou que tratam de experiências e temas afrodescendentes. O foco está na ascendência e na conexão com a África diaspórica.

Em seguida, no segundo capítulo, intitulado **Formação leitora e educação antirracista,** busco compreender como a literatura pode ser apresentada e representada a partir do processo educacional, evidenciando uma maneira articuladora do letramento racial crítico em sala de aula a partir do movimento afrofuturista. Aprofundo-me, ainda, na educação antirracista, que é uma abordagem que busca a desconstrução de preconceitos raciais e uma compreensão mais profunda e respeitosa das diversidades e isso representa um passo importante nessa direção, oferecendo aos alunos uma visão mais inclusiva e completa da história e cultura do país.

No capítulo final, intitulado **Afrofuturismo e raízes do amanhã,** trago conceitos, reflexões acerca da cosmovisão negra de alunos e alunas frente aos desafios sociais e políticos da contemporaneidade presentes na literatura juvenil. Exponho o papel do afrofuturismo como parte das discussões sobre negritude e identidade afro-brasileira a partir de associações e experiências da leitura analítica da obra *Raízes do amanhã*: 8 contos afrofuturistas*,* organizado por Waldson Souza. Dada a extensão considerável das produções artísticas, focalizo minha atenção na obra escolhida para a leitura e análise dos oito contos que emergem como uma forma de resistência que vai além da imaginação de futuros possíveis, lidando também com o passado, o que, na perspectiva da pesquisa que possibilitou esta dissertação, pode ser uma maneira de reconfiguração das narrativas de resistência.

A metodologia que eu adoto para o desenvolvimento deste trabalho baseia-se em uma abordagem qualitativa, com foco na pesquisa bibliográfica. A análise de literatura permitirá uma compreensão abrangente sobre a temática do movimento afrofuturista, contribuindo para o aprofundamento na educação antirracista e na reflexão sobre a figuração de negros e não negros nesse contexto. Através do estudo de obras literárias e teóricas, em especial, o livro *Raízes do amanhã*: 8 contos afrofuturistas, será possível identificar as representações, tensionamentos e possibilidades que emergem dessas narrativas, enriquecendo o debate sobre identidade, história e futuro. Esse método me possibilita a construção de um panorama teórico que sustenta a discussão ao oferecer uma base sólida para a minha compreensão e dos meus iguais que são importantes para a (re)construção da nossa história, o resgate de

nossa herança e da localidade à qual pertencemos, explorando as mais variadas possibilidades.

1 RACISMO, POLÍTICAS PÚBLICAS E ESCOLA

Mais um negro

Sou um negro,
mais um,
destes que não aceitam,
como adjetivo a alma branca.

Sou um negro,
mais um,
consciente da nossa história,
que não se ilude com os heróis
que me forçam a aceitar.

Sou um negro,
mais um,
destes que não usariam henê no cabelo,
por não querer cabelos lisos.

Sou um negro,
mais um,
meio louco,
meio torto
esperando muitos outros
para engrossar o cordão,
e horrorizar de espanto,
este engodo imbecil,
a tal convencionada,
Democracia Racial.

(José Carlos Limeira)

O homem tem se mostrado aberto às questões direcionadas à obtenção de seus ideais, seja através de manifestações, revoluções e revoltas, tudo isso baseado em discursos outrora silenciados e mantidos como marginalizados social e historicamente. Com base nisso, a língua tanto escrita quanto falada se vale de formas comunicativas com o intuito de estabelecer a interação entre os indivíduos.

Sabemos que o contexto histórico de uma sociedade diante de conflitos, se fundamenta basicamente em restrições impostas a alguns grupos e na busca pelo reconhecimento relacionado a direitos consagrados a outros grupos nessa sociedade. Por meio desses fatores, a identidade, a linguagem e o discurso, de modo geral, contribuem para estabelecer uma relação interacional com a população, e ao mesmo tempo propiciam rupturas sociais.

Diante disso, quando é usurpado do indivíduo o direito de exercer a prática da linguagem, torna-se impossível o confronto com o mundo, com os outros sujeitos e com a história. Logo, sem essa mediação que é o discurso, o homem, em especial, negro vê-se impedido de ter uma participação ativa no contexto sociopolítico.

Infelizmente, esse é o caso do meu povo negro e nossos descendentes, que por não termos escuta na sociedade, vemo-nos marginalizados e encontramos dificuldades para conferirmos autoridade a nossa própria identidade, sendo tratados como meros subordinados da sociedade dominante.

Perante o quadro de desigualdade racial e social que vem de um processo histórico e como único discurso na sociedade, gerando desigualdade racial, social e moral, implementa-se a Lei 10.639/2003 que, a princípio, garante o ensino da história e cultura africana no currículo escolar como forma de reparação a fim de alterarmos o discurso pré-existente, bem como meio de manifestação da consciência negra. Buscamos recuperar a identidade e a cultura do nosso povo negro, ocorrendo assim, um processo de “libertação” e (re) construção de nossa dignidade. Todavia, na maioria das vezes, tal ensino é deixado de lado e, além do mais, fica à mercê do olhar eurocêntrico que invisibiliza a inserção de outras narrativas. Tal situação provoca uma ruptura de valores existentes na cultura africana, razão pela qual a inclusão das temáticas africanas na grade escolar torna-se um processo significativo para o (re) conhecimento das diversidades culturais.

Durante o processo histórico do Brasil, surgiram vários movimentos negros contra as desigualdades raciais. Dentre eles o movimento “O Clarim da Alvorada”, de 1924, um jornal exclusivamente feito para a população negra pregando ideais antirracistas; a “Frente Negra Brasileira”, fundada em 1931, com cerca de 400 membros, que tinha como missão integrar a população negra à sociedade, e o “TEM – Teatro Experimental do Negro” de 1944, que

desempenhou atividades de caráter social e artístico, incentivando movimentos, principalmente, femininos na luta contra a discriminação. Além disso, em 1954, surge a Associação Cultural do Negro (ACN) que tinha como objetivo a preocupação de construir uma ideologia afirmativa para nós, negros. Esses e outros movimentos contribuíram para a inserção e participação dos afrodescendentes em uma sociedade mais justa e igualitária, gerando uma série de protestos que denunciavam as condições de vida do nosso povo negro no Brasil (Movimento Negro Unificado, 1988).

O Movimento Negro Unificado foi fundado em 18 de junho de 1978 em um evento do Teatro Municipal de São Paulo em pleno regime militar. Ele é uma organização pioneira na luta do Povo Negro no Brasil e, evidencia um marco histórico na luta contra a discriminação racial no país, segundo dados encontrados no site oficial do referido Movimento.

Os movimentos citados desempenharam papel importantíssimo para a criação da constituição brasileira de 1988, dando ênfase à igualdade, à liberdade de expressão e à cidadania. O artigo 3°, inciso IV da referida Constituição de 1988, garante o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade, e quaisquer outras formas de discriminação.

Nessa perspectiva, a Constituição de um país é responsável por elencar leis que asseguram os direitos e deveres da população. Dessa maneira a constituição brasileira assegura que todo cidadão tem direito ao:

> exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça, como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social (Constituição Federal, 1988, p.1).

Todavia, no que diz respeito à prática, vimos que a eficiência de certas leis, em especial as que tangem direitos coletivos e/ ou individuais de grupos historicamente mantidos como marginalizados, são insuficientes para cobrir a demanda, necessitando assim, de uma atenção redobrada para tornarem-se eficazes na garantia de direitos.

1.1 História da educação de negras e negros no Brasil

A história do Brasil é marcada por aspectos que atingem a população afrodescendente até os dias atuais, entre essas o preconceito, discriminação, racismo e a falta de integração a outras culturas. A discriminação racial e o preconceito contra os negros são oriundos do processo histórico do Brasil. Desde o Brasil Colônia, determinadas leis favoreceram atos discriminatórios e abusivos em relação ao racismo e a discriminação dos afrodescendentes.

Exemplo disso foi a criação do Decreto n° 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, estabelecendo que nas escolas públicas do país não fossem admitidos escravizados, e a previsão da instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores. O Decreto n° 7.031-A, de 06 de setembro de 1878, estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno e, diversas estratégias foram montadas no sentido de impedir o acesso pleno desta população aos bancos escolares.

A política educacional brasileira, elaborada nas primeiras décadas do século XX, contribuiu para intensificar o problema do racismo, uma vez que estava centrada principalmente em uma abordagem técnico-profissionalizante. Essa abordagem visava modelar a mão de obra necessária para atender às demandas do mercado de trabalho formal.

Para a população negra, geralmente privada do acesso ao emprego formal, não existia um sistema educacional específico. Por essa razão, ao longo do século XX, percebemos que as políticas estatais de educação não atendiam às necessidades dessa população, o que contribuiu para a perpetuação do racismo.

Assim, a reflexão sobre a educação formal para negros e negras no contexto brasileiro é de extrema relevância para compreender as desigualdades históricas e estruturais que moldaram e/ou moldam o acesso ao conhecimento. Ao longo da história, as políticas educacionais excluíram essas comunidades, negando-lhes oportunidades de desenvolvimento acadêmico, evidenciando uma clara barreira à educação para a população negra. Mesmo após a abolição da escravidão, observa-se que as disparidades persistiram, refletindo-se em desigualdades de acesso, qualidade e representatividade nas instituições educacionais brasileiras.

Hoje, apesar dos avanços na legislação e na conscientização sobre a importância da equidade educacional, desafios significativos permanecem.

Ainda é comum observar a sub-representação de negros e negras nos espaços acadêmicos e uma persistente disparidade no acesso a recursos educacionais de qualidade. O pensamento sobre a educação formal para essas comunidades não apenas destaca a necessidade de políticas inclusivas, mas também ressalta a importância de um currículo que abrace a diversidade cultural, histórica e étnica do Brasil. Essa reflexão é um convite para a transformação do sistema educacional, visando a promoção da igualdade de oportunidades e o empoderamento de todos os estudantes, independentemente de sua origem étnico-racial.

No sentido de sanar ou pelo menos minimizar essa falha, em 9 de janeiro de 2003, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei 10.639/2003, que altera a Lei 9.394/1996, nos artigos 26, 26 A e 79 B, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas instituições públicas e particulares de nível fundamental e médio e, institui o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra, conforme se vê no texto da referida lei:

> Art.26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.
> § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil.
> § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras.
> Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'.

Com a obrigatoriedade de ensino nos estabelecimentos de educação, essa Lei passa a ser mais do que a inclusão de uma nova proposta no currículo escolar exigindo mudanças voltadas para a superação das desigualdades.

Desta forma, o Estatuto da Igualdade Racial destaca que "os conteúdos referentes à história da população negra no Brasil serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, resgatando sua contribuição decisiva para o desenvolvimento social, econômico, político e cultural" (Brasil, 2010, p.14).

Assim, a literatura no âmbito escolar abre caminhos para um novo olhar na educação, levando em conta a diversidade histórica e cultural que constitui a

sociedade brasileira. Esse novo olhar diz respeito às novas práticas pedagógicas, com prioridade enfaticamente para as relações étnico-raciais, no sentido de acabar com as antigas práticas eurocêntricas carregadas de preconceitos e discriminação em relação aos negros e aos afrodescendentes em que tinha como base a hegemonia racial devido à influência europeia. É por isso que,

> As relações étnico-raciais em nosso país são marcadas, historicamente, por profundas desigualdades socioeconômicas, haja vista a perpetuação do racismo no seio social, realimentado ao longo do tempo por diversas facetas e dissimulações como, por exemplo, o mito da democracia racial e o eurocentrismo curricular. Emerge daí, a sua propagação e desdobramentos no espaço escolar, nas relações sociais, na mídia, nas artes e na literatura. Diante desse quadro geral, enfrentaremos grandes desafios para fazer valer a Lei Federal 10.639/03, em virtude da carência de docentes na área das relações étnico-raciais e, também, da parca publicação e circulação de materiais didáticos, teóricos e literários pertinentes à demanda atual, que é primar pela valorização e ressignificação da história e cultura africana e afro-brasileira, sem cair nas teias enredadas pelo *racismo à brasileira* (Oliveira, 2008, p. 01).

A promulgação da Lei 10.639/03 foi de grande relevância para compor a grade curricular da educação básica brasileira. A Lei também tem o intuito voltado para o reconhecimento da contribuição do povo negro para a formação da cultura afro-brasileira, bem como a reflexão em relação à postura adotada pela sociedade diante do racismo, preconceito e discriminação sofrida por negros e afrodescendentes ao longo da história. É estabelecida a obrigatoriedade do ensino relacionado à história, cultura e literatura africana, indígena e afro-brasileira nos bancos escolares, com o propósito de desconstruir antigos preconceitos inerentes aos negros socialmente.

Embora a Lei contribua na produção de posturas antirracistas, formação de valores e valorização da identidade cultural afro-brasileira e africana, ela por si só não é o suficiente para amenizar situações de desigualdades raciais. Desta forma, efetivá-la, não é tarefa só de professores, mas de toda a escola, de todas as disciplinas, não apenas como um projeto, em datas comemorativas, mas em todo o decorrer do ano letivo, pois é preciso que se recupere o orgulho de ser negro, de se buscar uma pedagogia de autoestima e romper com estereótipos alimentados ao longo da história do Brasil.

1.2 Leis antirracistas

Entendemos a Lei 10.639/2003, primeiramente, como uma política de ação afirmativa, pois, conforme Joaquim Barbosa Gomes (2001, p. 6-7), os objetivos das ações afirmativas são: induzir transformações de ordem cultural, pedagógica e psicológica, visando a tirar do imaginário coletivo a ideia de supremacia racial versus subordinação racial e/ou de gênero; coibir a discriminação do presente; eliminar os efeitos persistentes (psicológicos, culturais e comportamentais) da discriminação do passado, que tendem a se perpetuar e que se revelam na discriminação estrutural; implantar a diversidade e ampliar a representatividade dos grupos minoritários nos diversos setores.

O currículo é âmbito de construção política de representações oficialmente aceitas – de mundo, de sociedade, de pessoas –, das quais se entende que todo cidadão deve apropriar-se, dada a obrigatoriedade de frequência à Educação Básica no Brasil.

Assim, a Lei 10.639/03 tem o potencial de permitir aos alunos negros o reconhecimento e a valorização, subjetivos e simbólicos, de sua identidade e de sua importância na formação da sociedade brasileira. A legislação representa um avanço na democratização do currículo: “É tarefa da escola fazer com que a História seja contada a mais vozes, para que o futuro seja escrito a mais mãos” (Santos, 2001, p.20). A escola é um espaço privilegiado para essa tarefa, já que é “sistemática, constante e obrigatória” (Figueira, 1999, p. 21).

A Lei 10.639/03 tem, assim, caráter compensatório, ao possibilitar a desconstrução de mentalidades e práticas preconceituosas, sequelas deixadas pelo longo período de escravização, visto que “as desigualdades raciais ou de gênero, como quaisquer outras, não se inscrevem na lógica da natureza, mas na lógica das relações. [...] São socialmente criados; podem e devem ser politicamente dirimidos” (Siss, 2003, p.34). Por outro lado, a lei não garante, por si só, a efetivação de seus preceitos. Ela se torna mais um instrumento para que, na dinâmica sociopolítica e no próprio cotidiano escolar, com todas as contradições, conflitos e embates que ali se dão, sejam produzidos os significados e os valores em torno de seu conteúdo.

Assim, não há uma relação direta e imediata entre o ensino da história e da cultura afro-brasileira e a mudança das relações sociais desiguais, mas ele pode ser instrumento de tensionamento das desigualdades raciais, caminho para a desconstrução gradual de mentalidades e práticas sociais discriminatórias, por meio da tentativa de estabelecer diálogos entre visões, concepções e experiências múltiplas – sem que prevaleça a dominação de umas sobre as demais (Cerri, 2006) – e da construção coletiva de uma realidade que contemple a diversidade, garantindo que alguns grupos não apenas deixem de ser responsabilizados por não se adequarem a espaços que os discriminam, mas também saiam do seu local de invisibilidade, silenciamento, exclusão.

De acordo com o parecer do CNE/CP n° 03/2004 (Brasil, 2004, p. 19):

> O sucesso das políticas públicas de Estado, institucionais e pedagógicas, [...] em outras palavras, todos os alunos negros e não negros, bem como seus professores, precisam sentir-se valorizados e apoiados. Depende também, de maneira decisiva, da reeducação das relações entre negros e brancos, o que aqui estamos designando como relações étnico-raciais. Dependem, ainda, de trabalho conjunto, de articulação entre processos educativos escolares, políticas públicas, movimentos sociais, visto que as mudanças éticas, culturais, pedagógicas, e políticas nas relações étnico raciais não se limitam à escola.

Não é difícil perceber a desvalorização da cultura e da história africana na sala de aula. Alguns dos fatores que podem contribuir para isso são a falta de formação dos profissionais sobre temáticas das culturas africanas e afro-brasileiras e, inclusive, a falta de material didático apropriado para realizar uma abordagem correta. Segundo dados do Instituto Alana e Geledés Instituto da Mulher Negra evidenciam que o tema não é trabalhado adequadamente nas escolas públicas por falta de formação profissional, pois 74% das Secretarias Municipais relatam a ausência de profissionais ou equipe responsável pelo ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira. Somente 5% afirmam ter um setor específico para planejar a abordagem do tema e além disso, entre as 1.187 Secretarias investigadas, a maioria, equivalente a 71%, implementa poucas ou nenhuma medida para efetivamente atender aos requisitos estabelecidos pela Lei 10.639/03. Apenas 29% delas demonstram esforços consistentes nesse sentido. Contrapondo esses números, 18% não iniciam

qualquer iniciativa, enquanto 53% se limitam a realizar atividades esporádicas e projetos isolados, muitas vezes associados a datas comemorativas.

Mediante essa preocupação, é fundamental que mudanças aconteçam na forma de ensinar a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, as quais devem partir do aprendizado, engajamento e do comprometimento de professores, alunos, educadores e gestores escolares, estando ainda conscientes de seu papel nesse processo de construção de políticas educacionais igualitárias e, principalmente, no que concerne à educação das relações étnico-raciais.

Nesse sentido, a escola seria então lugar de encontro, de experiências e trocas de saberes e conhecimentos entre negros(as) e não negros(as), de valorização da diversidade e da igualdade, mudando o rumo de uma história de exclusão e discriminação que expulsa a população negra da escola regular (Brasil, 2006, p. 88).

Percebe-se que é de suma importância para as relações étnico-raciais e a valorização da identidade e cultura negra no ambiente escolar:

> O ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana, evitando-se distorções, envolverá articulação entre passado, presente e futuro no âmbito de experiências, construções e pensamentos produzidos em diferentes circunstâncias e realidades do povo negro. É um meio privilegiado para a educação das relações étnico-raciais e tem por objetivos o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos africanos, garantia de seus direitos de cidadãos, reconhecimento e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira.” (Brasil, 2004, p.20).

Por meio do ensino destes conteúdos, pretende-se enfatizar a importância da lei para o âmbito educacional e de se trabalhar a presença das literaturas africanas por meio de metodologias que envolvam diretamente os alunos e o processo de aprendizagem. Assim, se poderá mostrar o possível resultado negativo em letras de músicas, pois é possível desconstruir a visão negativa e pré-estabelecida que contribua para a rejeição da identidade afrodescendente. A percepção que se tem é que a maioria das escolas, por não possuírem materiais didáticos com percepções diferentes que possibilitem

abordar temáticas africanas de maneira inovadora e construtiva, acabam por contribuir com a difusão do etnocentrismo europeu.

Nessa perspectiva, para que isso aconteça é preciso que a sala de aula se transforme num ambiente de aprendizagem da diversidade étnico racial, estimulando os alunos à participação e mostrando a importância que as raças tiveram na formação da cultura brasileira.

Assim, a escola é um lugar que abre caminhos e proporciona educação, estimula formação de valores e comportamentos. Dessa forma, a educação assume um papel de formação e transformação na vida de um povo.

Segundo Petrolina Beatriz Gonçalves e Silva,

> Educação (...) refere-se ao processo de "construir a própria vida", que se desenvolve em relações entre gerações, gêneros, grupos raciais e sociais com intenção de transmitir visão de mundo, repassar conhecimento e comunicar experiências (Brasil, 2005, p.81).

De acordo com a citação apresentada, o papel educacional não está somente relacionado aos muros da escola, a prática educacional deve estar ligada à construção da personalidade do indivíduo. Desta forma, entender as diferenças entre os grupos de uma sociedade proporciona aos jovens amplas experiências de conhecimento de mundo.

O ambiente escolar representa o espaço de interação e sociabilização do saber tanto pedagógico quanto histórico-social, onde se busca desenvolver uma formação crítico-reflexivo no alunado e em todos que compõem e fazem parte desse espaço. Dessa forma,

> A educação escolar deve ajudar professor e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-la para garantir a democracia que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são com suas características próprias e individualizadoras; que busca soluções e fazê-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania (Lopes, 2005, p.189).

Analisando o contexto escolar é possível perceber como a educação é fundamental para a formação da sociedade, educação essa que se constitui como um dos principais mecanismos de transformação de um povo. É papel da escola, de forma democrática e comprometida estimular a formação de valores, de hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças. E é por meio dessa

relação que se estabelece o respeito pela pluralidade étnico-racial na sociedade contemporânea, abrangendo assim, uma cultura multifacetada e diversificada em que estamos inseridos atualmente.

Esse trabalho com o alunado possibilita compreender o espaço escolar, e o que nele ocorre como o lugar que se mantém também a presença de alunos negros, compondo, dessa forma, uma diversidade que merece ser esclarecida e discutida nos bancos escolares, estabelecendo assim, o respeito ao outro. Para tal propósito, o docente em sua prática tem a possibilidade de desconstruir estereótipos e preconceitos racistas relacionados aos negros.

Perante isso, conhecer a história e cultura africana é indispensável para que se conheça a história e cultura brasileira. Assim, existe a Lei n° 10.639/2003 que garante direito. Mas para que a Lei tenha assiduidade de fato é necessário que seja investido na formação dos profissionais da educação, qualificando os agentes para que tenham base para um ensino-aprendizagem eficaz. Assim,

> Os negros, ao longo da história do Brasil, têm sido, juntamente com os índios, os mais discriminados. Essa questão deve ser abordada na escola, incluída objetivamente no currículo, de tal forma que o aluno possa identificar os casos, combatê-los, buscar resolvê-los, fazendo com que todos sejam cidadãos em igualdade de condições, a despeito das diferenças e especificidades que possam existir. Forçoso é reconhecer, porém, que muitos professores não sabem como proceder. É preciso ajudá-los, pondo ao seu alcance pista pedagógicas que coloquem professor e alunos frente a frente com novos desafios de aprendizagem. (Lopes, 2005, p.187).

O principal desafio para a execução do estudo das literaturas africanas nas escolas é certamente o fato de que a maioria dos professores encontra dificuldades em trabalhar com esses temas. Assim, práticas baseadas na subjetividade entre literatura e história podem levar os estudantes a terem acesso a esse conhecimento de forma mais dinâmica, considerando que tal(is) recurso(s) é/seja(m) capaz(es) de aproximar a cultura africana da realidade do aluno e vice-versa.

1.3 A escola e a Lei n° 10.639/2003

A preocupação com a situação do negro no Brasil assume uma importância ainda maior se comparada a outras porque aqui esta herança da África está mais presente, porém, menos valorizada. Essa desvalorização é uma característica facilmente constatada, pois basta olhar a sociedade através de lentes críticas que as discrepâncias sociais saltam aos olhos:

> No que tange às culturas afrodescendentes, é importante aprendê-las dentro do princípio da diversidade, já que, em função dos diferentes grupos culturais africanos que aportaram no território brasileiro, se desenharam aqui modelos diferenciados de culturas afrodescendentes (Pereira, 2007; p.59).

Perante isso, se torna necessário abordar os conteúdos que possibilitem à reflexão acerca da identidade e ancestralidade dos alunos com temas relevantes no que diz respeito à História Africana, sua contribuição para formação social, cultural e econômica para o Brasil; como fazer essa abordagem, evitando relacionar a cultura afrodescendente apenas negra à questão da escravidão, como a historiografia tradicional fazia até alguns anos atrás, faz parte das inquietações dos professores. Porém, deve-se perguntar até que ponto a criação dessa lei e sua implementação nas escolas têm o respaldo e o apoio das políticas que regem a educação no Brasil quando se trata de dar suporte aos professores.

Os muitos materiais didáticos sobre a cultura africana exigem revisões de conteúdos, a fim de desenvolver a prática pedagógica sem as deturpações sobre o estudo da África, na busca pela coerência entre teoria e prática no que diz respeito à eficácia e aplicabilidade da Lei. Isso se evidencia na seguinte afirmação:

> As questões relativas à aplicabilidade da Lei já foram e ainda são discutidas em diversos eventos científicos envolvendo vários especialistas, resultando em propostas, posicionamentos, materiais de apoio aos professores e outras propostas. Entretanto, infelizmente, ainda encontramos profissionais da educação sem o preparo necessário para trabalhar as questões relativas à História e cultura afro-brasileira e africana (Aguiar, 2010, p. 94).

Para que a aplicabilidade da lei tenha os objetivos almejados, necessita-se desenvolver propostas que focalizam temas culturais africanos e afro brasileiros, abordando suas contribuições no âmbito social desmistificando

visões preconceituosas e racistas. A esse respeito, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura africana expõem:

> Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Tem que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados, vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas. (DCN-s, 2004, p.15)

Dessa maneira, torna-se relevante entender que a educação direcionada para a diversidade deve ser um fator importante. Nessa perspectiva, a leitura de textos, atividades artísticas, debates e palestras tornam-se procedimentos pedagógicos relevantes para o processo de aprendizagem dos alunos.

Tal aplicabilidade deve assegurar relações sociais que visem respeito entre os sujeitos, sejam estes pertencentes a uma classe superior ou não, mas sempre tendo em vista que todos são capazes de aprender a respeitar e valorizar a herança histórica e cultural africana/indígena como sendo sujeitos protagonistas pertencentes a um contexto histórico-social brasileiro diverso e pluriétnico, ou seja, “o negro precisa ser o senhor do seu próprio destino, não mais coisa, sim ser humano, não mais espectador, e sim participante no grande jogo existencial” (Barcelar, 2007, p.47). A esse respeito pode-se dizer que,

> A pluralidade faz surgir um país feito a muitas mãos, onde todos juntos, vindos de tradições diversas, com distintas formas de arrumar o mundo, com inúmeras concepções do belo, conseguem criar uma comunidade plena da consciência da importância da participação de cada um na construção do bem comum. Todos podem ser diferentes, mas não absolutamente necessários. Só com esta união na diversidade se constrói um mundo novo, onde se respeita a maneira de cada (...). A população afrodescendente no Brasil tem características culturais muito marcantes, que precisam ser estudadas e entendidas já que a contribuição dos inúmeros países africanos é muito significativa para todos os setores da vida brasileira, quer se relacione a linguagem, a vida familiar, ao sistema simbólico, a comunidade religiosa, a produção do saber. (Theodoro, 2005, p.83)

Com base nisso, é que poderá disseminar o preconceito no espaço escolar e desmitificar a visão que se tem de África, podendo assim integrar mais profundamente a cultura africana para uma reflexão histórica conhecendo

realmente o que há de “belo” em tal herança e corrigir a ideologia repassada nas escolas a respeito da cultura. Pode-se, segundo Silva (2005, p.31),

> identificar e corrigir a ideologia, ensinar que a diferença pode ser bela, que a diversidade é enriquecedora e não é sinônimo de desigualdade, é um dos passos para a reconstrução da autoestima, do autoconceito, da cidadania e da abertura para o acolhimento dos valores das diversas culturas presentes na sociedade.

Tal direcionamento visa à valorização da identidade negra dentro da sociedade, como também, seu papel na educação a partir da necessidade de discursar sobre os negros em sala de aula sem entraves e preconceitos existentes nas cabeças dos discentes e principalmente dos docentes, a fim de acabar com estereótipos estabelecidos pela escravidão na época do Brasil colônia.

Nessa perspectiva a ideologia, Silva (2005, p.33) expõe o seguinte pensamento:

> A desconstrução da ideologia que desumaniza e desqualifica pode contribuir para o processo de reconstrução da identidade étnico/racial e autoestima dos afrodescendentes, passa fundamental para a aquisição dos direitos de cidadania.
> A desconstrução da ideologia abre possibilidade do reconhecimento e aceitação dos valores culturais próprios, bem como a sua aceitação por indivíduos e grupos sociais pertencentes a outras raças/etnias, facilitando as trocas interculturais na escola e na sociedade. Corrigir o estigma da desigualdade atribuído às diferenças constitui-se em tarefa de todos e já são numerosos os que contribuem para atingir esse objetivo.

A cultura negra é um campo a ser (re)descoberto e desfrutado pelos leitores em todo seu âmbito e aspectos, que podem ser cultural, econômico, histórico e social. Ou seja, acredito que essa é uma importante maneira (talvez a única) para se abstrair o verdadeiro conhecimento e grandiosidade que encobre essa “arte” em nossa sociedade, “mascaradamente” preconceituosa e racista. A invisibilização dessa arte, a priori, é causada por estereótipos e estigmatizações, que tentam colocar os negros às margens dos discursos sociais e não permitem que ele exerça sua cidadania.

Outro fator de relevância para o ensino das culturas africanas é a prática interdisciplinar nas escolas, pois há uma preocupação com a condição humana do educando e sua formação integral. Assim, segundo Fazenda (1998, p.117),

“para o exercício da interdisciplinaridade é necessário pautar-se no argumento do “mundo real”, ou seja,” [...] A vida, segundo esse argumento, é interdisciplinar e reflete de modo mais eficiente na aprendizagem do educando. [...]”. Dessa maneira, a prática interdisciplinar serviria como solução para alguns problemas sociais, à medida que se desenvolveriam cidadãos mais críticos e conscientes de seus papéis sociais.

Portanto, mesmo que a política social não exerça seu papel como deveria, cabe a todos os cidadãos brasileiros fazer valer sua cidadania, quanto a essa questão tão conflitante para a maioria da população, conhecimentos que podem aflorar até mesmo entre familiares e depois, consequentemente, nas escolas que por causa de teorias racistas e discriminatórias escondem sua descendência e raiz histórica de um passado visto apenas por um olhar (eurocêntrico): “No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista ao qual foram socializados” (Munanga, 2005, p.17).

Assim, sabendo da necessidade social, histórica e cultural de aprender mais sobre as culturas africanas, promove na sociedade a responsabilidade por diminuir práticas discriminatórias e racistas, estabelecendo mecanismos para a discussão das divergências culturais e raciais no Brasil.

O surgimento da Lei trouxe grandes avanços para o processo de ensino aprendizagem, pois oficializar a implantação das temáticas africanas e afro-brasileiras na escola provocou um despertar de pensamentos, visto que essas abordagens foram capazes de colocar em debate temas que há muito tempo foram silenciados por uma falsa ideologia de “não existir preconceito” em decorrência do processo histórico.

Contanto a lei 10.639/03 deve ser um dos pilares para a elaboração do currículo escolar, pelo fato de oferecer um ensino que valoriza a diversidade cultural africana e afro-brasileira. Dessa forma, a inclusão da referida Lei em sala de aula tem como principal objetivo auxiliar na formação de cidadãos esclarecidos.

Sendo assim, um dos papéis da escola é direcionar, a partir de informações selecionadas, e focar no estudo histórico como um todo,

ocasionando uma posição favorável em relação à discussão e inserção das temáticas africanas, pois mesmo sendo regido por lei, o estudo desta ainda enfrenta sérios problemas.

Entende-se que tentar desintegrar esses pensamentos negativos requer um trabalho árduo, visto que até o livro didático apresenta o negro de maneira limitava. Estudar a cultura africana e afro-brasileira é apresentar a realidade sobre esses temas, fazendo com que a discriminação racial seja reduzida e até mesmo solucionada.

A escola é um ambiente formador, entretanto não livre desse problema social, muitos alunos ainda apresentam pensamentos racistas e preconceituosos, é possível quando se tem consciência da heterogeneidade dos povos, consciência essa auxiliada pela obrigatoriedade do ensino das culturas e literaturas africanas e afro-brasileiras.

Tendo em vista as condições atuais da rede de ensino pública e a falta de investimento e preparo, a maioria das escolas não conseguiram tornar essa mudança uma prática curricular, dessa forma, desenvolver projetos que resgatem a contribuição do negro na sociedade por meio da literatura e do bom uso de recursos como narrativas, explorando a subjetividade, torna-se um artifício facilitador no processo da aplicação dos temas africanos.

As literaturas, junto aos recursos como a interdisciplinaridade, filmes, músicas, livros, entre outros, aparecem, nesse sentido, como auxiliadores do processo de ensino-aprendizagem buscando redirecionar as visões do continente africano e sua herança para o Brasil. A educação representa um meio de emancipação, mas não se pode ignorar que a presença de indivíduos negros em salas de aula historicamente provocou aversão. Permanecer no ambiente escolar, portanto, constitui um desafio que atravessa séculos, uma vez que o racismo persiste como uma realidade inegável no Brasil.

Assim, são necessárias metodologias que visam fomentar uma educação que combata o racismo nas salas de aula dos espaços educacionais, enfatizando a importância de oficinas abordando temáticas afrofuturistas como práticas pedagógicas incluindo os gêneros textuais/literários oriundos das culturas africana e afro-brasileira, como exemplo, temos o conto, o samba, a poesia slam, podcast e a dramaturgia tendo o futuro do negro como referência,

com o intuito de descontruir narrativas coloniais e realçando a influência africana na construção da identidade nacional.

Portanto, além de todos esses fatores, os benefícios que esses conteúdos podem trazer para a sala de aula, escola e meio social são indiscutíveis. O que se pretende não é romper com o ensino já existente, mas modificá-lo de forma a adequá-lo ao estabelecido perante a Lei. Acreditamos que com um ensino que valorize as riquezas e contribuições do povo africano e afro-brasileiro pode-se mudar uma sociedade que ainda vive na sombra do racismo.

2 FORMAÇÃO LEITORA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

> *Quando não souber para onde ir, olhe para trás e saiba pelo menos de onde você vem*
>
> (Provérbio africano)

A escola, na atualidade, tem como objetivo formar cidadãos plenos, capazes de observar o mundo ao seu redor de maneira crítica e de agir sobre

sua realidade. Para alcançar esse propósito, é fundamental proporcionar aos educandos oportunidades de leitura que estimulem a reflexão. Nesse contexto, o acesso à literatura no ensino fundamental torna-se essencial para o desenvolvimento da consciência cidadã nas crianças.

A Constituição Federal de 1988 assegura o direito à educação a todos os cidadãos. No artigo 205, estabelece que a educação é "direito de todos e dever do Estado e da família, promovida com a colaboração da sociedade, com o objetivo de garantir o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho." Assim, uma atividade aliada ao processo educacional é a leitura, presente nas escolas desde sua origem, tem como objetivo principal a formação de leitores. Para isso, é indispensável concebê-la como uma atividade capaz de proporcionar uma experiência única e significativa com o texto literário.

O aluno precisa perceber que através da leitura de um texto literário conseguimos imaginar, sentir, questionar e criar diversas possibilidades de leitura do mesmo texto e entender que através desse mesmo texto, podemos confrontar e relacionar com a sua realidade. Zilberman e Silva (2005) enfatizam sobre a importância de se aprender a ler, para que o leitor ascenda instrucional e socialmente, caminhando para o sucesso. A literatura, quando abordada e trabalhada de maneira significativa para o aluno, segundo Eagleton (2003) a literatura instiga, excita, e é um instrumento valioso de atitude e poder.

O ensino de literatura desempenha um papel crucial na formação humana, integrando o processo educativo com a finalidade de libertar o indivíduo. Ele capacita o aluno a perceber sua realidade e a identificar as formas de melhorá-la, tornando-o uma pessoa ativa na transformação tanto pessoal quanto coletiva.

Antonio Candido, crítico literário, argumenta, em uma palestra sobre o direito à literatura que, para alcançar o equilíbrio social, é fundamental garantir o acesso da população à literatura. Ele destaca que a literatura provoca inquietações ao abordar problemas relacionados à sociedade como um todo. O confronto dialético entre a leitura e a realidade vivida pelo leitor estimula uma reflexão crítica, motivando-o a agir sobre sua própria realidade.

Segundo o autor, toda obra literária possui o poder de humanizar, pois implica a superação do caos. Ele afirma que "o processo de humanizar requer o

exercício da reflexão, a aquisição do saber, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo" (Candido, 2008, p. 6).

A humanização promovida pela literatura ocorre devido ao seu efeito duplo no leitor: ao mesmo tempo em que o transporta para o mundo da fantasia com situações irreais, ela o estimula a assumir um posicionamento intelectual. Mesmo distante de sua rotina, a literatura convida o leitor a refletir sobre o cotidiano e a incorporar novas experiências. Durante o processo de leitura, o leitor entra em contato com diferentes culturas, o que instiga a compreensão de seu papel como sujeito histórico e participante ativo na sociedade:

> A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo (Zilberman, 2009, p. 17).

Candido (2012) destaca que a literatura exerce tanto uma função social quanto uma função psicológica. Ele argumenta que todo ser humano, em algum momento da vida, necessita da fantasia, e a literatura atende a essa necessidade de diferentes maneiras, seja por meio de formas simples, como contos, parlendas e trocadilhos, ou por meio de formas mais complexas, como narrativas populares, lendas, mitos e contos elaborados.

A literatura por meio das obras literárias age em nosso subconsciente de maneira requintada ao trazer situações que nos levam a refletir, criar caminhos de superação e reavaliar nossas atitudes. Essas experiências estimulam o crescimento pessoal e humano. Assim, no processo educacional de ensino, a leitura literária se apresenta como um pilar importante para a formação de uma educação antirracista. Através dela, experimentamos diversas perspectivas de mundo ao permitir que o sujeito se insira e compreenda a realidade ao seu redor. É também por meio da literatura que o processo educacional antirracista se constrói, promovendo a reflexão e a conscientização sobre questões de raça e identidade.

Dessa forma, a literatura cria oportunidades para uma educação antirracista ao se tornar uma abordagem pedagógica que visa desmantelar preconceitos raciais e promover uma compreensão mais profunda e respeitosa das diferenças (Sousa et al., 2022). No Brasil, onde a história e a cultura são profundamente influenciadas por raízes africanas, é crucial que o sistema educacional reconheça e valorize essas contribuições (Braúna et al., 2022). Tal abordagem pedagógica pretende ser um passo nessa direção, oferecendo aos alunos uma perspectiva mais inclusiva e abrangente da história e cultura nacionais.

2.1 A literatura e a educação antirracista

As práticas pedagógicas antirracistas são permeadas por nuances que refletem um complexo histórico de eventos, sustentando as lutas sociais da população negra por igualdade, direitos e reconhecimento de sua cultura, identidade, origem e, acima de tudo, de sua humanidade. No âmbito educacional, o ensino antirracista, por meio da literatura, emerge como uma ferramenta transformadora, capaz de romper paradigmas e preconceitos ao valorizar a identidade étnico-racial e preservar a integridade física e moral de um povo. Fundamentado nos princípios democráticos, esse processo assegura o direito à preservação das características únicas de grupos ou minorias.

Dessa forma, a literatura desempenha um papel fundamental no fortalecimento da luta antirracista, e a sala de aula torna-se um espaço essencial e urgente para a formação crítica do leitor e do indivíduo na sociedade. As obras literárias são instrumentos importantes para promover discussões sobre questões raciais e antirracistas, contribuindo para o desenvolvimento de práticas pedagógicas eficazes que enfrentam e contradigam o racismo.

Na perspectiva da formação literária e do desenvolvimento de leitores críticos, Rildo Cosson (2014) destaca o letramento literário como um caminho relevante. De acordo com o autor, trata-se do “processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”, no qual o indivíduo, ao compreender os significados presentes nos textos literários, internaliza-os e, por meio do uso contínuo, assegura seu domínio efetivo. Assim, a leitura literária

revela-se uma ferramenta pedagógica essencial, contribuindo para a construção social e crítica do leitor na sociedade.

Além disso, enfatizou-se a relevância das discussões étnico-raciais no ambiente escolar e seu impacto positivado na promoção de uma educação livre de preconceitos e, acima de tudo, antirracista. Soma-se a essa perspectiva a compreensão da Literatura como “uma produção cultural que representa as relações sociais e expressa identidades” (Cosson, 2021, p. 100), ao destacar seu papel na construção de uma visão crítica e inclusiva na formação dos estudantes.

Tal panorama acerca do papel da Literatura nos convida a questionar e repensar os materiais didáticos e as obras literárias disponíveis em nossas escolas, procurando por conteúdos que valorizem a diversidade e promovam uma representação empoderada das pessoas negras. Ao fazer isso, a literatura se torna um veículo para a construção de identidades fortalecidas e para o combate ao racismo desde a infância.

Figura 1: Educação Antirracista na educação infantil



Fonte: Site oficial da Prefeitura de Vitória (2021)

A escolha de obras que refletem a diversidade cultural e racial do Brasil não apenas enriquece o repertório dos alunos, mas também os equipam com as ferramentas críticas necessárias para navegar e questionar as dinâmicas raciais em sua própria vida. A literatura, nesse contexto, revela-se um espelho e uma janela: um espelho que reflete as realidades dos alunos negros e uma janela para outras experiências e perspectivas.

Farias (2018) contribui para a discussão ao examinar a representação do negro na literatura infantil brasileira ao destacar a necessidade de obras que retratem personagens negros de maneira autêntica. A presença de tais representações é importante para o desenvolvimento da identidade racial positivada de crianças negras, bem como para a educação de crianças não negras sobre a diversidade e o respeito às diferenças.

Por fim, Godoy (2017) aborda a ausência das questões raciais na formação inicial de professores e a implementação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Este estudo aponta para a necessidade de uma formação docente que prepare os educadores para lidar com as questões raciais de maneira informada e crítica, utilizando a literatura como um dos recursos para alcançar esse objetivo.

A concepção de literatura tem se transformado ao longo da história, assim como o papel que desempenha na sociedade ao variar conforme a época e o contexto de quem a produz. Sua função nem sempre é deliberada, podendo também ser fonte de prazer e entretenimento, explorando a arte da palavra com sua riqueza de significados que evocam sensações e criam imagens. Contudo, os textos literários frequentemente impactam a realidade social, ao tratar de temas relacionados a questões políticas, filosóficas, ideológicas e pedagógicas. Nesse sentido, a literatura desempenha um papel social ao provocar reflexões e, muitas vezes, transformar comportamentos, incentivando um olhar mais atento e crítico sobre os acontecimentos ao redor.

Ao analisar a história dos povos diaspóricos, ressalta-se o protagonismo de negros e negras, bem como as transformações ao longo das gerações. Os silêncios que lhes foram impostos jamais representaram uma verdade absoluta, pois eles resistiram à opressão, à exclusão e às constantes tentativas de silenciamento.

Nesse contexto, destaca-se o pensamento de Antonio Candido, que defende a literatura como um direito fundamental. No entanto, observamos que a fruição da literatura e a representação nas obras muitas vezes são negadas a pessoas negras e às classes que foram mantidas como inferiores ao longo do tempo. Quando representados, esses grupos frequentemente são alvo de narrativas que falam por eles, perpetuando visões estereotipadas. Historicamente, suas vozes foram silenciadas, não encontrando legitimidade na

literatura e na arte. Essa violência epistêmica é evidenciada pela historiografia, como aponta Spivak (2010, p.85), ao afirmar que “o sujeito subalternizado não tem história e não pode falar [...]”.

Evaristo (2007, p. 20) afirma que “escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo”. Nesse sentido, a literatura afrocentrada, é uma produção literária focada nas experiências, histórias, culturas e perspectivas dos povos africanos e afrodescendentes, surge como um convite à reflexão, promovendo o deslocamento do olhar e oferecendo aos negros e negras a oportunidade de serem ouvidos e visibilizados. Essa criação literária possibilita que narrativas afastadas do eu-hegemônico ganhem espaço ao incentivar debates e reflexões sobre a sociedade brasileira e o papel central dos povos afro-brasileiros na construção do nosso país.

A literatura afrocentrada, ao valorizar as experiências, histórias e culturas de povos africanos e afrodescendentes, lança as bases para outros movimentos literários e artísticos que exploram as perspectivas negras, como o afrofuturismo. Enquanto a literatura afrocentrada se concentra na valorização das raízes e na crítica às narrativas coloniais, o afrofuturismo expande essas abordagens ao projetar o protagonismo negro em contextos futuros ou alternativos. Ele combina elementos de tecnologia, ficção científica e ancestralidade para reimaginar identidades negras em cenários de ruptura com opressões históricas.

O afrofuturismo compartilha diversas características com a Afrocentricidade. Entre elas, destaca-se a centralidade da África na narrativa histórica e na produção do conhecimento global, reconhecendo o papel fundamental do continente e de seus povos. Além disso, o africano e seus descendentes na diáspora são posicionados como protagonistas e agentes ativos de suas próprias histórias, desafiando narrativas de apagamento. O movimento também valoriza a preservação e a defesa dos elementos culturais africanos, promovendo suas tradições, símbolos e práticas. Por fim, há um compromisso com a construção de um vocabulário que resgate e exalte afirmamente as raízes afrocentradas, reforçando e o reconhecimento da identidade negra.

2.2 Afrofuturismo: conceitos, importância, afirmação do povo negro

O termo afrofuturismo foi introduzido pelo teórico e crítico cultural Mark Dery em seu ensaio *Black to the Future* (1994), no qual ele destaca a ausência de autores negros na literatura de ficção científica nos Estados Unidos. Esse movimento cultural abrange diversas expressões artísticas, como música, quadrinhos, cinema, moda, artes plásticas e literatura, promovendo a fusão entre ancestralidade e inovação tecnológica ao traduzir a proposta de reimaginar o futuro a partir de perspectivas afrocentradas.

O movimento surge como um movimento cultural e estético que combina elementos de ficção científica, tecnologia, ancestralidade e expressões artísticas para reinterpretar a história e projetar futuros possíveis para a população negra ao questionar narrativas hegemônicas que marginalizam as contribuições e vivências afrodescendentes, ele se torna um espaço de afirmação e resistência com o resgate das identidades a partir da celebração da diversidade cultural do povo negro. Através da literatura, música, cinema e outras formas de arte, o movimento não apenas denuncia o racismo estrutural, mas também reivindica o protagonismo negro na construção de futuros mais justos e inclusivos.

O movimento estético afrodiaspórico representa um espaço de ressignificação das experiências da diáspora africana, ao reinterpretar o passado e projetar futuros marcados pela superação de opressões. Conforme argumenta Afonso (2019), a desigualdade racial no Brasil torna o afrofuturismo uma ferramenta essencial para repensar e transformar as dinâmicas sociais, oferecendo novos olhares e caminhos para combater injustiças históricas. Dentro desse movimento, a figuração dos negros e negras não são apenas personagens secundários ou marginais, eles são heróis, líderes e inovadores ao protagonizar histórias que desafiam estereótipos e redefinem o lugar dos negros na sociedade e na história.

Empoderar as comunidades negras através do afrofuturismo na educação é um passo determinante para promover a representação, o empoderamento e desafiar os estereótipos ao integrar o afrofuturismo nos currículos educativos, os estudantes e as comunidades negras podem ser inspirados e capacitados com as ferramentas para quebrar o ciclo da pobreza e

contribuir positivamente para a sociedade. No entanto, a implementação do afrofuturismo na educação pode enfrentar resistências e desafios, e podem ser necessárias mudanças sistêmicas para além do currículo para empoderar verdadeiramente as comunidades negras. Apesar dos potenciais obstáculos, o movimento tem potencial para revolucionar a educação e promover uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

A incorporação de temas e narrativas afrofuturistas, os alunos são expostos a uma gama de perspectivas e experiências que ressoam com suas próprias identidades. Essa representação valida as experiências dos estudantes negros, mas também os capacita a orgulharem-se da sua herança e cultura. Além disso, a representação na educação pode inspirar os estudantes negros a destacarem-se acadêmica e profissionalmente, sabendo que as suas vozes e contribuições são/serão valorizadas. O movimento estético negro também estimula a criatividade e a inovação entre os estudantes negros, encorajando-os a pensarem além das fronteiras existentes e a imaginarem novas possibilidades para si próprios e para as suas comunidades.

O afrofuturismo a partir da ficção especulativa negra tem seu foco no futuro e na reimaginação de mundos, é particularmente valioso para a literatura ao oferecer aos jovens leitores modelos de papel positivados e histórias que refletem suas experiências e aspirações. Ao incorporar obras afrofuturistas no currículo por meio da literatura, os educadores podem estimular nos alunos uma reflexão crítica sobre racismo, desigualdade e justiça social, ao mesmo tempo em que alimentam a imaginação e promovem a apreciação da diversidade cultural.

Dessa forma, o afrofuturismo pode ter um papel reflexivo a desempenhar na literatura juvenil, não apenas como uma ferramenta para combater o racismo, mas também como uma fonte de inspiração e empoderamento. Através de histórias que combinam elementos de ficção científica com a cultura e história afro-brasileira, ele pode ajudar a cultivar uma nova geração que valoriza a diversidade e está comprometida com a construção de um futuro mais justo e igualitário, aos grupos colocados à margem.

Podemos destacar também a importância dos critérios utilizados na escolha de obras literárias que abordem o movimento estético negro, enfatizando a necessidade de inclusão de perspectivas diversificadas que

reflitam a realidade multicultural da sociedade brasileira. A literatura a partir da perspectiva afrofuturista atende a essa necessidade ao oferecer narrativas que rompem com os estereótipos raciais e promovem a representação positivada de personagens negros em contextos futurísticos e tecnológicos. Esse enfoque não apenas enriquece o repertório literário disponível para crianças e adolescentes, mas também contribui para a construção de uma identidade étnico-racial afirmativa.

A literatura afrofuturista dialoga com essa tradição de resistência, projetando-a em cenários futurísticos onde o povo negro não apenas sobrevive, mas prospera e lidera. Esta perspectiva é essencial para desafiar as narrativas convencionais e inspirar os jovens a imaginar e assegurar o futuro dos negros. Para isso, há Iniciativas como o Sarau das Onças, que valoriza as vozes periféricas e negras por meio da poesia e da música, dialogam diretamente com os princípios do movimento afrofuturista ao criar espaços onde a criatividade e a ancestralidade se entrelaçam. Assim, o Sarau das Onças oferece um presente transformador, no qual as histórias e vivências da população negra são protagonistas e instrumentos de mudança social.

Figura 2: Representação da representatividade no Sarau da Onça



Fonte: SoteroPreta (2023)

O Sarau da Onça (2017) representa uma manifestação cultural que reúne poesias e contos da vida nas favelas, evidenciando a riqueza e a complexidade das experiências negras no Brasil. A inclusão dessas vozes na

literatura juvenil afrofuturista permite uma maior autenticidade e profundidade nas narrativas, assegurando que as histórias contadas reflitam as realidades vividas pelas comunidades negras. Além disso, ao destacar a criatividade e resiliência dessas comunidades, a literatura pode funcionar como um veículo de empoderamento e esperança.

Nesse mesmo contexto, as bonecas Abayomis simbolizam a resistência e a conexão com as raízes africanas, carregando em si histórias de cuidado e preservação cultural. Criadas em momentos de adversidade, as Abayomis representam não apenas um elo com a ancestralidade, mas também um ato de criação que transforma a dor em arte e força. Esse simbolismo se alinha às narrativas afrofuturistas, que transformam traumas históricos em bases para imaginar futuros mais justos para a população negra.

Figura 3: Bonecas Abayomis



Fonte: Lupa do Bem (2023)

A união dessas manifestações artísticas e culturais evidencia como o Afrofuturismo e expressões como o Sarau das Onças e as bonecas Abayomis constroem pontes entre a memória ancestral e os sonhos de futuros emancipatórios para a população negra.

Esses exemplos ilustram a importância de métodos criativos de contar histórias que não apenas educam sobre o passado, mas também inspiram visões de futuro. A literatura juvenil afrofuturista, ao incorporar tais elementos, enriquece sua capacidade de conectar leitores com suas heranças culturais ao mesmo tempo em que os encoraja a vislumbrar futuros alternativos e positivados.

A representação do negro na literatura brasileira aponta para a escassez de representações afirmativas e complexas de personagens negros que frequentemente são marginalizados ou estereotipados na literatura, no cinema,

na arte, dentre outros ambientes. A interseccionalidade, nesse contexto, exige um olhar crítico sobre as formas pelas quais diferentes formas de opressão, como racismo e etnocentrismo, se sobrepõem e se interconectam e enfatiza-se a necessidade de uma literatura que represente autonomamente as comunidades negras.

Assim, é importante refletir sobre a ausência das questões raciais na formação inicial de professores e a implementação da Lei 10.639/03, que visa incluir o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. Este debate é crucial também para a inclusão de conteúdos que abordem a história e cultura indígena, sublinhando a importância de uma educação que valorize todas as culturas e histórias que formam o tecido social brasileiro. A literatura, ao incorporar narrativas que tratam dos negros e afrodescendentes, desempenha um papel fundamental na construção de currículos educacionais mais inclusivos e representativos.

O letramento racial crítico torna-se uma ferramenta pedagógica que visa promover uma compreensão mais profunda das questões raciais e incentivar o compromisso ativo contra o racismo. A inclusão de narrativas negras dentro deste quadro de letramento racial amplia o entendimento sobre a diversidade racial e cultural, promovendo uma educação que prepara os indivíduos para agir de forma antirracista em todos os aspectos da sociedade. Sendo assim, estas narrativas fornecem diretrizes sobre como ser um educador antirracista, enfatizando a importância de abordagens educacionais que desafiem preconceitos e promovam a igualdade racial.

2.3 Educação literária antirracista nas escolas

Através da literatura, é possível criar conexões profundas com as vivências de personagens negros, proporcionando aos alunos um meio de compreender e refletir sobre as realidades sociais fora de seu próprio contexto. A implementação de práticas de leitura que incluam obras de autores negros e que tratem de temas raciais de maneira sensível e profunda é crucial para fomentar um ambiente educacional inclusivo e consciente.



Fonte: Companhia das Letras (2020)

É evidente que o potencial da literatura afro-brasileira no encantamento de crianças e jovens, bem como seu papel como meio articulador do letramento racial crítico em sala de aula. A introdução de obras que exploram a riqueza da cultura afro-brasileira e as complexidades das experiências negras pode transformar a sala de aula em um espaço de diálogo e descoberta, onde alunos são incentivados a questionar narrativas hegemônicas e a valorizar a diversidade cultural e racial.

A discussão da representação do negro na literatura brasileira é de extrema relevância e apontar para a necessidade de uma curadoria cuidadosa de obras que desafiem estereótipos e promovam representações positivas e multifacetadas de personagens negros. A escolha consciente de textos literários é fundamental para combater o racismo desde os primeiros anos de formação, permitindo que crianças negras se vejam representadas de maneira digna e que crianças não negras desenvolvam empatia e respeito pela diversidade.

Outro fator importante é refletir sobre a ausência das questões raciais na formação inicial de professores e a importância da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Esta lei representa um marco legal para a implementação de uma educação literária antirracista, mas sua efetividade depende da formação de professores capacitados para tratar de questões raciais de maneira crítica e sensível, utilizando a literatura como uma de suas principais ferramentas.

Lembrar-se da importância de reconhecer e discutir as raízes históricas do racismo e suas manifestações presentes por meio da literatura na escola deve servir não apenas para explorar as histórias e culturas afro-brasileiras, mas

também para promover uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder e privilégio racial que permeiam a sociedade.

Nota-se que a literatura é valiosa porque transcende o tempo e o espaço, funcionando como um espelho da humanidade e uma janela para novas perspectivas. Por meio das palavras, ela preserva histórias, culturas e tradições, permitindo que as gerações futuras compreendam o passado e reflitam sobre o presente. A literatura estimula a imaginação, desperta emoções e promove o pensamento crítico, ajudando-nos a explorar ideias complexas e a enxergar o mundo sob diferentes lentes. Clubes de leitura, redes sociais e outros ambientes podem oferecer a oportunidade de destacar obras que abordam as realidades do racismo ao proporcionar espaços para discussão, reflexão e aprendizado. Ao promover a literatura, essas plataformas contribuem para a educação e sensibilização de uma audiência ampla, incentivando a reflexão crítica sobre as estruturas sociais que perpetuam a desigualdade.

A discussão sobre a relevância da literatura e os critérios para a escolha de obras literárias, sublinhando a importância de abordagens conscientes que valorizem a diversidade e a inclusão, pois a escassez de representações afirmativas de negros na literatura e na produção acadêmica brasileira é evidente. Essa lacuna não apenas reflete as disparidades raciais presentes na sociedade, mas também reforça estereótipos negativos e limita as oportunidades de identificação positiva para os jovens negros. A falta de personagens com os quais possam se identificar contribui para a marginalização de suas experiências e dificulta a construção de uma identidade fortalecida ao ressaltar a necessidade urgente de diversificar as representações na literatura infantil e juvenil.

Por isso, ressalta-se a importância da leitura como uma prática prazerosa que também desempenha um papel essencial na educação das relações étnico-raciais. Eles argumentam que a seleção de textos que incluam experiências, histórias e personagens negros pode ser uma ferramenta valiosa na promoção da igualdade racial. Essa prática não apenas aumenta a visibilidade de narrativas afro-brasileiras, mas também fomenta um ambiente de aprendizado mais inclusivo e representativo, onde todas as crianças possam sentir-se valorizadas e respeitadas.

O poder da literatura afro-brasileira de encantar e engajar o público infantil e juvenil, ao mesmo tempo em que promove o letramento racial crítico,

por meio da introdução de obras que celebram a cultura afro-brasileira e abordam as questões raciais de maneira construtiva, pode estimular nos jovens uma apreciação pela diversidade e um questionamento das estruturas de desigualdade racial. Assim, é perceptível a capacidade da literatura de funcionar como um veículo para o diálogo e a reflexão crítica, elementos essenciais na formação de indivíduos conscientes e empáticos.

A representação do negro na literatura, apontando para as consequências negativas de uma representação estereotipada e insuficiente. O estudo reforça a ideia de que crianças negras necessitam ver-se representadas de maneira positiva em histórias que reflitam suas vivências, sonhos e aspirações. Ao mesmo tempo, a presença de uma literatura diversificada que inclua essas representações pode desempenhar um papel significativo na educação de crianças não negras, promovendo a empatia, o respeito pela diversidade e o combate ao racismo desde a infância.

É de suma importância refletir sobre a relevância e os desafios associados à incorporação da literatura na educação, destacando seu papel fundamental na promoção de uma sociedade mais justa e igualitária. A análise conduzida ao longo da pesquisa demonstrou que, apesar dos obstáculos existentes, a literatura antirracista emerge como uma ferramenta poderosa para combater o racismo estrutural, ao oferecer narrativas que ampliam a compreensão sobre a diversidade racial e cultural.

Ficou evidente que a educação literária possui o potencial de transformar visões de mundo, desmantelando preconceitos e estimulando o desenvolvimento de uma consciência crítica entre alunos e educadores. Através das histórias, personagens e contextos apresentados nas obras literárias antirracistas, os leitores são convidados a refletir sobre as desigualdades sociais e a reconhecer as diferentes realidades vivenciadas por pessoas negras e de outros grupos racializados. Esse processo de reconhecimento e empatia é essencial para a construção de relações sociais mais respeitosas e inclusivas.

No entanto, a integração efetiva da literatura afrofuturista nos currículos escolares exige uma revisão crítica das práticas pedagógicas e dos materiais didáticos tradicionalmente utilizados. A resistência institucional e a falta de formação específica dos professores para tratar temas raciais de forma adequada são desafios que necessitam ser superados. É imprescindível que as

instituições de ensino se comprometam com a formação continuada de seus docentes, proporcionando-lhes as ferramentas necessárias para abordar a literatura antirracista em sala de aula de maneira eficaz e sensível.

Portanto, a literatura afrofuturista representa um recurso educacional valioso, capaz de instigar reflexões profundas sobre questões raciais e sociais. Para maximizar seu potencial transformador, é fundamental que haja um comprometimento conjunto de educadores, instituições de ensino, alunos e comunidade em geral na promoção e valorização dessa literatura. Ao priorizar a inclusão de obras antirracistas nos currículos e práticas pedagógicas, bem como ao estimular discussões informadas e críticas sobre as mesmas, será possível avançar na construção de ambientes educacionais que reflitam os princípios da justiça, da igualdade e do respeito mútuo.

3 AFROFUTURISMO E RAÍZES DO AMANHÃ

Desenhar futuros é preciso e indispensável

(Luana Souza Gomes Tiznado)

Este provérbio[4] sintetiza o que considero a essência do movimento afrofuturista: imaginar e projetar um futuro em que a liberdade e a igualdade sejam realidades concretas para as pessoas negras, permitindo que sejamos o que desejarmos. Trata-se de buscar novas possibilidades para um futuro não apenas com a presença de pessoas negras, mas um futuro que seja negro em sua essência, um futuro no qual possamos ser livres para ocupar qualquer espaço que quisermos, guiados pelos saberes ancestrais que iluminam e fundamentam novos conhecimentos. Dessa forma, desafiamos as estruturas sociais e econômicas, assumimos o protagonismo de nossas histórias e recusamos que outros falem em nosso lugar.

O afrofuturismo é uma corrente estética e política que utiliza a ficção especulativa como ferramenta para imaginar novos horizontes para as populações negras. Esse movimento atende a duas demandas fundamentais: a primeira é o fortalecimento do autoconhecimento, o que inclui a compreensão da própria história e do lugar no mundo. A segunda é a preservação e continuidade dessas comunidades, desafiando as violências estruturais que marcam sua/nossa existência, como o genocídio, o encarceramento em massa e o

[4] Segundo o pesquisador Santos (2017), os provérbios, presentes historicamente em todas as sociedades, são expressões ricas em poesia e enigmas. Embora frequentemente bem estruturados do ponto de vista fraseológico, não possuem autoria definida. Surgem e se perpetuam ao longo das gerações, o que lhes confere uma dinâmica de aperfeiçoamento contínuo, caracterizando-os como fruto de uma construção coletiva. Em diferentes culturas, podem ser conhecidos por nomes como ditos, ditados, máximas, sentenças, entre outros. De modo geral, os provérbios desempenham diversas funções: introduzir ou concluir histórias, educar, agradar, resolver situações, criar imagens, alimentar o imaginário, entre outras possibilidades.

apagamento cultural e epistemológico. Assim, o Afrofuturismo reafirma que a preocupação com um futuro digno para a população negra sempre foi um dos maiores desafios herdados da diáspora.

Eu sempre imaginei um presente e futuro no qual, nós, negros e negras, possamos viver e não apenas sobreviver com nossa presença por meio dos nossos corpos negros na tentativa de ocuparmos o nosso espaço físico e simbólico. Em se tratando de corpos negros, reconhecemos que a corporeidade negra carrega memórias do passado colonial, da diáspora e das lutas por existência, enquanto tenta a projeção de possíveis futuros alternativos e emancipatórios. Dessa forma, os corpos negros contam histórias e também se tornam arquivos vivos de resistência, ancestralidade e reimaginação do futuro a partir de reflexões realizadas ao longo do tempo.

O futuro para os grupos historicamente marginalizados permanece uma questão central, uma vez que lhes é negado até mesmo o direito à existência plena. Durante o período do tráfico transatlântico e da escravização de africanos, os colonizadores impunham um ritual profundamente degradante aos prisioneiros: caminhar em círculos ao redor da chamada "árvore do esquecimento". Esse ato simboliza muito mais do que a ruptura física com suas terras de origem, tratava-se de um esforço sistemático para apagar memórias, desmantelar identidades e romper laços com o passado. Esse apagamento compromete não só a compreensão do presente, mas também a possibilidade de projetar um futuro. Infelizmente, esse "ritual do esquecimento" persiste até hoje, manifestando-se de outras maneiras, mas carregando a mesma carga de violência simbólica e estrutural.

Desde o período colonial, os nossos corpos negros foram desumanizados, mercantilizados e submetidos a um sistema que nos via como descartáveis. A lógica da opressão permitia o extermínio físico e simbólico das populações negras. No mundo contemporâneo, a opressão continua a operar em diversas formas, como violência policial, encarceramento em massa, precarização do trabalho, negligência no acesso à saúde e educação, e genocídio de jovens negros nas periferias, pois os corpos negros são vistos e mantidos como impuros por estarem fora do seu lugar de pertencimento e com base nisso, qual seria o lugar e a história que o corpo negro deveria/deve apropriar-se?

Na história negra, os corpos racializados foram espaços de exploração e dominação, desde o trabalho escravizado até as práticas contemporâneas de violência sistêmica. Dentre as formas de violência ao longo da história, temos a escravidão, que foi uma das manifestações da necropolítica, que por sua vez, é a organização da sociedade para matar sujeitos que não estão inseridos no contexto social e nem no contexto humano, sustentada pelo pensamento hegemônico eurocêntrico, que por séculos desumanizou os negros, negando-lhes o *status* de seres humanos. Esse modelo de violência resultou em incontáveis mortes e seus efeitos persistem de forma significativa até os dias atuais. Hoje, são evidentes as estratégias simbólicas de captura, aprisionamento, exploração, dominação e extermínio dos nossos corpos negros.

Além da morte física, a necropolítica opera na morte simbólica de nossos corpos negros por meio da desvalorização das nossas culturas, das nossas narrativas e das nossas histórias. Isso é evidente em práticas de apagamento cultural, invisibilização em espaços de poder e reprodução de estereótipos que legitimam a nossa marginalização. Apesar da atuação desfavorável da necropolítica, a história dos corpos negros também é marcada por formas de resistência que possibilitam a subversão dessas lógicas de poder. Isso inclui movimentos culturais, sociais e políticos que desafiam as estruturas de opressão e criam alternativas para a potencialização e sobrevivência da celebração da vida.

Movimentos como o afrofuturismo literário podem ser vistos como uma forma de resistência à necropolítica, ao reivindicar para os corpos negros um futuro digno e pleno de possibilidades. Eles criam espaços na literatura, no cinema, na arte, na poesia, dentre outros espaços onde nossos corpos podem existir fora das lógicas de exclusão e política de morte, sendo protagonistas de nossas histórias. Esses corpos racializados são ressignificados como símbolos de autonomia e potência que subvertem o controle e imaginam novos paradigmas de existência. No afrofuturismo literário, os corpos negros frequentemente incorporam narrativas ancestrais que são vistas como um suporte potencializador de construção de imaginário das populações negras de maneira individual e coletiva. Tais corpos funcionam como portais para histórias de resistência e conhecimento transmitido por gerações, pois esses corpos são conectores entre passado, presente e futuro.

Historicamente mesmo marcado por violências, o corpo negro se torna um espaço de resistência. Por meio dele, resgata-se o direito à memória e à dignidade, ao mesmo tempo em que se recriam significados. A corporeidade negra pode ser um espaço de reconexão com a ancestralidade ao servir como uma ponte entre passado, presente e futuro, carregando memórias, tradições e histórias que resistiram ao apagamento imposto pelas experiências de colonização e diáspora. O corpo negro, nesse contexto, não é apenas um espaço físico, mas também simbólico, onde ancestralidade e identidade se manifestam por meio de práticas culturais, espiritualidade, estética e resistência. O corpo negro carrega as marcas simbólicas e históricas da nossa trajetória. Essas marcas – sejam físicas, culturais ou espirituais – funcionam como arquivos vivos que preservam nossos saberes ancestrais, mantendo vivas as nossas memórias individuais e coletivas.

Ao refletir o espaço em que o corpo negro ocupa, surgem muitas indagações: Você já viu o protagonismo negro em algum lugar? Quantos negros ou negras já te deram aula? Quantos negros ou negras passaram no vestibular? Quantos negros ou negras passaram em concursos públicos? Quantos negros ou negras estão nas universidades? Quantos negros ou negras sofrem revistas nas ruas? Pensando nisso, é ousadia projetar a pessoa negra no futuro? Por meio destas perguntas retóricas, precisamos desierarquizar as narrativas, retirando a ideia de que exista apenas um relato certo ou fixo, e os outros relatos são exóticos, periféricos. Com base nisso, há a necessidade de horizontalizar estes relatos para discutirmos o futuro agora, devido a violência registrada no presente que em consequência irá se materializar rapidamente, comprometendo o futuro.

Quando pensamos em escrita/ reflexão, certamente, quase tudo tem uma história, quase tudo nasce a partir de uma história: uma foto conta uma história, um desfile relata um fato, um filme aborda uma situação. Assim, as narrativas afrofuturistas são imaginadas por meio da criação literária, pois eu vejo o afrofuturismo a partir da própria criação fictícia para a literatura e ao classificar obras/narrativas na perspectiva afrofuturista, segundo Fábio Kabral (2019), torna-se necessário elencar algumas características indispensáveis, como, a) protagonismo de personagens negros e negras, b) narrativa de ficção

especulativa, c) centralidade de agência africana e d) protagonismo de autores negros e negras.

a) Protagonismo de personagens negros e negras: o protagonismo de personagens negros e negras é uma característica essencial do afrofuturismo porque esse movimento busca repensar, reimaginar e colocar a cultura negra no centro de narrativas futurísticas, fantásticas e de ficção científica. No contexto da literatura e da cultura em geral, protagonistas negros e negras são uma afirmação de identidade e representação, pois rompem com o estereótipo e a opressão estrutural de grupos apagados racialmente, marginalização histórica em narrativas dominadas por figuras brancas ou eurocêntricas, que são mantidas como padrão.

Especificamente, o afrofuturismo combina elementos de cultura africana e afrodescendente com temas tecnológicos, de ficção científica, ou mesmo históricos, projetando futuros em que a população negra tem não só representação, mas poder, agência e centralidade. Dessa forma, ter protagonistas negros é uma forma de trazer a experiência e a perspectiva negra ao núcleo da narrativa, permitindo que essa história explore questões ligadas à identidade, cultura, e perspectivas alternativas de futuro.

No contexto das narrativas afrofuturistas, personagens negros e negras em posições de protagonismo também servem para desconstruir narrativas deterministas e/ou opressoras relacionadas à raça, proporcionando visões de um futuro onde essas personagens assumem papéis de liderança, inovação e resistência, sem limitações impostas por preconceitos raciais advindos dos padrões impostos pelo eurocentrismo.

b) Narrativa de ficção especulativa: é considerada uma característica do afrofuturismo porque este movimento utiliza a especulação como uma ferramenta para explorar futuros alternativos e realidades possíveis para as pessoas negras, questionando estruturas sociais, culturais e históricas vigentes. A ficção especulativa permite um espaço criativo no qual o passado e o futuro podem ser reimaginados, sem os limites da realidade ou da história tradicionalmente contada sob uma ótica eurocêntrica.

Nas narrativas afrofuturistas, a ficção especulativa é usada para criar universos onde a cultura negra está no centro de inovações tecnológicas, viagens espaciais, civilizações avançadas e outras dimensões da ficção

científica. Isso possibilita questionar e desafiar as narrativas opressoras que marginalizam ou silenciam as experiências negras, propondo futuros em que a população negra se vê empoderada e livre das amarras do racismo, colonialismo e outras formas de opressão nas quais os negros e negras permaneceram muito tempo.

Além disso, ao especular sobre futuros possíveis, o afrofuturismo também explora temas de ancestralidade e espiritualidade africana, conectando a experiência negra contemporânea com um passado e um futuro que transcendem as limitações da história linear. Por meio da especulação, ele cria uma visão de mundo onde a cultura e a identidade negra são essenciais para o progresso e para a diversidade da humanidade em um cenário futurista ou alternativo.

c) Centralidade de agência africana: é uma característica afrofuturista porque o movimento busca criar narrativas em que pessoas e culturas de origem africana ocupam papéis ativos e decisivos em suas próprias histórias, em vez de serem marginalizadas ou subordinadas. No afrofuturismo, a agência africana é a capacidade de indivíduos e comunidades negras de exercer controle e influência sobre suas realidades, em vez de serem meros objetos passivos das narrativas tradicionais que muitas vezes são contadas a partir de uma perspectiva colonizadora ou eurocêntrica.

Colocar a agência africana no centro significa imaginar futuros nos quais a população negra determina seus próprios destinos, valores e avanços. Isso desafia o legado do colonialismo e do racismo, em que as culturas africanas foram historicamente descritas de forma submissa ou como "atrasadas" em relação ao progresso "ocidental". Ao contrário, o afrofuturismo propõe cenários onde as pessoas negras não apenas participam de avanços tecnológicos, científicos e culturais, mas os lideram e os definem.

d) Protagonismo de autores negros e negras: busca não só dar visibilidade a personagens e culturas negras, mas também garantir que a própria criação dessas histórias seja realizada a partir de perspectivas negras. A presença de autores negros e negras no centro das produções afrofuturistas é uma forma de garantir a autenticidade e a profundidade das experiências, visões e sensibilidades que moldam o movimento. Quando esses autores estão no comando das narrativas, eles têm a liberdade de explorar temas como

ancestralidade, identidade, espiritualidade e resistência sob um olhar que é próprio e enraizado em suas realidades e histórias.

Além disso, o protagonismo de autores negros desafia a tradicional marginalização ou exotificação da cultura negra nas artes e na literatura, onde por muito tempo a autoria foi majoritariamente branca e eurocêntrica. Ao colocar a produção literária e artística nas mãos de autores negros e negras, o afrofuturismo dá espaço para que vozes negras contem suas histórias de modo não filtrado, abordando traumas históricos e reimaginando futuros em que as pessoas negras se vejam representadas em toda sua complexidade.

Essa representatividade autoral é essencial para reverter um cenário de exclusão e para fortalecer as conexões entre passado, presente e futuro das culturas negras, possibilitando que o afrofuturismo vá além de uma simples estética e se torne uma ferramenta poderosa de transformação cultural e social, por meio de narrativas que partem diretamente das vivências e da imaginação de quem vive as questões que o movimento explora.

A centralidade da agência africana também permite que as tradições, filosofias e espiritualidades africanas tenham papel fundamental na construção de visões de futuro e na compreensão do universo. Esse conceito é um ato de resistência e (re) escrita da história, propondo uma visão em que as culturas negras não estão atrasadas ou em necessidade de salvação, mas, ao contrário, são fontes de sabedoria e poder em suas próprias perspectivas culturais.

Essa abordagem desafia a hegemonia das perspectivas eurocêntricas, predominantes no discurso educativo, oferecendo aos estudantes uma visão mais ampla e diversa das culturas mundiais. Além disso, a perspectiva afrofuturista amplia a representação de estudantes que, em muitos casos, foram sub-representados ou estereotipados nos materiais educativos tradicionais ao fortalecerem suas identidades ao se visualizarem refletidos de maneira autêntica no conteúdo escolar. O engajamento com tecnologias especulativas ou estruturas sociais alternativas presentes nas narrativas afrofuturistas podem levar à comunidade escolar a repensar soluções que rompem com paradigmas tradicionais.

As narrativas afrofuturistas podem ser maneiras de intermédios que ressignificam nossos corpos negros ao articular um diálogo entre o passado, o presente e o futuro, propondo alternativas de rompimento com as narrativas de

opressão. Os enredos utilizam elementos de ficção científica, mitologia africana, espiritualidade, tecnologia e ancestralidade para construir realidades em que os corpos negros não são apenas descritos por outros, mas protagonistas de histórias de resistência, transformação e agência a partir das experiências do protagonismo negro.

As temáticas afrofuturistas permitem compreender o desenvolvimento e a influência contínua da cultura africana e afro-brasileira na formação da cultura brasileira atual. Ao abordarem temas de justiça social e revisitação de injustiças históricas sob uma perspectiva afrofuturista, os alunos são incentivados a refletir sobre os desafios estruturais da sociedade e a explorar narrativas transformadoras. Essa abordagem não apenas aprofunda a compreensão das conexões entre passado e presente, mas também inspira os estudantes a atuarem como agentes de mudança em suas comunidades. Assim, o afrofuturismo se torna um poderoso catalisador para fortalecer a consciência social e motivar a luta por uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Defendemos o afrofuturismo como uma ferramenta na luta antirracista no contexto educacional, pois ao se basear em ficções especulativas centradas em questões negras, oferece um terreno fértil para imaginar e reimaginar narrativas de vida e perspectivas de futuros. Essa capacidade de projetar alternativas permite não apenas a criação de novas possibilidades, mas também fortalece o protagonismo das pessoas negras em relação à sua própria história, mesmo quando o presente se revela distópico e desafiador. Quando a ficção científica negra incorpora uma visão positivada da história, abrem-se inúmeras oportunidades para práticas didático-pedagógicas transformadoras.

A representação da África nas narrativas afrofuturistas levanta importantes reflexões: por que um continente frequentemente retratado como desolado e distante de qualquer produção científica e tecnológica emergente nessas produções artísticas, como um polo de inovação científica para o mundo? Esse é o poder da ficção: infiltrar-se no imaginário social para desconstruir mitos cristalizados, que muitas vezes são subprodutos de sistemas de supremacia racial. Além disso, assim como os mitos são capazes de estabelecer verdades, a ficção tem a capacidade de questioná-las e, com isso, propor novas

interpretações da realidade. É nesse contexto que a obra *Raízes do amanhã*[5] *se* destaca, ao reivindicar narrativas historicamente embranquecidas e apresentar representações afirmativas de pessoas pretas em seus cotidianos, desafiando estereótipos e ressignificando possibilidades.

3.1 Afrofuturismo e ancestralidade em *Raízes do amanhã*: 8 contos afrofuturistas

A discussão em torno do afrofuturismo oportuniza reflexões sobre oportunidades e possibilidades de pessoas negras e periféricas. Tal ação torna-se necessária para que se tenha um enfoque na construção das histórias contadas pelos corpos negros. Consideramos que a melanina é uma energia ancestral, e a negritude é um poder, pois, mesmo com os espaços culturais, sociais e pessoais invadidos, acontecendo até os tempos atuais, desenvolvemos conhecimentos, criamos cultura, nós temos a palavra e, possivelmente, podemos recontar as nossas histórias.

Representatividade e ancestralidade são conceitos-chave para entender, planejar e ensinar sobre culturas descentralizadas, pois frente ao racismo, que historicamente tentou apagar a história e a identidade da cultura africana e afro-brasileira, os movimentos antirracistas buscam o resgate dessas ancestralidades e identidades, tornando-as presentes, compreendidas e desfazendo os estereótipos criados pelo pensamento eurocêntrico.

O resgate da ancestralidade e da figuração a partir de narrativas afrocentradas é uma das funções centrais do afrofuturismo: “No Brasil o termo assume uma pegada ativista e de resistência [...] contra uma sociedade excludente, racista e violenta, cujo racismo, por longo tempo disfarçado dentro do imaginário construído [...]”. (Burocco, 2019, p.50).

É importante ressaltar que, nas narrativas afrofuturistas afrocentradas, o resgate da herança africana atua como instrumento de memória e referência, além de ser um possível projeto de construção identitária característico da literatura afro-brasileira. É ao se desvincular da hegemonia histórica brasileira e

[5] Doravante, será utilizado apenas *Raízes do amanhã* para se referir à obra *Raízes do amanhã:* 8 Contos Afrofuturistas.

ao buscar uma conexão com a força ancestral que a literatura afro-brasileira reafirma seu espaço legítimo dentro da mesma história.

Pensando na palavra, mais propriamente no processo de escrita e criação, presenciamos um ato político na qual podemos delinear nossa própria história, escrevendo, narrando, experienciando autoridade da nossa própria história e não apenas sendo descritos por outra perspectiva. Infelizmente, durante muito tempo não tivemos o direito de definirmos nossas próprias realidades, nossas próprias identidades, nossos protagonistas, historicamente e culturalmente nossa realidade é definida pelo outro[6], nossa identidade é pensada pelo outro, dificultando o ato de escrever e o processo de recuperação da história silenciada e da nossa ancestralidade.

Diante das dificuldades de recuperação da história silenciada das pessoas racializadas, existe uma modalidade discursiva - o epistemicídio - um conceito proposto por Boaventura (2019) que se refere à destruição sistemática de conhecimentos, saberes e epistemologias de determinados povos, frequentemente como parte de processos coloniais ou de dominação cultural. No contexto do povo negro, o epistemicídio se manifesta na marginalização ou apagamento das tradições intelectuais, filosóficas e espirituais africanas e afro-diaspóricas. Assim, podemos dizer que história é poder e quando é silenciada a história de um povo, apagam também os enredos dos livros, do espaço escolar, do espaço acadêmico, da música, da culinária, do campo espiritual, da estética, da linguagem, enfim, do mundo. Isso devido ao atravessamento da perpetuação da colonialidade que alterou/altera a operação do modo de viver da população dos povos afrodiaspóricos.

Dessa forma, a ancestralidade está intimamente ligada à nossa conexão com quem fomos por meio de nossos antepassados, indivíduos carregados de saberes, conhecimentos, experiências e tecnologias. A partir desse legado, temos a oportunidade de projetar um futuro e reconstruir um novo ser, trilhando caminhos guiados pelos princípios e ensinamentos da cultura negra. Quando refletimos sobre ancestralidade, percebemos como os saberes de nossos ancestrais influenciam nossas vidas atuais, permitindo-nos revisitar o passado,

[6] Pensa-se o outro como sujeito branco que se perpetuou no colonialismo como um padrão que se mantém/manteve durante muito tempo.

aprender com suas vivências e extrair delas inspirações para o que está por vir. Assim, a ancestralidade não é apenas uma memória distante, mas uma parte essencial de nossa identidade, de quem somos hoje e de quem seremos amanhã.

A ancestralidade em *Raízes do amanhã* manifesta-se como um elemento central que conecta o passado, o presente e o futuro das personagens e suas culturas. O livro utiliza a ancestralidade para resgatar e ressignificar memórias históricas, mitologias africanas e experiências coletivas da diáspora negra.

A ancestralidade é frequentemente representada por meio de referências a divindades africanas, espíritos ancestrais e práticas culturais enraizadas na cosmovisão afrocentrada. Essas presenças guiam os personagens, e também os conectam às raízes culturais que transcendem o tempo.

A memória coletiva é um recurso narrativo que reforça a conexão entre os personagens e suas origens. Em vários contos, lembranças de tempos de opressão e resistência são revisitadas para oferecer ensinamentos ou para inspirar ações no presente ou no futuro.

A transmissão de conhecimento e valores entre gerações é um tema recorrente. Muitas histórias apresentam idosos, ancestrais ou líderes comunitários como figuras-chave para a preservação da cultura e da identidade, muitas vezes simbolizando a resistência ao apagamento cultural.

Ela também se manifesta na ligação simbólica com a terra, que é vista como fonte de energia vital e memória histórica. Os personagens frequentemente encontram na terra e nos elementos naturais a lembrança de seus ancestrais e suas lutas.

A ancestralidade rompe com as noções lineares de tempo, permitindo que os personagens interajam com o passado de forma ativa. Essa abordagem reforça a ideia de que o futuro é moldado não apenas pelo presente, mas também pelo que foi vivido pelos antepassados.

Um aspecto interessante da obra é a fusão entre tecnologia e espiritualidade. Elementos tecnológicos futuristas são usados para amplificar ou canalizar os poderes e ensinamentos dos ancestrais, mostrando que a inovação pode coexistir com o respeito pelas tradições. Em suma, *Raízes do amanhã*

utiliza a ancestralidade como uma forma de resistência cultural e de reimaginação do futuro. A obra demonstra que o passado não é um peso a ser carregado, mas um recurso valioso para a construção de novos mundos e narrativas que celebrem a diversidade e a riqueza das culturas negras.

3.2 *Raízes do amanhã*: possibilidades de resistência do povo afrodiaspórico

Como vimos em passagens anteriores, a ficção especulativa se destaca pela multiplicidade de temáticas, abordagens e recursos, refletida em seus numerosos subgêneros. Mesmo assim, ainda apresenta um perfil majoritariamente homogêneo no que diz respeito à autoria e à representação das personagens. Em geral, esses espaços são dominados por sujeitos brancos, heterossexuais, de classe média e sem deficiência, uma padronização que se repete em várias nuances, como, na literatura, no cinema, nas séries de televisão, nos jogos eletrônicos, dentre outros.

Essa falta de diversidade gera, como aponta Dalcastagnè (2017, p. 219), a “invisibilização de grupos sociais inteiros e [n]o silenciamento de inúmeras perspectivas sociais”. Nesse contexto, a presente reflexão será direcionada para a questão da representatividade negra nas variadas produções artísticas, buscando evidenciar os impactos e possibilidades de inclusão dentro desse cenário marcado pela ausência de pluralidade.

Percebemos que as estruturas sociais, econômicas e institucionais foram historicamente concebidas para privilegiar a branquitude e quando corpos negros ocupam espaços de poder, essa nova relação com tais ambientes pode ser interpretada como um tipo de estranhamento. Não porque, nós, pessoas negras não possamos ocupar esses espaços, mas porque tais estruturas não foram projetadas para contemplar nossa presença em condições de protagonismo. Esse tipo de deslocamento aparece frequentemente na literatura afrofuturista.

No afrofuturismo, o estranhamento manifesta-se por meio de figuras como alienígenas, zumbis, robôs e ciborgues, entre outros. Essas representações permitem refletir sobre o nosso distanciamento como sujeito negro em relação à realidade e à sociedade em que estamos inseridos. A

cognição, por sua vez, possibilita trazer essa experiência para o mundo real ao fomentar reflexões sobre os significados desse estranhamento. Esses dois elementos – o estranhamento e a cognição – se interligam, sendo ambos centrais à ficção científica, que os utiliza simultaneamente nas produções narrativas.

Partindo para as obras afrofuturistas, em geral, elas exploram o conceito de estranhamento e suas rupturas, seja ao abordar a religiosidade, seja ao reconstituir a subjetividade de indivíduos que foram historicamente fragmentados. Nesse viés, a ficção científica, nesse contexto, funciona como uma dialética entre cognição e estranhamento. Segundo Freedman (2000), ela materializa-se na criação de mundos ficcionais que não têm como base as ideias ou realidades que estruturam nosso mundo concreto ao questionarmos nossas convicções sobre o real, conectando esses questionamentos à teoria crítica, sugerindo que o fator cognitivo da ficção científica confere racionalidade a seus/nossos mundos imaginários. Ao mesmo tempo, esses mundos estabelecem relações com a realidade concreta, desafiando sua/nossa percepção do que é real, conforme inferimos na produção de Waldson Souza, *Raízes do amanhã:* 8 contos afrofuturistas *(2021).*

Waldson Gomes de Souza é um escritor e pesquisador brasileiro, natural de Brasília. Formado em Letras - Português do Brasil como Segunda Língua pela Universidade de Brasília (UnB), concluiu o mestrado em Literatura na mesma instituição, com a dissertação intitulada *Afrofuturismo:* o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea.

Atualmente, é doutorando em Literatura na UnB, dedicando-se ao estudo do colonialismo e da ficção científica, com ênfase na obra de Octavia E. Butler. Sua produção acadêmica concentra-se em temas como afrofuturismo, ficção especulativa e autoria negra. Participou de diversos eventos acadêmicos, incluindo o IX Simpósio Internacional Sobre Literatura Brasileira Contemporânea em 2023 e a XI Semana de Reflexões sobre Negritude, Gênero e Raça dos Institutos Federais, em 2022.

Como escritor, Waldson é autor de obras como *Oceanïc* (2019), *O homem que não transbordava* (2021) e *Raízes do amanhã:* 8 contos afrofuturistas (2021), sendo a última citada *corpus* da referida pesquisa. Seus

trabalhos exploram narrativas afrofuturistas e especulativas, contribuindo para a visibilidade da literatura negra no Brasil.

Além de sua atuação literária, Waldson também se dedica à organização de eventos e grupos de leitura, como o *Grupo de leitura:* ficção científica escrita por mulheres, em 2018. Sua trajetória reflete um compromisso com a promoção da diversidade e da representatividade na literatura brasileira contemporânea.

O livro *Raízes do amanhã* é uma coletânea de histórias de ficção científica que coloca em prática os princípios do movimento afrofuturista. Em cada conto, os autores exploram narrativas inovadoras, construindo enredos que, apesar de suas peculiaridades e desfechos variados, frequentemente garantem finais positivos para as personagens negras. A proposta da obra reside na união entre a utopia – um conceito historicamente afastado da vivência negra – e o afrofuturismo, que projeta a existência negra além do presente, em direção ao futuro. Assim, os contos trazem traços de esperança e resgate da ancestralidade, conferindo às personagens negras a possibilidade de continuarem existindo e prosperando no porvir. Mesmo nos casos em que o final permanece em aberto, como no conto *Segunda mão*, a ideia de futuro persiste como um elemento central e enigmático para a constituição da ficção científica especulativa.

A exploração da possibilidade de existir no futuro, característica das narrativas afrofuturistas, rompe com a lógica cristalizada das produções ocidentais. Nessas últimas, mesmo quando personagens negras são incluídas, sua presença geralmente se restringe a padrões ultrapassados, tornando incomum, improvável ou quase inexistente sua inserção em cenários futuristas. Muitas vezes, essas personagens estão ausentes ou acabam recebendo desfechos que anulam sua continuidade no enredo.

Em contrapartida, a literatura afrofuturista propõe uma perspectiva inovadora, ao apresentar aos leitores um leque diverso de possibilidades para essas personagens. Apesar dos desafios e tensões presentes nas histórias, essas narrativas constroem espaços onde a presença e o protagonismo de pessoas negras no futuro são não apenas possíveis, mas celebrados. Essa subversão das limitações impostas pelas narrativas tradicionais representa uma contribuição significativa para o fortalecimento da representatividade e para a ampliação das experiências afro-brasileiras na literatura.

Ao longo de *Raízes do amanhã*, essa visão se manifesta em cada uma das narrativas. As personagens negras assumem o protagonismo de seus próprios futuros, exercendo o poder de transformar o mundo, o tempo e o espaço ficcional ao seu redor. Por meio de elementos ligados à ancestralidade africana, as histórias permitem viagens simbólicas que entrelaçam diferentes temporalidades, onde o presente se conecta frequentemente ao futuro, sempre sustentado por referências ao passado. Esse diálogo entre tempos fortalece a identidade e a existência negra, tornando o passado uma base sólida para a construção de novas possibilidades.

O organizador/autor Waldson Souza, na apresentação do livro reflete sobre o crescimento do Afrofuturismo no Brasil desde 2016, quando a pesquisa na área ainda enfrentava desafios devido à falta de obras e materiais. Menciona o evento Afrofuturismo: cinema e música em uma Diáspora Intergaláctica como um marco inicial para o debate, e celebra o aumento de produções e discussões no campo.

***Prefácio: As raízes do amanhã plantamos agora*, de Anne Quiangala**

O primeiro trecho é intitulado: *As raízes do amanhã plantamos agora*, tendo como autora Anne Quiangala, e inicia-se discutindo a obra *Semente da terra* (Parábola do Semeador), de Octavia Butler, e sua relação com temas de resistência, adaptação e transformação. Inicialmente, a história pode ser vista como o surgimento de uma nova fé ou movimento religioso, mas a análise revela que a verdadeira essência da obra é uma reflexão sobre a luta de pessoas marginalizadas, especialmente mulheres negras, diante de um mundo distópico e opressor.

A protagonista, Lauren Olamina, cria a Semente da Terra, uma nova religião que visa construir uma sociedade mais justa e sustentável, tanto no plano social quanto espiritual. A obra de Butler está inserida em um contexto de resistência ao racismo estrutural e à opressão sistêmica, em que a personagem busca reinventar seu lugar no mundo, diante de uma realidade brutalmente colonizada. Conforme podemos comprovar por meio das palavras da autora Anne Quiangala que nos remete à analogia entre a resistência e a semente:

> A semente é a promessa de futuro, e a raiz é o futuro crescendo no seu tempo, tal como nós, que agora somos utopias, matizes de nosses antepassades, ao mesmo tempo que sonhamos os matizes daquelas pessoas que nos sucederão. (Quiangala, 2021, p. 15)

Além disso, o texto explora a ideia de desterritorialização radical, um conceito que captura a experiência das populações negras que, historicamente, foram arrancadas de seus lares e vivem em constante exílio dentro de uma sociedade controlada pela perspectiva branca.

A análise de como Butler e suas heroínas lidam com a adaptação ao novo e o conceito de "lar", entendido como algo que se leva consigo e não se deixa para trás, conecta-se à obsessão positiva presente nas obras da autora. O trecho sugere que a adaptação e a resistência contínua, características de Olamina, são expressões de uma tecnologia de sobrevivência, não apenas para ela, mas para todos que lutam contra as distopias do presente, mediante o excerto a seguir:

> Assim, o caráter intenso e multifacetado da opressão traz em si o germe contrário, a resistência que, nas palavras de Olamina, significa ter um comprometimento intenso com a mudança e a adaptabilidade. Como agente de transformação, ela idealiza a Semente da Terra, uma nova religião que serve como substrato para uma nova sociedade diversa, comunal e equânime, preparada para se enraizar, desenvolver e frutificar em qualquer lugar, inclusive além do planeta Terra. (Quiangala, 2021, p. 11)

A autora interpreta esta obra sob a ótica do Afrofuturismo, destacando como a obra aborda o trauma histórico da colonização e seus efeitos contínuos no presente. A análise sugere que, em uma leitura afrofuturista, a colonização alienígena de África, há séculos, teria gerado as condições para os problemas atuais enfrentados pela população negra, como o racismo institucional e a violência social.

O Afrofuturismo, então, surge como uma forma de resistência que não só imagina futuros possíveis, mas também lida com o passado e o presente, buscando curar os traumas históricos e reconfigurar narrativas de resistência, pois segundo Quiangala:

> (...) Embora não se restrinja ao tempo futuro, como uma proposta estética, teórica e política, é sempre um exercício de interpretar o mundo na perspectiva negra consciente, que, ao se autodefinir e construir narrativas com a negritude no centro, devolve a totipotência de nossas subjetividades (...) (Quiangala, 2021, p.16)

O trecho discute a perspectiva da obra *Raízes do amanhã* como uma coletânea que oferece múltiplas perspectivas sobre o futuro a partir da experiência negra. Cada um dos oito contos propõe uma visão de resistência e transformação, entrelaçando superação e alertas sobre as dificuldades do presente da sociedade negra.

A referência a Lauren Olamina, de *Semente da Terra*, e sua ideia de criar raízes entre as estrelas, simboliza a busca por um futuro possível baseado na cura de traumas históricos e na construção de um novo repertório de referências aos grupos marginalizados.

Assim, o movimento afrofuturista é apresentado como uma prática que resgata o passado, reimagina o presente e projeta futuros ao colocar a negritude no centro das narrativas. Ele desafia as estruturas de opressão, propondo uma revolução radical e uma mudança individual e/ou coletiva.

***Conto um: Não tem wi-fi no espaço*, de autoria G.G. Diniz**

Seguimos com a leitura e análise do livro com o primeiro conto da obra, agora resumido e discutido, intitulado: *Não tem wi-fi no espaço*, de autoria G.G. Diniz, que inicia o texto pela apresentação de Marisa, personagem do conto, trabalha na estação espacial Bom Jardim, realizando tarefas mecânicas enquanto enfrenta o desconforto do traje espacial. Ela recebe uma ligação urgente de sua filha, Luana, informando que a polícia invadiu o acampamento onde moram, procurando por Marisa. Preocupada com a segurança de sua filha e da comunidade, Marisa decide deixar a estação e voltar à Terra. Na conversa da mãe, temos a afirmação:

> Mãe?

> O tom assustado da pergunta de Luana fez Marisa largar a chave de fenda, que flutuaria para longe no espaço caso não estivesse presa a uma corda amarrada em seu pulso.
> — O que foi, filhota?
> — Mãe, invadiram o acampamento.
> — Invadiram? Quem?
> — A polícia. Tão procurando pela senhora. Dizendo que têm um mandado, não sei...Estão revistando os equipamentos.
> Marisa respirou fundo. (Diniz, 2021, p.19)

A estação Bom Jardim, construída com peças encontradas em um lixão, foi idealizada por dona Maria, a fundadora, e agora Marisa assume a responsabilidade de representar a comunidade. A história mistura elementos de ficção científica com questões sociais e de resistência.

Marisa retorna ao quilombo Bom Jardim e encontra a comunidade sob vigilância da Polícia Federal, que está lá para interromper a construção da estação espacial. O delegado apresenta um mandado que exige a suspensão das obras até que a documentação necessária seja regularizada, o que é impossível, pois os moradores não têm documentos formais, o que os tornam indigentes, invisíveis socialmente e simbolicamente. A autora comprova por meio do trecho a seguir:

> Ela limpou a garganta e todos ficaram em silêncio.
> — Boa noite. Não sei o que fazer. Vocês já devem saber: nosso sonho agora é ilegal. Ou vai ser ilegal em quatorze dias úteis, que é o tempo de a gente ajeitar a papelada que não tem como ajeitar, porque ninguém aqui tem identidade, CPF ou comprovante de endereço (Diniz, 2021, p.25)

Apesar da ameaça, Marisa negocia uma trégua, permitindo que os policiais montem acampamento fora do quilombo, mas mantendo o controle sobre a situação. O prazo dado para a regularização é curto, e ela sabe que não há como cumprir, pois, tal prazo é evidenciado por meio da passagem:

> E qual é a data limite?
> — Quatorze dias úteis, a partir de hoje — disse ele, com um sorriso sem graça.
> Desgraçado!
> Marisa manteve a expressão plácida diante da afronta.
> — Tudo bem, podem acampar por aqui, mas fora da área do quilombo.
> O sorriso do delegado morreu. Isso significava acampar no meio do lixo, sem internet, água ou instalações adequadas. Marisa também tinha suas garras, afinal de contas.

> — Tudo bem. Vamos acampar fora do quilombo, então. Pode ficar com a pasta. Espero que não seja necessária mais uma visita. (Diniz, 2021, p.23)

Com a pressão aumentando e a comunidade enfrentando um futuro incerto, Marisa reúne os moradores e admite que a construção da estação, um sonho coletivo, agora é ilegal. Ela propõe encontrar uma solução criativa, e Luana, sua filha, sugere que o bloqueio é parte de um plano maior da empresa Faraday Explorations, que visualiza o quilombo como concorrente na criação de uma estação espacial autossustentável.

A postura adotada pela protagonista é de resistência diante da situação enfrentada e esse fato podemos observar mediante o trecho:

> Qualquer que fosse o motivo da visita, não podia ser bom. A polícia costumava deixar os quilombos em paz, mas Bom Jardim não deixava de ser um monte de gente preta reunida. Havia policiais suficientes ali para uma chacina.
> — Você que é a Marisa?
> — Sou eu, sim.
> O delegado estendeu a mão para um aperto, que Marisa aceitou após dois segundos de hesitação. (Diniz, 2021, p.22)

Marisa observa, preocupada e cansada, enquanto sua filha Luana trabalha incansavelmente para hackear o sinal da Polícia Federal, tentando coletar informações que possam ajudar a salvar a estação Bom Jardim. Apesar de sua experiência em programação e seu envolvimento com atividades online questionáveis, Marisa confia na habilidade de Luana, que está tentando descobrir quem está por trás da tentativa de barrar a estação.

Luana acaba conseguindo interceptar conversas comprometedoras entre os policiais e revela, com um sorriso arrogante, que a situação está mais complexa do que parecia inicialmente.

Com os áudios e provas digitais vazadas na internet por Luana, a comunidade começa a ganhar visibilidade. A repercussão é instantânea, e a medida provisória que ameaçava demolir a estação é revogada. Contudo, Marisa percebe que a luta não acabou. O governo e grandes corporações não desistirão facilmente de seus interesses, e a estação Bom Jardim ainda está em risco.

O preço pelo sucesso foi uma intensificação da carga de trabalho, e, apesar da vitória temporária, a sensação de que mais desafios estão por vir paira sobre o quilombo. Quando Marisa ouve sobre outra reunião envolvendo a Faraday Explorations e a ONU (Organização das Nações Unidas), ela sabe que a luta não será fácil e que, para garantir a segurança de Bom Jardim, talvez seja necessário dar o próximo passo: afastar-se da Terra, para a órbita marciana, onde o quilombo poderia prosperar longe dos olhos vigilantes do governo e das corporações.

Marisa e sua filha Luana estão em uma corrida contra o tempo para salvar a estação Bom Jardim de ser destruída pela Polícia Federal e o Exército, que receberam ordens de desmantelar o quilombo espacial. Após a empresa anunciar que interromperia suas operações de envio de lixo espacial para a América Latina, o clima ficou tenso e as forças armadas começaram a se mover em direção ao Ceará, onde o quilombo se encontra.

Luana consegue, então, criar um programa para atrasar as tropas, manipulando sinais GPS e ganhando algumas horas preciosas. No entanto, as coisas se complicam quando os voadores da Polícia Federal começam a sobrevoar o local, e Marisa, desesperada, precisa impedir que o computador de Luana seja encontrado e desligado.

Enquanto coordena o transporte das últimas cargas para a órbita, ela recebe uma notícia alarmante de que os agentes estão cada vez mais próximos. Em um ato de coragem, Luana se infiltra no campo e desativa o computador que poderia comprometer toda a operação, garantindo mais tempo para a decolagem.

Com a última carga prestes a partir, Marisa e Luana finalmente conseguem fugir para o espaço, escapando da ameaça iminente. A estação Bom Jardim, agora livre das ameaças externas, começa sua jornada no céu, enquanto a realidade de que o quilombo ganhou a luta, mas não venceu a guerra, ainda pesa sobre eles. O futuro da estação, longe da Terra e da vigilância de quem a queria destruir, está agora nas mãos de quem lutou para mantê-la viva.

Luana, armada com um facão, consegue controlar a situação ao ameaçar o delegado da Polícia Federal que tentava desativar o *malware* que atrasava a chegada das forças militares. Como descrito pela autora:

> Ela terminou de escalar o resto da escada devagarinho, passando da janela para o sofá no mais completo silêncio, os pés macios como patas de gato. Em um pulo ágil, pegou a arma e a apontou para o delegado, mesmo sem saber como mexer naquilo. De toda forma, o importante era o delegado estar desarmado.
> — Pode parar aí — disse ela.
> Bruno — esse era o nome daquele infeliz — levantou as mãos. Uma rápida olhada na tela denunciou que ele não tinha conseguido desligar o malware. Na verdade, ele estava mexendo nos arquivos de Luana… Afinal, ninguém conseguira descobrir de onde surgiu o vazamento daquele áudio da Polícia Federal. Sinal que os proxies funcionavam, mas não tinha proxy que desse jeito em alguém mexendo no computador dela. (Diniz, 2021, p.40)

Com a ajuda de Marisa, os quilombolas conseguem fugir e embarcar nos módulos espaciais antes que o Exército chegue.

Já em órbita, Luana trabalha incansavelmente para restaurar a conexão à internet, e com o apoio de sua amiga hacker, consegue estabelecer uma conexão via satélite até Marte, garantindo que a estação Bom Jardim parta da Terra com acesso à rede, dando aos quilombolas uma nova esperança de viver e cultivar a ancestralidade. O excerto abaixo exemplifica que:

> Foi uma festa na estação quando Luana anunciou que tinha conseguido um gato e que eles teriam conexão até mesmo em Marte, onde terminariam os últimos detalhes da construção. E assim Bom Jardim zarpou da Terra…
> Com internet e tudo. (Diniz, 2021, p.43)

Em relação aos elementos do movimento afrofuturista presentes no referido conto, podemos perceber o protagonismo das personagens negras, como é o caso de Marisa e Luana, é um dos pilares da narrativa, pois a força para resistir e lutar parte da liderança que elas têm com o povo que vive no quilombo, posicionando-as como agentes ativos de suas histórias. As personagens resistem às estruturas opressoras e criam, moldam novos mundos, evidenciando a capacidade de adaptação e reinvenção em detrimentos aos obstáculos que o povo negro precisou/precisa enfrentar diariamente.

No conto, há uma celebração das vivências e saberes ancestrais que, ao serem reimaginados em um cenário futurista, oferecem uma visão de continuidade histórica e cultural. Isso reafirma a identidade negra como um

elemento indissociável, mesmo em um universo aparentemente distante, como o espaço sideral, mediante as informações presentes no enredo:

> Se Bom Jardim tinha um manda-chuva, esse alguém era dona Maria, a mulher que teve a ideia doida de construir a primeira estação espacial só com o que achavam no lixão onde o quilombo Bom Jardim fora engolido. Ao morrer, aos 80 anos, deixou uma filha e o esqueleto de uma estação orbitando a Terra. Marisa vestiu, “sem querer querendo”, o manto da mãe. As decisões mais importantes eram tomadas em conjunto, mas os pormenores — e quando Bom Jardim precisava de alguém para representá-lo — eram responsabilidade de Marisa. Um problema com ela nunca era só com ela. (Diniz, 2021, p.21)

Enquanto narrativa de ficção especulativa, ocorre a permissão da construção de um universo no qual as personagens negras não apenas sobrevivem, mas criam, lideram e sonham, explorando um imaginário alternativo no qual a diáspora africana encontra novas formas de expressão e pertencimento.

A afrocentricidade é outro aspecto marcante presente no conto. Diniz articula elementos culturais e simbólicos da diáspora africana em um cenário futurista, enfatizando a centralidade das tradições e saberes africanos como parte da narrativa. Essa abordagem não só resgata a ancestralidade, mas também a projeta no futuro, demonstrando que essas tradições não estão limitadas ao passado, mas têm papel ativo na construção de novos mundos. O espaço, nesse sentido, não é um território neutro, ele é moldado pelas experiências e perspectivas negras, transformando-se em um local de resistência, pertencimento e criação. Como ilustrado no seguinte trecho:

> Baseado em quê? Não tem material nenhum de ninguém. A gente só usa o que o povo joga fora.
> Marisa sabia, porém, que o lixo dali tinha uma origem muito específica. A empresa de exploração espacial Faraday Explorations, que enviava restos de protótipos, satélites e espaçonaves para o porto do Mucuripe, em Fortaleza — dali, o lixo era espalhado por todo o estado.
> — Sim, mas você compreende que, para realizar construções espaciais, precisa de uma autorização do Governo Federal. Foi aprovada uma MP no Senado, tu não ouviu falar?
> Marisa estreitou os olhos. (Diniz, 2021, p.22)

A autoria negra é um ponto fundamental na análise do conto. G.G. Diniz, enquanto autoria negra, insere uma perspectiva autêntica e crítica sobre

questões como racismo, colonialismo e a busca por autonomia cultural. Ao escrever sobre futuros especulativos, Diniz reverte séculos de exclusão das pessoas negras do imaginário futurista e reforça a importância de autores negros na construção de narrativas que dialoguem com suas realidades e aspirações. Essa representatividade autoral é essencial para a criação de histórias que não apenas reflitam as experiências da diáspora, mas também inspirem novas gerações de leitores e escritores.

Por fim, o movimento afrofuturista permeia todo o conto, sendo o alicerce da visão crítica e imaginativa do conto. O afrofuturismo, enquanto movimento artístico e cultural, busca explorar a interseção entre tecnologia, identidade negra e ancestralidade, projetando futuros onde as pessoas negras ocupam espaços de poder e protagonismo. Em *Não tem Wi-Fi no espaço*, o afrofuturismo se manifesta tanto na crítica às estruturas opressivas quanto na celebração de um futuro onde a negritude é central e emancipadora. A tecnologia, longe de ser um fim em si mesma, é um instrumento para a criação de novos paradigmas sociais, culturais e políticos. Isso pode ser observado no trecho:

> A primeira coisa que Luana fez depois de conseguir uma boa conexão foi enviar uma foto da vista da janela do quarto para a amiga virtual. Slayer0000 respondeu com uma selfie em que fazia uma bitoca na escrivaninha de um escritório, o uniforme da Faraday Explorations em destaque. Ela não devia ser muito mais velha que Luana, mas a pele negra costumava disfarçar bem esses detalhes.
> Foi uma festa na estação quando Luana anunciou que tinha conseguido um gato e que eles teriam conexão até mesmo em Marte, onde terminariam os últimos detalhes da construção.
> E assim Bom Jardim zarpou da Terra…
> Com internet e tudo. (Diniz, 2021, p.43)

***Conto dois: O show tem que continuar*, de Lavínia Rocha**

A obra segue com o segundo conto denominado: *O show tem que continuar*, pertencente à autora Lavínia Rocha, o texto inicia pela apresentação de Yolunna, uma assistente divina recém-criada, é designada para integrar a equipe responsável por cuidar da população negra no Brasil. Ao começar seu treinamento, ela se maravilha com a tecnologia avançada da nave espacial e a

riqueza cultural dos humanos negros, explorando códigos como a culinária e o samba. Esse aspecto é evidenciado na passagem:

> Eu conhecia muito sobre o universo na teoria, mas tinha certeza de que não era o suficiente. Sabia, por exemplo, que as equipes responsáveis por cuidar de grandes populações eram numerosas, mas isso não impediu que meu queixo caísse quando fui transportada para meu novo lar e vi a quantidade de seres divinos na nave, todos comprometidos com o mesmo objetivo; sabia que a tecnologia para um trabalho tão elaborado seria de ponta, mesmo assim, fiquei obcecada por tantos botões, luzes e ervas ao visitar a sala dos assistentes pela primeira vez — nem conseguia imaginar direito a quantidade de códigos que poderiam ser criados em um lugar como aquele! Tinha noção de como eram extensos os fios e cabos que conectavam a nave à Terra para que os códigos fossem enviados, mas fiquei em choque ao vê-los pela janela. A criatividade das equipes dos Grandes Ancestrais era muito conhecida, mas nada foi tão especial quanto ver na prática alguns dos códigos da área da culinária. Passei várias frações de volta ao Sol me deliciando com a complexidade dos códigos filosóficos que rondavam a mente dos humanos negros. No campo das artes, me apaixonei pelo código denominado “samba” e passei a utilizar dispositivos invisíveis no ouvido para que ninguém desconfiasse que eu acessava as notas sonoras dos humanos enquanto trabalhava. (Rocha, 2021, p.44 e 45)

No entanto, ao ser levada por sua superiora Adaobi a um memorial que detalha a história do Brasil, Yolunna se depara com os códigos opressores criados pelos "Outros", como a colonização e a escravidão. Ela se vê confrontada com a gravidade dos problemas que precisa enfrentar, especialmente ao descobrir que, após séculos de resistência, os "Outros" criaram códigos como a "redenção" para encobrir a verdadeira opressão vivenciada pelos grupos marginalizados ao longo do tempo e, infelizmente, se perpetua/perpetuou na sociedade por muitos séculos. Esse ponto é reforçado pela citação:

> Mas não demorou muito para Adaobi me mostrar um código que quebrou toda a dinâmica daquele território e ficou conhecido como “colonização”. Em seguida, surgiu na tela o que os humanos chamaram de “escravidão”. Minha superiora parou quando percebeu o impacto que aquela parte tinha causado em mim. — Essa é a pior tragédia que a nossa equipe carrega. Foram tantas voltas ao Sol trabalhando arduamente para destruir esse código! Era uma sequência grande, complexa e muito bem criptografada, os Outros amarraram tudo muito bem. — E o que vocês zeram? — perguntei com a voz um pouco embargada, me dando conta de que aquela sensação ruim dentro do meu corpo tentava sair a qualquer custo. Devia ser por isso que uma espécie de água salgada escorria pelos meus olhos. Seria dessa forma

> que o sentimento desagradável tentava se libertar de mim? (Rocha, 2021, p.48)

Impactada pela complexidade e profundidade dos problemas históricos e sociais que os humanos negros enfrentam, Yolunna começa a questionar suas capacidades e seu papel. Ela sente a pressão de decifrar e destruir os códigos opressores, mas também percebe que ainda está em treinamento e precisa seguir as normas estabelecidas para se fortalecer.

No entanto, sua determinação cresce, e ela considera desobedecer às regras para atuar imediatamente, certa de que os "Outros" continuam criando novas sequências de dominação. A trama culmina em sua decisão de seguir seu impulso de ação, mesmo que isso possa significar desafiar sua superiora e comprometer seu futuro na equipe.

Recém-chegada à nave, encontra Azuka, uma assistente divina que está lutando para encontrar uma solução para a pressão alta, uma doença prevalente entre os negros devido à história de opressão. Azuka, frustrada, compartilha suas dificuldades em quebrar os códigos dos "Outros", que ainda controlam a vida dos humanos negros.

Yolunna, cheia de teorias e com uma energia renovada, desafia o pessimismo de Azuka, ao sugerir que a equipe pode não estar procurando as respostas no lugar certo. Azuka, tocada pela determinação de Yolunna, começa a ver as coisas de uma nova maneira, e a jovem assistente promete que, juntas, encontrarão soluções para esses problemas.

No dia seguinte, Yolunna se dedica a decifrar a sequência da escravidão, tentando entender como esse código ainda persiste, mesmo após a abolição formal. Ela é interrompida por Adaobi, que a alerta sobre outro código, o "encarceramento em massa", que afeta os humanos. Após alguma relutância, Azuka concorda, e Yolunna sente uma crescente empolgação, acreditando estar perto de uma solução.

Azuka a coloca para vigiar o corredor enquanto ela usava a senha de Utondu para acessar o memorial. A ansiedade me consumia, misturada com a empolgação de dar mais um passo no conhecimento. Quando entramos, Azuka me mostrou um dispositivo de penúltima geração, discretamente conectando-se ao sistema para me passar um resumo da história pós-abolição, revelando os

códigos que os Outros haviam criado ao evidenciar o estigma causado à população de negros e negras devido à propagação dos fatos de maneira errônea, conforme ilustrado no seguinte trecho:

> Azuka seguiu resumindo a história do país do qual cuidávamos, e fui reagindo às novidades que o século 20 trouxe para o nosso povo.
> — Calma! O samba era criminalizado? — perguntei, chocada.
> — Assim como a capoeira. Nós sempre criamos códigos incríveis no campo da cultura, e os Outros não titubeavam para encontrar formas de inutilizá-los.
> — Isso não faz sentido! Pesquisei sobre o samba do século 22 e não encontrei negros cantando, mas a lista de humanos dos Outros é enorme! E agora você me diz que nos primórdios o samba era ilegal? Como eles mudam de ideia assim? Ou eles estão no centro das coisas, ou então é crime? (Rocha, 2021, p.63)

Ao longo da pesquisa, ela percebe que o código da escravidão não havia sido quebrado, mas apenas reconfigurado ao longo do tempo. A raiva me tomou, e eu prometi trabalhar incansavelmente para destruir esse sistema. Quando os passos de Utondu e sua equipe se aproximaram, a tensão aumentou, e nos escondemos debaixo de uma mesa. Durante a fuga, encontrei uma humana deitada em uma maca e decidi que precisávamos levá-la para investigar. A partir dos diálogos expostos pelas personagens podemos perceber a pseudo imagem construída do negro devido ao processo histórico repassado ao longo do tempo. Essa constituição é evidenciada na passagem:

> A humana encarou Azuka de cima a baixo.
> — O que foi? — a assistente quis saber.
> — É que… não costumo ver médicos assim… parecidos comigo — ela disse. — Negros? — perguntei, confusa, para ter certeza do que ela falava.
> — Não, o que é isso! Imagina! — a garota reagiu como se eu tivesse dito um absurdo. — Moreninhos.
> Uma interrogação se formou na minha cabeça. Por que aquela repulsa? O que estava acontecendo ali?
> — Moreno não é cor de cabelo? — cochichei para Azuka, confusa.
> — Depois te explico — ela respondeu e logo em seguida se voltou para a garota, que ainda observava o ambiente. — Você não acha estranho haver poucos médicos negros… quero dizer, morenos?
> — Ah, os que chegam lá é porque zeram por merecer, né? Não tem nada a ver com a cor, somos todos iguais. Quem quer vencer na vida consegue.
> — Mas você não acha que a escravidão tornou tudo mais desigual para os… para as pessoas morenas? — perguntei, meio contrariada por ter que usar aquelas palavras.

> — Ah, claro que não! A escravidão já acabou há muitos e muitos anos, graças à princesa Isabel. Depois disso, as injustiças acabaram e ficou tudo bem. Vocês não são daqui? O Brasil é a terra da miscigenação! (Rocha, 2021, p.74)

A história segue Yolunna e Azuka, duas personagens que descobrem que Utondu, seu superior, é na verdade um "Outro" disfarçado, manipulando os códigos mentais dos humanos para perpetuar ideologias opressivas, como a colonização e a escravidão. Juntas, com a ajuda de sua superiora Adaobi, elas planejam expor Utondu e destruir esses códigos manipuladores, acreditando que podem iniciar uma nova era de liberdade e justiça para os povos oprimidos, simbolizando a resistência e a busca por um futuro mais igualitário.

> — Utondu sempre esteve entre vocês, roubando o trabalho, modi cando os códigos e fornecendo informações aos Outros porque ele é um Outro e esteve disfarçado esse tempo todo! — soltei o que elas pareciam não conseguir dizer em voz alta. — Se isso for verdade…Oh, não! Tantas voltas ao Sol trabalhando ao lado do inimigo, vendo as vidas negras se esvaírem e o código “colonização” alcançar as mentes dos nossos! Todo código que enviamos à Terra passa por nós, os superiores. Utondu deve reconfigurá-los ou, no mínimo, enviar as sequências aos Outros para que consigam elaborar anticódigos e destruir o que fazemos. (Rocha, 2021, p.77 e 78)

O conto *O show tem que continuar*, de Lavínia Rocha, é um texto marcante que se insere na esfera da ficção especulativa com um enfoque afrocentrado, refletindo a força do movimento afrofuturista na literatura contemporânea brasileira. A narrativa é um exemplo claro de como a autoria negra pode ressignificar gêneros literários, proporcionando novas perspectivas que colocam personagens negros no centro de histórias complexas e inspiradoras.

No conto, Lavínia Rocha constrói uma trama em que o protagonismo negro é central não apenas como um elemento de representação, mas também como um vetor de resistência e afirmação identitária. Os personagens principais, imersos em um mundo onde tecnologia e cultura ancestral coexistem, rompem com estereótipos tradicionais ao exibirem agência, autonomia e profundidade emocional. Essa abordagem desafia a hegemonia narrativa que historicamente relegou personagens negros a papéis subalternizados ou unidimensionais. A

ambientação do texto com base na ficção especulativa é descrita no seguinte trecho:

> Levei as mãos às minhas longas tranças pretas sem saber como reagir à frase. Eu era um ser divino recém-criado, cheia de teorias e novos conhecimentos na cabeça, mas sem qualquer vivência. Havia acabado de descobrir, por exemplo, que levar as mãos às tranças era uma das minhas maneiras de lidar com a tensão que sentia. Como seria capaz de resolver o problema de uma grande equipe como aquela se ainda tinha tanto para aprender sobre mim mesma?
> — É muita responsabilidade, Adaobi. Não sei se dou conta. (Rocha, 2021, p.46)

A narrativa especulativa de *O show tem que continuar* está profundamente enraizada na tradição afrocêntrica, trazendo à tona elementos da herança cultural africana que dialogam com temáticas contemporâneas. A fusão entre o futurismo tecnológico e a ancestralidade não é apenas um pano de fundo para a trama, mas um aspecto essencial que permite a reflexão sobre como as memórias e experiências da diáspora africana podem ser reinterpretadas em contextos futuros. Assim, a obra estabelece uma ponte entre o passado, o presente e o futuro, em uma perspectiva que valoriza o legado cultural africano como elemento propulsor de inovação e resistência:

> Adaobi começou pelos primórdios da história do território brasileiro. As coisas pareciam ir bem antes de o nome “Brasil” ser usado. No início, havia apenas um povo comandado por diferentes ancestrais; eles tinham outra relação com o lugar e eu queria estudar mais a respeito deles, principalmente alguns de seus códigos que pareciam se cruzar com os nossos, como o da reverência à natureza. Mas não demorou muito para Adaobi me mostrar um código que quebrou toda a dinâmica daquele território e ficou conhecido como “colonização”. Em seguida, surgiu na tela o que os humanos chamaram de “escravidão”. Minha superiora parou quando percebeu o impacto que aquela parte tinha causado em mim. — Essa é a pior tragédia que a nossa equipe carrega. Foram tantas voltas ao Sol trabalhando arduamente para destruir esse código! Era uma sequência grande, complexa e muito bem criptografada, os Outros amarraram tudo muito bem. — E o que vocês zeram? — perguntei com a voz um pouco embargada, me dando conta de que aquela sensação ruim dentro do meu corpo tentava sair a qualquer custo. Devia ser por isso que uma espécie de água salgada escorria pelos meus olhos. Seria dessa forma que o sentimento desagradável tentava se libertar de mim? — Trabalhamos muito duro pra criar várias combinações capazes de competir com os Outros; os humanos chamaram esse grupo de códigos de “resistência”. Mas, depois de séculos do tempo terrestre, quando estávamos prestes a

> quebrar a sequência “escravidão”, os Outros viram que não tinha saída, que nós venceríamos essa, então inventaram a “redenção”, uma chave feita às pressas que foi aplicada em uma tal princesa. Em um segundo, zeram com que tudo parecesse resolvido, até hoje os brasileiros falam disso como um grande feito. (Rocha, 2021, p.48 e 49)

Lavínia Rocha, como uma escritora negra, desempenha um papel fundamental na promoção da diversidade e da inclusão no campo da literatura especulativa. Sua autoria reforça a importância de vozes negras na produção cultural, desafiando estruturas coloniais de poder que tradicionalmente marginalizaram essas vozes. Além disso, ao inserir-se no movimento afrofuturista, a autora contribui para a expansão de um gênero literário que celebra a multiplicidade de experiências negras e promove uma visão transformadora do mundo.

O movimento afrofuturista, do qual *O show tem que continuar* faz parte, utiliza a ficção especulativa como ferramenta para explorar as possibilidades de um futuro onde a população negra ocupa espaços de protagonismo e poder. A obra de Lavínia Rocha se destaca nesse cenário ao abordar temas como identidade, resistência e esperança, oferecendo um contraponto às narrativas distópicas que frequentemente dominam o gênero. Por meio de sua escrita, Rocha não apenas questiona as estruturas de opressão presentes, mas também imagina um futuro de empoderamento e autoconhecimento.

> Eu precisava trabalhar em prol dos humanos negros imediatamente! Os Outros com certeza estavam criando sequências e mais sequências de códigos, e eu tinha que começar a decodificar e destruir! Quantos negros estavam sofrendo naquele exato momento, enquanto me decidia se quebrava ou não uma pequena regra? Era isso. Os Grandes Ancestrais me criaram para ajudar com os problemas do povo brasileiro. Eu não podia decepcioná-los! Dei uma espiada pelo corredor, na tentativa de checar se havia alguém por ali e, em seguida, me voltei à maçaneta da porta. Algo dentro de mim, que supus ser a pitada de bom senso colocada em minha consciência, tentou me convencer a agir de acordo com as normas. Eu ainda estava em treinamento. Ser expulsa da equipe me impediria de ajudar os brasileiros de forma definitiva, e eu jamais descobriria o que veio depois de 1888. — Com licença, quem é você? — Um superior surgiu atrás de mim, interrompendo a guerra interna com a minha consciência. Ele era alto, tinha a pele bem escura e um olhar desconfiado. (Rocha, 2021, p.51)

Em síntese, o conto *O show tem que continuar* é uma expressão poderosa do protagonismo negro na literatura especulativa e um marco na

produção afrofuturista brasileira. A obra de Lavínia Rocha combina narrativa envolvente, reflexão crítica e celebração da cultura afrodescendente, reafirmando a importância de promover e valorizar a diversidade nas narrativas literárias.

***Conto três: Sexta dimensão*, de Stefano Volp**

Prosseguimos com o terceiro conto, designado: *Sexta dimensão*, de autoria de Stefano Volp, que inicia o texto pela apresentação de dois personagens, Alfredo e Salomão, interligados. Fred, um humanoide modelo RY678, é um ser artificial de pele negra, projetado para funcionar em um sistema onde a humanidade está em declínio devido ao comportamento apresentado a determinados grupos subalternizados. O personagem começa a ser assombrado por um sonho recorrente com um homem de pele escura, mas de aparência diferente, o que o deixa perplexo, já que ele não consegue encontrar esse rosto em suas memórias. O desconforto aumenta quando ele recebe uma mensagem anônima de um remetente desconhecido que afirma saber com quem ele sonha.

Mensagens trocadas entre eles são carregadas de uma tensão estranha e perigosa, despertando uma curiosidade incontrolável em Fred, que luta contra seu instinto de seguir a programação e denunciar a invasão de sistema. Fred começa a questionar a natureza de sua existência, refletindo sobre os ciclos temporais que os humanos ignoraram e sobre os processos naturais que regem seu mundo, distintos dos conceitos de tempo humano. Isso pode ser observado no trecho:

> Fred já havia vasculhado a própria memória incontáveis vezes. Nenhuma das faces armazenadas se parecia com o rosto do sonho. De vez em quando, como agora, no meio de outra tarefa, as imagens brincavam de assustá-lo. Mas na mesma velocidade que o rosto aparecia, desaparecia…
> Por que me lembro e, imediatamente, não me lembro desse rosto? O que há de errado comigo?
> Fred ainda está se interrogando quando uma pequena caixa de texto pula no canto direito de sua tela.
> Fred? É você?
> Fred segura a vontade de espiar os colegas próximos e ter certeza de que sua tela não está sendo vista. Seu cérebro projeta uma sensação

> estranha, como se uma corrente gelada se espalhasse por todo o corpo debaixo da pele. Transparência é um dos primeiros lemas da nação, mas que tipo de sistema enviaria um vírus de modo tão arcaico e… romântico? Amor da minha vida?
> Protocolo de alerta máximo.
> Fred olha para a caixa de texto. O remetente está digitando. Precisa fazer a denúncia. Agora. Quem quer que esteja do outro lado não para de digitar. Chega! Fred sabe que pode sofrer graves acusações, pode até ser desativado. Engole a curiosidade boba. Pisca pedindo um botão de emergência. (Volp, 2021, p.81 e 82)

Ao se dirigir para o encontro, ele sente o peso da ansiedade e da desconformidade de sua condição. Sua jornada para encontrar o homem no banheiro da Zona Verde é marcada por um crescente turbilhão emocional, que desafia sua programação e desperta sentimentos humanos, como o medo, o desejo e a curiosidade.

Finalmente, ao chegar à cabine G5, Fred se vê diante de um ser silencioso que o aguarda. Este encontro desencadeia uma série de emoções conflitantes em Fred, que se vê confrontado com a realidade de seus próprios sentimentos e com a identidade do homem que, aparentemente, sabe mais sobre ele do que ele mesmo. O mistério e a tensão se aprofundam, enquanto Fred começa a perceber que sua existência e seu destino podem estar mais conectados ao que ele imaginava. Esse ponto é reforçado pela citação:

> Salomão tranca a porta, e suas mãos apressadas logo retiram o capuz, a máscara e os óculos. Não teve tempo para roubar a vestimenta de um dos humanoides ou de planejar melhor a missão, mas sabe que de nada adiantaria. De um jeito ou de outro, seu m está próximo — a menos de cinco minutos.
> Então, de repente, olhar para Alfredo bem em sua frente, respirar o mesmo ar, vê-lo de verdade a poucos centímetros de sua pele… A emoção liga uma turbina desesperada dentro dele, e o homem precisa lutar contra todos os impulsos do próprio corpo. Só quer abraçar seu amigo, seu parceiro, seu quase-homem.
> — Você é humano. — A armação de Fred parece uma pergunta.
> Quando ouve aquela voz, Salomão se afoga na onda de nostalgia que o arrasta para o fundo do mar. As pernas bambas. (Volp, 2021, p.86)

Salomão encontra Alfredo, um humanoide com quem teve uma história de amor em dimensões passadas. Eles se reconhecem, mas Fred não se lembra do que viveram devido às programações que bloqueiam suas memórias. Salomão revela que a única forma de libertá-lo é usando balas de diamantina, que resetariam seu código, e os dois enfrentam a ameaça de serem descobertos.

Com uma única chance para escapar, Salomão e Fred disparam as balas de diamantina e, ao acordar, Salomão se vê em um corpo humano, livre das prisões dimensionais. O amor de Salomão e Alfredo, finalmente, se transforma em uma perda irreparável na qual podemos comprovar por meio do trecho a seguir:

> — Ele voltou há cinco minutos. Teve tempo de me olhar…
> Disse que me amava.
> Transtornada, Bia trava, desiste, nega com a cabeça e vai embora da sala aos soluços.
> O peito de Salomão se aquece, a cabeça pende para o lado, e só então a agressão da morte se assoma em todo o seu ser.
> Na cama ao lado, o amor de sua vida repousa ainda com a aparência jovem, a pele retinta brilhante. Nos lábios sem vida, o quase sorriso de quem havia descoberto do que o amor era capaz. (Volp, 2021, p.93)

A dor de Salomão ao perceber que sua busca foi em vão é profunda, e ele lida com a saudade e a angústia da morte de Alfredo. Mesmo assim, ele tenta encontrar algum consolo na presença de Bia, embora o peso da perda o acompanhe. A história termina com a sensação de que o amor e o sacrifício não foram suficientes para impedir o destino catastrófico que os personagens sofreram.

O conto ainda evidencia a força do protagonismo negro em uma narrativa que une ficção especulativa, afrocentricidade e os ideais do movimento afrofuturista. A história transcende os limites da realidade convencional ao explorar questões sociais, culturais e identitárias sob o prisma de uma narrativa que mescla ancestralidade e tecnologia, reafirmando a importância da autoria negra em espaços historicamente marginalizados.

No enredo, Volp constrói personagens negros complexos e profundamente conectados a sua herança cultural, colocando-os como agentes centrais de transformação. A escolha de protagonistas negros não se dá apenas como um ato de representatividade, mas também como uma subversão das narrativas tradicionais que frequentemente relegam esses personagens a papéis periféricos. Aqui, os protagonistas carregam não apenas a trama, mas também os símbolos de resistência e memória que dialogam diretamente com as

experiências da diáspora africana. Essa característica é perceptível na seguinte passagem:

> Enquanto verifica o funcionamento das câmeras no Bairro C66, ele sente o medo voltar a lampejar em seus olhos. A memória da noite passada se aloja nas paredes de sua mente, cada vez mais intacta, e então… se esvai.
> Havia sonhado pela enésima vez com um homem. Apesar do mesmo tom da pele escura, aquele outro era muito diferente. Corpulento e com o semblante fechado. Olhinhos pequenos e travessos, como quem esconde segredos por pura diversão.
> Apesar de se parecer fisicamente com um humano — inclusive com órgãos e estímulos sexuais — e de abrigar incontáveis sinapses emocionais, Fred é um computador vivo. Criaturas desse tipo são incapazes de esquecer informações. Então, como é que…? (Volp, 2021, p.81)

O conto se insere no campo da ficção especulativa, um gênero que permite ao autor criar cenários alternativos e futuros possíveis onde a realidade pode ser redesenhada a partir de uma perspectiva crítica. Em *Sexta Dimensão*, o uso de elementos de ciência e tecnologia entrelaçados com aspectos místicos e espirituais revela uma proposta típica do afrofuturismo: questionar o presente, ressignificar o passado e imaginar futuros onde o protagonismo negro é central. A fusão entre ciência e ancestralidade no conto sublinha a ruptura com a ideia ocidental de progresso dissociado das raízes culturais, propondo uma visão holística e integrativa do mundo.

A afrocentricidade emerge como um dos pilares da narrativa, pois o conto reconstrói visões de mundo a partir de epistemologias negras, muitas vezes ignoradas ou desvalorizadas em narrativas hegemônicas. Volp utiliza símbolos e referências que dialogam com a cosmologia africana e com a espiritualidade de matriz africana, como metáforas para a reconstrução identitária e resistência. Essa abordagem resgata um imaginário afrocentrado e reflete a potência de narrativas que não apenas representam, mas recriam histórias a partir de lentes negras. O diálogo abaixo evidencia tal abordagem:

> Fred não consegue mais deixar de olhá-lo, mas agora seus olhos estão diferentes. Mais humanos do que antes, eles vislumbram lembranças.
> — Salomão. É o seu nome.
> — Somos casados — diz Salomão quando consegue voltar a falar. — Você é meu marido. — Ele ri.

> Os dois se encaram em silêncio por um tempo. Fred ainda parecendo decidir se acredita ou não.
> — Por que estamos aqui? — pergunta.
> — Quando os humanoides começaram a lutar entre si, o ciclo se repetiu. Você foi dominado. Todos os outros robôs pretos da sua época foram. Proibidos de serem livres. Proibidos de se envolver emocionalmente com qualquer pessoa…, mas nos apaixonamos. Descobriram e separam a gente. (Volp, 2021, p.87)

Finalmente, o conto se alinha com os princípios do movimento afrofuturista, que combina tecnologia, ficção científica e questões raciais para imaginar futuros possíveis para a população negra. Em *Sexta dimensão*, o afrofuturismo não é apenas um pano de fundo estético, mas uma ferramenta política e filosófica que desafia as narrativas coloniais e reimagina o lugar da negritude no mundo. Ao propor uma narrativa que une passado, presente e futuro, Volp desafia o apagamento histórico e convida o leitor a refletir sobre o impacto das opressões sistêmicas e as possibilidades de superação.

Assim, *Sexta dimensão* vai além de uma história de ficção: é um manifesto poético e político, onde a literatura afrofuturista brasileira encontra terreno fértil para florescer, reafirmando a força da imaginação negra e sua capacidade de moldar novos horizontes.

Conto quatro: Jogo fora de casa, **de Sérgio Motta**

Caminhamos para o quarto conto, intitulado: *Jogo fora de casa,* de autoria de Sérgio Motta, a narrativa se passa em Marte e no texto é evidenciado a “Casa Futsol Clube”, formado por uma equipe humilde da Zona Norte de São Paulo, conquistou sucesso inesperado no cenário esportivo interplanetário, derrotando grandes times e ganhando o título estadual. Porém, enfrentam dificuldades financeiras e logísticas, com poucos patrocinadores e viagens caras.

O time agora se prepara para enfrentar os Pebas, campeões da Copa da Coroa, em um desafio que vai além do esporte, com questões de marketing

e rivalidade interplanetária. Dona Odete, matriarca do clube, sempre tem sabedoria e, ao lado do técnico Silva, busca levar a equipe à vitória, apesar das dificuldades, aqui já se confirmam a ancestralidade, o protagonismo negro, a identidade e os futuros alternativos por meio das personagens apresentadas e a passagem acima é revelada por meio do fragmento:

> Jovelina é minha capitã porque tem visão, sempre está pronta para motivar o time, intimidar o adversário e virar a torcida a favor. O problema é que, às vezes, ela joga contra mim.
> Entre risadas e abraços, ela puxa os tchutchas enquanto os outros jogadores adicionam os lerês e ziriguiduns que fazem o funkadélico paulistano, ritmo da moda. Prefiro os pancadões clássicos ou o samba-funk das antigas, mas deve ser a idade falando mais alto.
> Talysson lança suas rimas de improviso. Ele leva jeito. Artilheiro e MC, o garoto tem estrela e nasceu pra ser protagonista. Tenho certeza de que no futsol, na música ou nos dois uma hora a carreira dele vai decolar.
> — Deixa as crianças, Silva — fala dona Odete, matriarca do clube, enquanto os meninos entram em campo. — Eles sabem o que tá em jogo aqui, mais do que a gente. (Motta, 2021, p.95)

Em Pebas, o jogo de futsol acontece em um cenário espetacular, com um domo que amplifica a realidade, tornando cada partida um grande espetáculo. O time Casa Futsol, com sua simplicidade e estilo próprio, enfrenta o time marciano em um jogo tenso e desafiador. Os jogadores, embora bem equipados, não estão acostumados com a pressão e as condições de gravidade de Marte, o que torna a partida ainda mais difícil.

A rivalidade entre jogadores como Cleitim e Jorjão traz tensão ao campo, mas também revela a complexa dinâmica entre os membros da equipe, que, apesar de suas diferenças, se entendem e se complementam. No primeiro tempo, os Pebas dominam, mas o time Casa ainda tem a chance de reverter a situação.

No intervalo, o time da Casa Futsol reflete sobre suas dificuldades e sua essência. O jogo não é só sobre futsol, mas sobre identidade e superação. A mensagem é clara: jogar com o coração, pelo time e pela favela. O futuro começa no segundo tempo, e a diversão será o combustível para a vitória.

O treinador reflete sobre sua jornada, seu passado e os erros que marcaram sua carreira. Ele reconhece que a oportunidade de treinar o Casa

Futsol é sua chance de redenção, um caminho de renovação para si e para o time. No segundo tempo, Cleitim marca o gol que vira a partida. A vitória, além de uma conquista no campo, representa a superação de um ciclo e a afirmação da identidade da equipe e da favela. Assim acaba a história.

A história coloca personagens negros no centro da narrativa, um gesto que vai além da representatividade ao atribuir-lhes complexidade e agência. Esses protagonistas são retratados como indivíduos que navegam por desafios tanto pessoais quanto coletivos, em um contexto que mistura alta tecnologia e problemáticas sociais contemporâneas. O título do conto, *Jogo fora de casa*, já sugere deslocamento e desafios, remetendo a vivências diaspóricas e à luta por espaço e reconhecimento da figura do negro e do pobre em cenários adversos. Assim, a obra subverte narrativas tradicionais, recusando papéis secundários e marginalizados para personagens negros.

Como parte do gênero da ficção especulativa, o conto utiliza elementos futuristas e tecnológicos para explorar questões sociopolíticas relevantes, especialmente no que diz respeito às vivências negras. Sérgio Motta apresenta um mundo que, embora repleto de avanços tecnológicos, ainda reflete as desigualdades e os conflitos de nossa realidade. Essa abordagem é típica do afrofuturismo, que não apenas imagina futuros possíveis, mas também utiliza a especulação como ferramenta crítica para analisar as condições atuais. No caso de *Jogo Fora de Casa*, a ficção especulativa atua como um espelho distorcido que amplifica e questiona as estruturas de poder que moldam a experiência da negritude. Isso pode ser observado no trecho:

> Ninguém dava nada por eles. Os jogos rolavam na arena improvisada que ficava em um estacionamento falido, numa ruela entre a Casa Verde e o Bairro do Limão. Antes da estreia na primeira divisão do Paulista, a mídia esportiva apelidou o time de Sem Casa FC, mas depois que atropelamos os sete grandes e todos os médios e pequenos da Mega São Paulo, todos baixaram a bola. Garantimos o título invicto do Estadual.
> Essa molecada atraiu muitas palmas e sorrisos dentro de campo, mas nenhum grande patrocínio. A única marca que continua estampando a camisa do Casa é a da rede de supermercados Vladão — que havia se tornado “rede” em menos de um ano, abrindo a segunda unidade a dois quarteirões de distância.
> O tudo era só o carro mesmo, e nem era o oficial, mas era o suficiente. A única treta era onde cada um sentaria: a kombi de dois andares tinha sete lugares em cima, no camarote, como apelidaram. Ficou definido que lá, onde a bagunça rolava solta e sem regras, era dos titulares da vez. Os oito reservas ficavam embaixo e já não podiam falar de tudo

> — e um ainda tinha que ir no castigo, entre dona Odete e eu, ouvindo por horas o papo nostálgico dos dois pretos velhos sobre as últimas décadas do século 21. (Motta, 2021, p.96 e 97)

A afrocentricidade está presente na maneira como Motta reconstrói a visão de mundo dos personagens, que se conectam a suas raízes culturais e histórias ancestrais, mesmo em meio a um cenário futurista. Essa conexão entre passado e futuro é um dos pilares do movimento afrofuturista, que se opõe à dissociação colonialista entre tecnologia e ancestralidade. No conto, elementos de sabedoria ancestral coexistem com inovações tecnológicas, demonstrando como as tradições afrocentradas podem oferecer soluções para os dilemas do futuro.

Outro aspecto relevante é a autoria negra, que confere autenticidade e profundidade à narrativa. Sérgio Motta traz para o texto a perspectiva de quem vivencia as questões raciais em primeira mão, construindo personagens e cenários que escapam das caricaturas e estereótipos muitas vezes presentes em obras de ficção científica dominadas por autores não negros. Essa autoria é essencial para a criação de histórias que dialoguem de forma direta com as experiências e subjetividades da população negra, garantindo que a literatura afrofuturista seja não apenas um espaço de representação, mas também de autoria e protagonismo, conforme se evidencia na passagem:

> Com direção.
> A torcida marciana se cala. Agora, só ouvimos as vozes conhecidas da nossa comunidade. Os reservas invadem o campo e correm pra tudo que é lado. Nalda e Pepê se abraçam no chão, chorando um no ombro do outro. Ratinha pula sem parar, dando cambalhotas no ar, como um bobo da corte, o mais alto que a atmosfera permite. Jovelina sacode a camisa do Casa para a torcida, como uma bandeira. Cleitim beija Jorjão, “Te amo, Jorginho!”. MC Taly Brown entoa suas rimas que logo viram gritos de guerra:
> *Na ZN ou em Marte*
> *Nóis já é de casa.*
> *Aqui é tudo nosso*
> *Fica esperto, marca*
> *Casa! Casa! Casa!*
> Mãe e eu admiramos aquela obra de arte assinada pelos nossos artistas favoritos. Não tem pra ninguém! Marte, Terra, Lua, Sol… Neste universo, nada é mais bonito do que ver todos os rostos das cores da favela sorrindo. (Motta, 2021, p.116 e 117)

O conto dialoga amplamente com os princípios do movimento afrofuturista, que combina ficção científica, tecnologia e cultura afrodescendente para imaginar futuros alternativos e empoderadores. O afrofuturismo não é apenas uma estética, mas uma prática de reimaginar o papel da negritude em cenários globais e interplanetários. A obra propõe uma nova configuração de mundos possíveis, onde as narrativas coloniais são desafiadas e onde a herança cultural negra é vista como fonte de poder e inovação.

Dessa forma, é uma narrativa que transcende os limites da ficção convencional, ao mesmo tempo que contribui para a expansão do repertório literário afrofuturista brasileiro. Sérgio Motta utiliza o conto como uma plataforma para discutir questões profundas de identidade, pertencimento e resistência, reafirmando o papel essencial da literatura na construção de futuros mais inclusivos e plurais.

***Conto cinco: Recomeço*, de Kelly Nascimento**

Seguimos com o quinto conto designado *Recomeço*, elaborado por Kelly Nascimento, inicia com a utilização de elementos clássicos da ficção científica para explorar questões profundas relacionadas à perda, identidade e a luta contra uma crise social e de saúde, tudo enquanto coloca o protagonismo de uma mulher negra em uma sociedade marcada pela dor e pela resistência. Assim, a narrativa oferece uma reflexão sobre o luto, o pertencimento e a conexão humana, temas caros ao afrofuturismo, que frequentemente lida com a luta por justiça e a reimaginação de futuros em meio a cenários de opressão.

A personagem Helena acorda em meio à dor da perda, tentando seguir a rotina apesar da saudade e do vazio deixado pela morte do parceiro. O tempo passa de forma confusa, marcado pelos plantões incessantes e pela impossibilidade de lidar com a ausência dele. Essa passagem é confirmada por meio do diálogo:

> Ouço o despertador tocar ao longe e tento me apegar aos últimos resquícios do sonho, mas seu sorriso, seu rosto se apagam aos poucos. Abro os olhos e sinto dor. Não sei se é por causa da luz do sol na janela ou por não sentir mais o cheiro do café recém passado.

> Nunca mais consegui tomar café desde que você se foi. Já são oito ou nove meses? A passagem do tempo se tornou cada vez mais confusa. Sigo emendando plantões e evitando voltar para a nossa casa — você não está mais aqui, mas esta ainda segue sendo nossa casa.
> Levanto-me rapidamente da cama, vou direto ao banheiro, sem olhar para o espelho, e entro no banho frio. Preciso acordar, preciso de lucidez para mais um plantão. Salvar o maior número de vidas é a forma que tenho de me vingar da doença que tirou você de mim... (Nascimento, 2021, p.118)

A pandemia, com sua doença devastadora, transformou todos os planos em pesadelo. Agora, Helena vive para salvar vidas, tentando encontrar um propósito no meio da dor e da luta constante, enquanto ainda sente a presença de seu amor perdido em cada canto.

Helena sente o corpo dando sinais de exaustão, mas segue trabalhando, atendendo pacientes sem parar. Quando começa a ter vertigens, Makoto tenta forçá-la a descansar, mas ela recusa, determinada a continuar. Durante a reunião, a vertigem piora e ela desmaia antes de conseguir sair da sala. A passagem é atestada a partir do trecho:

> — Cara, onde você estava com a cabeça? Começar a passar mal e se esconder? Ninguém vai te achar fraca por não estar bem um dia, assim como ninguém te acharia fraca por não voltar a trabalhar quatro dias depois de tudo o que aconteceu.
> Ele solta um suspiro de insatisfação.
> — Fique deitada. Preciso examinar você.
> — Por que está falando assim comigo?
> — Agora você é minha paciente, goste disso ou não.
> Ele coloca o oxímetro no meu dedo e um termômetro na minha axila direita, ausculta meu coração e pulmões, levanta a manga da segunda pele e examina meus braços, levanta minha blusa e examina o abdômen. Não encontra nenhuma pústula.
> Makoto cruza os braços à frente do peito. — Quais sintomas você tem sentido? Teve febre nas últimas horas? Confusão mental? Delírios?
> Respiro fundo e me dou conta de que estou falando mais para mim do que para a anamnese de Makoto.
> — Delírios… — digo. — Acho que estou passando por delírios desde hoje de manhã… Ouvi a voz do Alexandre me chamando mais cedo… Agora há pouco, eu estava aqui no hospital, mas tudo estava diferente, vazio, empoeirado. Ouvi o Alexandre me chamar mais uma vez, mas a porta de saída estava trancada… Acha que eu estou infectada… ou que estou enlouquecendo? (Nascimento, 2021, p.118)

Ela acorda sozinha em um consultório sujo, confusa e com frio. Ao sair, percebe o hospital vazio e em completo abandono. Desesperada, tenta sair, mas a porta está trancada, e ouve a voz de Alexandre chamando-a. O teste rápido de infecção dá negativo, mas ele a aconselha a descansar. Depois de um dia difícil, ela volta para casa, mas uma nova vertigem a acomete, e ela desmaia ao cair no chão.

Ela, desta vez, acorda em seu apartamento bagunçado, com a sensação estranha de estar em um delírio. Ouve a voz de Alexandre, em seguida caminham até o apartamento, onde ele revela que ela morreu meses atrás, vítima de uma mutação do fungo da pandemia. Alexandre, em um estado de luto profundo, passou os meses vagando e enterrando mortos. Quando se reencontram, é como se o tempo tivesse parado, e o amor renasce entre eles. Contudo, ao perceber os sinais de infecção em seu corpo, Helena entende que a tragédia ainda não acabou e que ela recebeu uma espécie de segunda chance ao lado de seu grande amor, que viveu durante quatorze anos de felicidade. O diálogo é validado a partir do trecho:

> Você me puxa, me abraça forte, suas lágrimas molham minha blusa. Levanta a cabeça e olha dentro dos meus olhos, e eu vejo todo o universo dentro dos seus. Seus lábios tocam os meus, primeiro de forma tímida, mas a cada segundo sinto seu medo, sua solidão e sua urgência. Você lentamente tira meu cardigã, suas mãos tocam minha pele e brincam com meus seios. Sem deixar de me beijar, me carrega até o quarto e me deita na nossa cama. Sentir o calor e o peso do seu corpo de novo me proporciona uma sensação completamente nova. Me desfaço de todo o peso que carreguei no último ano, sinto você dentro de mim, o calor fluindo, meu corpo vibrando junto ao seu. Adormeço em seus braços. Quando acordo, o sol está entrando pela janela. Olho para o seu peito nu e me sinto engolida por um abismo — seu corpo está coberto de pequenas pústulas. Você acorda e me dá um sorriso preguiçoso e feliz, mas fica confuso ao me ver encarando seu abdômen. Você olha para o próprio corpo. — Não tenho problema em morrer, não tenho medo. Não depois dessa segunda chance… de conseguir me despedir. Passo os dias seguintes cuidando de você. Arrumo a casa, cozinho para nós dois. Conversamos muito, recordando a mesma história de forma diferente. Agora que tenho suas lembranças e as minhas, sinto uma estranha leveza. Os sintomas surgem devagar, mas não os delírios — nem a confusão mental. Na verdade, nunca vi você tão lúcido e feliz. (Nascimento, 2021, p.118)

Helena, ao acordar e refletir sobre os últimos dias, percebe que ainda possui as alianças de seu falecido marido, o que confirma que tudo o que viveu

não foi um delírio, foi real. Em uma lembrança do passado, a narrativa se volta para um encontro casual com seu marido, Alexandre, com quem viveu uma relação profunda e transformadora, mas com arrependimentos por não ter aproveitado mais os momentos ao lado dele, seu grande amor.

A pandemia que assola o mundo no conto é uma alegoria das crises sociais que afetam as populações marginalizadas, especialmente a população negra, frequentemente exposta a condições de saúde desiguais e falta de suporte em tempos de crise. A doença, que leva à morte em uma velocidade impressionante, pode ser vista como uma metáfora para as epidemias de racismo estrutural, violência policial e outras formas de opressão que afligem comunidades negras ao longo da história.

A ideia de uma médica que lida com a dor enquanto tenta salvar vidas remete à luta constante da população negra para sobreviver e resistir a um sistema que historicamente tem sido prejudicial à sua saúde física e mental. Isso também pode ser lido como uma crítica à falta de infraestrutura e apoio adequado em tempos de crise, algo que se torna ainda mais devastador para os grupos marginalizados, conforme podemos evidenciar na forma como Helena é recebida/tratada ao deixar explícito o racismo simbólico por uma colega da equipe no seguinte fragmento:

> A primeira enfermaria que visito é uma sala ampla com cinco leitos de cada lado. Não reconheço a responsável pela ala, uma mulher branca de mais ou menos 50 anos e cabelos loiros na altura das orelhas. Ela me olha da cabeça aos pés com clara desaprovação. Mesmo depois de receber esse mesmo olhar tantas vezes na vida, ainda me sinto violentada.
> — Bom dia, sou a doutora Helena.
> — Você não devia usar aliança durante o plantão.
> Olho para a mão direita e percebo que de fato me esqueci de guardar a aliança, coisa que nunca aconteceu antes. Ignoro o comentário da enfermeira e não retiro a aliança. Me dirijo ao primeiro leito, onde pego um prontuário e começo a lê-lo. (Nascimento, 2021, p.124)

A autora agrega ainda mais à força do conto, pois a narrativa apresenta um mundo em reconstrução após um colapso ambiental e social e como mulher negra, sua voz legitima a narrativa e dialoga diretamente com experiências e vivências que muitas vezes foram apagadas ou silenciadas em outros contextos literários. A escolha de personagens diversos em termos de gênero, geração e habilidades demonstra um compromisso com a pluralidade e a inclusão, pilares

essenciais do movimento afrofuturista. Assim, a situação é fundamentada ao observarmos as descrições a seguir em duas passagens:

> Me dirijo ao primeiro leito, onde pego um prontuário e começo a lê-lo. Ao sentir que estou sendo observada, me deparo com o paciente, um homem negro idoso que sorri e se dirige a mim de forma gentil e animada:
> — Bom dia, minha filha, então é você a moça bonita que vai me dar alta hoje. Preciso voltar pra casa e cuidar das minhas plantas!
> — Olá, senhor Antônio. Gostaria muito de te mandar para casa, mas o senhor vai ter que ficar mais alguns dias aqui conosco.
> — Ah, minha filha, desde que minha velha se foi, três anos atrás, eu prometi que cuidaria das plantinhas como se estivesse cuidando dela. Isso ajuda a diminuir a dor e a saudade, entende? Imagina se você tivesse que ficar longe do seu noivo…(Nascimento, 2021.p.124 e 125)

> Atendo uma pessoa após a outra, com tempo apenas para trocar a cobertura da maca e lavar as mãos. Começo por um caso de catapora em um bebê de quatro meses acompanhado da mãe, uma jovem de 18 anos desesperada com o medo de perder o filho para a nova doença. Em seguida, trato o corte profundo na testa de um adolescente vestindo roupa de grife e ostentando um relógio que deve custar o valor do meu apartamento — o ferimento um resultado de uma aposta com amigos que, imagino, são igualmente ricos. Um morador de rua com os dedos dos pés tão congelados que precisa ser internado para fazer uma amputação. Uma mulher religiosa de 48 anos a quem preciso informar que tem infecções sexualmente transmissíveis já em estado avançado. (Nascimento, 2021, p.124 e 125)

Em termos estéticos, Kelly Nascimento reafirma o potencial da literatura especulativa como um espaço para explorar identidades, resistências e esperanças ao utilizar uma linguagem rica em detalhes e imagens que evocam tanto a beleza quanto os desafios de um mundo em reconstrução. As descrições de espaços, tecnologias e interações humanas são profundamente imersivas, transportando o leitor para uma realidade especulativa que, embora imaginária, é enraizada em questões reais e urgentes como a sustentabilidade, a desigualdade e a necessidade de reconciliação.

A tensão entre o mundo interno de Helena e o mundo externo caótico é um tema que atravessa o conto e pode ser analisada sob a ótica do afrofuturismo como uma metáfora para o desajuste entre o mundo real e a luta interna de indivíduos negros para se encontrar e resistir. A questão de saber se as visões de Alexandre são reais ou apenas fruto da mente de Helena pode ser vista como uma representação do conflito entre a realidade visível e a invisibilidade do

sofrimento emocional e psicológico enfrentado pelas pessoas negras, especialmente em tempos de crise social ao evidenciar a resistência e a força por meio da referida personagem.

Esse conflito de realidades é uma característica que frequentemente aparece no movimento afrofuturismo, onde o presente é visto através da lente de um futuro desejado ou de um passado que precisa ser revisitado para que novas possibilidades possam surgir.

Conto seis: Segunda mão, de **Petê Rissatti**

Andamos para o sexto conto, intitulado: *Segunda mão, de* autoria de Petê Rissatti, que aborda o relacionamento amoroso entre dois homens de forma sensível, porém forte ao mostrar tanto sua conexão quanto suas fragilidades, em meio a uma sociedade que alega ter superado preconceitos, como a homofobia, mas que mantém desigualdades latentes em relação ao racismo, dessa forma, o amor entre João, que tem vinte e dois anos, e Rafael, que tem trinta e sete anos, se torna um ato de resistência.

O texto apresenta o personagem João, que ao conhecer Rafael no ponto de um hiperônibus se sente atraído por ele, embora tenha receios sobre o que essa conexão pode significar. Quando se encontram para um café, Rafael propõe uma conversa mais profunda, sugerindo que, além da atração física, eles podem explorar algo mais significativo como uma conversa profunda. João, desconcertado, começa a perceber que o relacionamento pode ser mais complexo do que ele imaginava. Essa passagem é validada por meio do trecho a seguir:

> Ele marcou de nos encontramos em um café no centro da cidade. Era um lugar movimentado, do jeito que eu sempre fazia quando conhecia alguém. Ainda que o Governo Mundial controlasse a entrada e a saída de todos em todos os lugares, sempre tive medo de me encontrar em algum lugar ermo com um desconhecido. Ele não era o homem mais velho que eu conhecia nessas condições, mas sentia que não seria apenas uma saída rápida. Via em Rafael um caminho para algo maior. Conversamos muito antes de sair, as mensagens dele eram divertidas e, aos poucos, ele ganhou um pouco da minha confiança. E isso me dava ainda mais medo do que seria aquela possível relação. (Rissatti, 2021, p.149)

João está em um relacionamento com Rafael, um homem mais velho e membro de um grupo considerado subversivo ou contestador, “Os Sonhadores”, que luta contra o Governo Mundial. Embora atraído por Rafael, João se vê dividido entre a paixão e o risco de estar com alguém envolvido em atividades associadas às práticas ilegais pelo imaginário coletivo, o que poderia levar ao seu desaparecimento repentino, como em “— Eu posso precisar desaparecer. Ou ‘ser desaparecido’ pela Polícia do Governo Mundial” (Rissatti, 2021, p.156). A história explora o amor, o desejo e o medo em um mundo distópico controlado pela tecnologia e pela opressão, ainda em relação ao racismo.

João é levado a uma situação de risco ao lado de Rafael, que faz parte de um grupo subversivo. Eles escapam de uma perseguição e se refugiam em um local seguro, onde João conhece os membros da célula e os segredos de Rafael. Apesar da tensão constante e da vida sob vigilância, eles tentam levar uma relação normal. Essa característica é perceptível na seguinte passagem:

> Atravessamos a rua, entramos em uma viela, e duas motos apareceram e nos cercaram.
> — Suba naquela moto. Não olhe para trás.
> Quis argumentar, mas a motociclista me puxou com tudo e saiu em disparada. Agarrei a cintura dela com força, morrendo de medo de cair daquele negócio, e ela, a toda velocidade, mostrou que era extremamente habilidosa. Olhei duas vezes para o lado e vi que a outra moto, com Rafael, nos seguia de perto, mas com espaço suficiente para desviar o caminho se necessário.
> E o carro vinha desembestado atrás dos quatro.
> Conseguimos despistá-lo, como outros que, aparentemente, também estavam atrás da gente. Em um momento, nos separamos, e a mulher me levou até uma garagem subterrânea e disse, assim que descemos da moto:
> — Preciso vendar você. Serão apenas alguns minutos, tudo bem?
> — Não está tudo bem.
> — Rafael pediu para que eu fizesse isso para sua segurança.
> Ele me apresentou algumas pessoas. Pessoas normais, com quem a gente cruza na rua todos os dias, nada do imaginário criado pelo Governo Mundial sobre os contestadores. Havia uma senhorinha que lixava a unha e conversava com dois rapazes, gêmeos, muito bonitos e risonhos. Uma mulher carrancuda me trouxe um copo d’água e uns docinhos de gosto muito diferente de tudo que eu já havia provado. A motociclista tinha cabelos curtos, a única que talvez se aproximasse da imagem errada: tinha tatuagens, muitos brincos e piercings, maquiagem pesada no rosto. (Rissatti, 2021, p.166)

No entanto, a situação piora quando Rafael é preso, deixando João em um desespero profundo, sem saber se ele voltará e infelizmente ele não volta e todos os seus registros profissionais, social, intelectual são apagados, ninguém sabe a localização de Rafael, nem seus amigos e colegas próximos. Esse fato é constatado na seguinte passagem:

> Estávamos em um restaurante, terminando um jantar, quando um homem se aproximou da mesa:
> — Senhor Rafael? Sou o delegado Anacleto. O senhor poderia me acompanhar?
> — Se o senhor tiver um mandado, o acompanho com o maior prazer.
> Fiquei mais pálido que de costume. Num rompante, comecei a falar:
> — O que o senhor quer com ele? Não fizemos nada.
> O tal delegado me encarou por um longo momento, abriu um sorriso assustador, e seus olhos faiscaram:
> — Seu filho? — perguntou, ainda olhando Rafael.
> — Meu namorado.
> — Hum. Vocês… bem, agora é assim, não é? O senhor vai vir comigo ou não?
> — Como eu já disse, não me levanto daqui sem mandado, as câmeras estão registrando tudo. Há testemunhas aqui e, como disse meu namorado, não fizemos nada.
> — Recebi uma denúncia anônima de que havia um Sonhador neste restaurante, e tudo me leva a crer que é o senhor. Por isso preciso averiguar. — O senhor está surdo? — perguntei, no meu ímpeto de jovem, e depois… O soco.
> O impacto me derrubou da cadeira, a dor imensa subiu pelo meu rosto em um formigamento.
> Quando abri os olhos, Rafael estava em cima do delegado, sem economizar pancadas distribuídas pelo rosto e pelo peito do homem. Quando ergui a cabeça, vi que o policial ria enquanto apanhava, como se a dor lhe fizesse bem. Em minutos, quatro homens da PolGOM entraram e arrastaram Rafael do restaurante.
> Ele gritava:
> — Meu amor, não se preocupe. Vou resolver isso e volto. Não se preocupe. Corri para acompanhá-lo, mas um policial me segurou até que enfiassem Rafael dentro do carro. (Rissatti, 2021, p.168 e 169)

Ele recorda seu relacionamento com Rafael, que desapareceu misteriosamente, deixando-o em busca de respostas. Mesmo sem pistas sobre o paradeiro de Rafael, ele se apega aos livros que recebeu, encontrando consolo e uma promessa de reencontro. A ausência de Rafael e a perda de contato com seus amigos deixam João em um vazio emocional profundo. Nesse viés, Rafael, com seu comportamento e sua relação com João, encarna um elemento de resistência às normas sociais impostas.

No afrofuturismo, personagens como Rafael poderiam ser associados a figuras que preservam memórias ancestrais ou tradições esquecidas como forma de resistência. Embora a narrativa não explore explicitamente elementos da cultura negra, a luta de Rafael contra o apagamento pode ser vista como uma metáfora para a preservação de identidades que o sistema tenta erradicar. Rafael simboliza uma tentativa de retomar aquilo que foi perdido ou suprimido, um tema central no afrofuturismo, que frequentemente conecta o resgate do passado com a criação de futuros possíveis, conforme podemos legitimar por meio do extrato a seguir:

> — Antes fosse esse o problema. Sei que as pessoas nos olham desconfiadas, até um pouco raivosas, quando estamos juntos, trocando carinhos. Mas eu não ligo. Minha avó passou por coisas piores, muito piores, na época dela. Tivemos um presidente na região que disse que os olhos não se relacionariam com uma artista negra porque tinham educação… Isso quase não acontece mais, o Governo Mundial é relativamente rígido com a questão da igualdade racial, mas há coisas que perduram no inconsciente coletivo, infelizmente. (Rissatti, 2021, p.155)

Conto sete: Tudo o que transporta o ar, de Pétala e Isa Sousa

Neste ponto é apresentado o sétimo conto, intitulado: *Tudo o que transporta o ar*, pertencente às autoras Pétala e Isa Sousa, no qual ele é dividido em oito fragmentos que se complementam entre si e exemplifica como o afrofuturismo pode abordar questões universais, como identidade, pertencimento e cultura, de forma profundamente enraizada nas experiências históricas da diáspora africana. As autoras, ao combinarem o tradicional (o Griô, a herança cultural) com o futurista (a viagem interestelar, a IA), criam uma narrativa que transcende gêneros literários e oferece uma reflexão sobre o passado, o presente e o futuro de povos que ainda lutam para manter vivas suas raízes. Essa história reforça a relevância do afrofuturismo como movimento literário e cultural, abrindo portas para novas abordagens e interpretações do legado diaspórico. Os títulos dos fragmentos são:

“I. Quando chegamos não havia nós: Travessia do regresso, registro 1888”.

Ao retornar ao planeta de origem, a tripulação sente a imensidão e o desconhecido do que está diante deles, com a nave enfrentando uma realidade desconcertante. A Griô, a tecnologia que os guia, ajuda a manter a rota, mas a sensação de distância e a fenda aberta entre o passado e o presente aumentam a incerteza. O planeta parece familiar, mas ao mesmo tempo, algo está profundamente alterado. No final, se questionam sobre sua identidade e o caminho que os trouxe até ali.

A imagem representada da “travessia do regresso" ressignifica a jornada transatlântica vivida pelos povos africanos escravizados. Neste caso, o movimento identitário, pois trata-se de um retorno às origens, uma busca pela conexão com a Terra ancestral. A nave Blombos e a referência ao ano de 1888, data da abolição formal da escravidão no Brasil, posicionam a narrativa como um comentário histórico e simbólico. O planeta que aparentava adormecer pode ser interpretado como uma Terra reconfigurada pelo trauma histórico da diáspora ao sugerir que o reencontro com o passado não é direto, mas mediado pela memória e pela reinvenção. Esse ponto é enfatizado pelo trecho:

> O que estava diante de nós não poderá ser contado como uma simples constatação das minhas inseguranças. Era mais do que isso… Mais do que, mesmo alguém como eu, que tenta fazer caber momentos em palavras, é capaz de explicar. Em certo ponto, algo havia embaralhado a trama da realidade. Aquilo não era real — quer dizer, não era a realidade com a qual deveríamos nos encontrar. Das janelas do módulo da nave Blombos, enquanto descíamos, as imagens do planeta começavam a ganhar sentido. Tentávamos assimilar, com os próprios olhos, a estranheza do lugar que nossos computadores investigavam. O que eu senti era mais intenso do que os dados que não paravam de se atualizar nas telas da nave. A terra era aquela, mas ao mesmo tempo estava longe de ser. Ao longe, ouvimos um bater ritmado de águas em correnteza. Minha ansiedade se alinhava à mesma vibração em ondas, assumindo o ritmo das batidas como se eu tentasse me ajustar ao inajustável. Pensei em como a Griô vai reproduzir esse ritmo quando eu transferir essas palavras a ela. Outros pensamentos me disputavam. (Souza e Souza, 2021, p.173)

A figura da Griô, evocada como guia da viagem, conecta a narrativa à tradição oral africana. Nos contextos afrofuturistas, a ancestralidade é frequentemente reimaginada como uma tecnologia espiritual que conduz o presente e o futuro. A confiança na Griô simboliza a continuidade dos saberes ancestrais, mesmo em um contexto marcado pela alta tecnologia e pelo

deslocamento interestelar. Isso reflete uma característica central do afrofuturismo: o hibridismo entre o arcaico e o futurístico.

A fenda aberta entre nós e o que deixamos para trás pode ser lida como uma metáfora para a desconexão cultural e identitária gerada pela escravidão e pelo colonialismo. Essa fenda é descrita como algo que não pode ser plenamente capturado pela linguagem, ressaltando a profundidade e a complexidade da experiência afro-diaspórica. A narrativa sugere que o reencontro não é apenas físico, mas existencial, envolvendo a reconstrução do sentido de pertencimento e identidade.

O fragmento constrói uma narrativa densa e multifacetada, que dialoga com as premissas do afrofuturismo ao abordar a experiência da diáspora em um contexto de ficção científica. A jornada de retorno proposta não é apenas geográfica, mas temporal e espiritual, e a dificuldade em reconhecer o "lar" evidencia a necessidade de reconstruir identidades e significados. Essa reconstrução se dá por meio da tecnologia, da ancestralidade e da imaginação, elementos que convergem para reimaginar o futuro e reinterpretar o passado.

“II. A história será contada por nós enquanto a construímos Travessia do regresso, registro 952”.

No sarau de narradores a bordo da nave Blombos, Yagazie se prepara para contar uma história que será registrada pela Griô, uma biointeligência que preserva as narrativas do povo Irawó. A história envolve o conceito de circularidade das narrativas, transmitidas através das gerações, e a importância dos nomes e da linguagem como elementos fundacionais da identidade.

A Griô capta a energia de cada história contada, e Yagazie reflete sobre a dor da migração e os custos culturais da separação. Durante o sarau, a vibrante conexão com a Griô simboliza a preservação e continuidade das tradições do povo Irawó, enquanto Yagazie narra sua própria travessia, marcada pelo nome ancestral e a busca por um lar.

A figura da Griô, um organismo sintético vivo, sintetiza o que há de mais marcante no afrofuturismo: a fusão entre a sabedoria ancestral e a inovação tecnológica. Ela é a guardiã da história coletiva dos Irawó e simboliza o elo entre gerações, transcendendo espaço e tempo. Suas vibrações, símbolos em alto

relevo e capacidade de absorver narrativas transformam-na em uma metáfora para a memória cultural que se adapta e resiste em diferentes contextos. Além disso, o caráter cerimonial associado à Griô evoca os rituais africanos tradicionais, nos quais a oralidade e os símbolos são centrais para a preservação da identidade coletiva. Essa fusão entre o arcaico e o futurista reforça o papel do afrofuturismo em imaginar futuros enraizados em legados ancestrais. A narrativa se confirma parcialmente por meio do trecho a seguir:

> Sabia que em algum momento a Griô usaria essa energia pra guiar meu povo. Era o que ela fazia naquele momento. Nos guiava pela rota que traçara pelo espaço, seguindo as ondas gravitacionais que nos ligariam às histórias de nossos ancestrais em Terrasul. O espaço vibra como um tambor, e a Griô tem o hábito de ouvi-lo. Estar perto da Griô facilitava a visão dos símbolos em alto relevo que cobrem sua superfície marrom, marcas que se parecem tanto com as que carrego no meu próprio corpo e que são parte da composição que a torna sagrada. Sua forma esférica capta as frequências e vibrações produzidas no momento em que as narrativas são contadas, seja por nós ou pelo espaço. Nossa história vibra com a Griô, por ela e através dela. Eternamente. Pra cada um segundo sua linguagem e forma de comunicação. Cada símbolo gravado na Griô é a marca de uma geração. O da minha, o padà, ainda estava sendo gravado. Quando contamos nossas vidas, marcamos nossos lugares na história. Somos a geração do regresso, nossa caminhada apenas começou a ser gravada, e há muito da história dos Irawó que precisa ser revisitada. (Souza e Souza, 2021, p.173)

A afirmação de que “nossas narrativas são circulares como o próprio tempo" alude à perspectiva africana do tempo, que é não-linear. Essa visão contrasta com as noções ocidentais de progresso e história, sugerindo que o passado, presente e futuro coexistem e dialogam continuamente. Essa circularidade é refletida na escrita de Yagazie, que tenta escrever entre tempos ao conectar Terrasul e Ga, passado e futuro. No contexto da travessia, a narrativa sugere que a construção da história é um processo contínuo e colaborativo. Cada geração deixa sua marca na Griô, destacando a ideia de que identidade e memória são construídas em movimento, nunca fixas.

O nome da protagonista, Yagazie (tudo seguirá bem com você), é mais do que um marcador identitário, é uma evocação de esperança e resistência. A dificuldade de pronunciá-lo no planeta Ga simboliza os desafios enfrentados pelos imigrantes Irawó para preservar sua cultura em meio à assimilação. Esse elemento ressoa com a experiência da diáspora africana, na qual nomes, línguas

e tradições foram frequentemente renegados ou apagados. O nome, nesse sentido, funciona como um espaço de resistência e reafirmação. A conexão de Yagazie com seu nome é um ato de reivindicação, uma forma de evitar a ruptura total com suas raízes.

A migração dos Irawó para o planeta Ga é descrita como uma experiência marcada por perdas culturais, aqui metaforizadas como "impostos culturais". Essa reflexão remete à diáspora africana no mundo real, onde povos deslocados enfrentam pressões para se adaptar a novas realidades, frequentemente à custa de suas identidades e tradições.

O texto exemplifica como a literatura pode servir como uma ferramenta poderosa para imaginar futuros ancorados em histórias e culturas marginalizadas. Ela apresenta a construção da história como um processo dinâmico e colaborativo, no qual ancestralidade, identidade e tecnologia se entrelaçam. A narrativa dos Irawó é uma metáfora rica para a resistência cultural e a capacidade de adaptação das comunidades afrodescendentes, ao mesmo tempo em que reconhece os desafios e as perdas que acompanham essa luta.

“III. No caminho para casa, nos perguntamos o que é casa: Travessia do regresso, registro 952”.

Yagazie narra a história dos Irawó, um povo originário de Terrasul, que, após a fragmentação do supercontinente Pangeia, se estabeleceu no Hemisfério Sul. Eles se distinguem por sua conexão com as estrelas, buscando constantemente o céu. Os Irawó foram os primeiros a decifrar o chamado do Universo, atravessaram o oceano até Pindorama e criaram o Centro Espacial de Mamuna, de onde partiram 97 anos atrás para o exílio. Agora, seu retorno está em curso, e a família os espera em casa.

Durante o sarau, a Griô vibra como uma montanha cantando, e os Irawó experimentam a narrativa como uma energia ancestral, transmitida através do som. A conversa sobre o "território" se torna uma reflexão sobre identidade, pertencimento e a natureza fluida do lar. Uidá conclui que, para ela, seu "lar" é o espaço onde se encontra a frequência do coletivo.

O fragmento projeta uma reinterpretação da origem humana e da civilização ao propor que a vida surge no Hemisfério Sul, em Terrasul. Essa

perspectiva descentraliza narrativas eurocêntricas e coloca o Sul Global como centro de inovação e progresso, evocando um orgulho ancestral e uma valorização da contribuição africana na história universal por meio da descrição dos Irawó como filhos das estrelas conecta a ancestralidade ao cosmos, reforçando a ideia afrofuturista de que passado, presente e futuro coexistem em um contínuo espaço-tempo e da construção da tecnologia é descrita como fruto de uma relação harmônica entre as energias da natureza, desafiando a visão ocidental de exploração e dominação do ambiente, conforme evidenciamos no trecho:

> O planeta foi chamado Terrasul em respeito ao solo que primeiro acolheu nossas existências. Os povos se tornaram muitos, variações de corpos marrons que se diversificaram como a própria terra viva, cada um tecendo seu modo de vida, criando, transformando, aprendendo, compartilhando, negociando, construindo, se espalhando e recuando.
> Quando chegou a hora da reconciliação com a parte ao norte do planeta, foi uma surpresa pra poucos as primeiras equipes de pesquisadores encontrarem mais vida do que as sondas haviam conseguido catalogar. (Souza e Souza, 2021, p.180 e 181)

A noção de casa é apresentada como fluida, multiterritorial e culturalmente híbrida, refletindo a experiência da diáspora. O trecho meu território é movimento desafia concepções fixas de identidade e pertencimento, enquanto nosso corpo feito de histórias reafirma a importância da memória e da corporeidade na construção de uma identidade coletiva porque a ideia de habitar o corpo como território ancestral remete a uma resistência ao apagamento cultural, comum às diásporas africanas e indígenas e também ao situar casa como um conceito móvel, o texto dialoga com as complexas realidades da migração, exílio e pertencimento.

“IV. Estamos dispersos em um espaço de infinitas frequências: Travessia do regresso, registro 965”.

Na Blombos, entre a ansiedade da travessia, busco nas palavras da Mestra Uidá e nos registros da Griô uma forma de compreender nossa jornada. A nave é nossa casa temporária, e, apesar do clima de espera, encontro alívio nas histórias. A Griô, nossa memória viva, registra cada passo, mas sabe que

somos nós quem damos sentido à viagem. Em meio a isso, cada narrativa contribui para o todo, nos conectando como tripulação.

A figura da Griô, uma entidade tecnológica que armazena e se alimenta das narrativas da tripulação, é uma poderosa metáfora afrofuturista que une tradição oral ancestral e avanços tecnológicos. A Griô simboliza a importância da memória coletiva para a identidade do povo Irawó, ao mesmo tempo que questiona como tecnologias podem ser culturalmente codificadas para preservar modos de vida específicos.

Essa representação dialoga com o conceito afrofuturista de ressignificar o futuro tecnológico a partir de um olhar que respeita e integra saberes africanos e diaspóricos. A Griô não é apenas um banco de dados; é um organismo simbiótico que interage com os narradores, ilustrando como passado e futuro podem coexistir em harmonia. Isso pode ser comprovado a partir do trecho:

> Acessei informações técnicas dos navegadores assimiladas pela Griô, que está continuamente ciente dos passos que damos em nossa caminhada pelo espaço. Manter salva a memória das narrativas Irawó é seu princípio maior; seu dever com nossa história nos deu confiança para torná-la nossa bússola. Ainda assim, por mais que sua capacidade de compreensão do Universo tenha excedido as nossas, a Griô também sabe que o sentido dos nossos passos é algo que só nós podemos contar, então cabe a nós determiná-lo. (Souza e Souza, 2021, p.187)

A ideia de viver orientados pela espera ecoa o conceito de liminalidade, muito presente nas diásporas africanas. O deslocamento intergaláctico se torna uma metáfora para a experiência da diáspora, onde os corpos e histórias estão em constante movimento e transformação, sempre em busca de um lar ou um sentido de pertencimento.

Esse estado de espera também questiona as noções lineares de tempo e progresso, propondo uma relação mais cíclica e plural com o tempo, algo que está no cerne do pensamento afrofuturista.

A relação íntima entre as narrativas e a funcionalidade da nave sugere que contar histórias não é apenas um ato cultural, mas essencial para a sobrevivência do povo Irawó. Essa perspectiva reflete a centralidade da oralidade nas culturas africanas e afro-diaspóricas, onde o ato de narrar carrega

e transfere energia ancestral, reafirmando a identidade e as conexões comunitárias.

A nave Blombos, nomeada em referência às cavernas na África do Sul, onde se encontram alguns dos mais antigos registros de cultura humana, conecta o passado ancestral ao futuro especulativo. A nave se torna, então, um microcosmo que carrega a essência do povo Irawó, assim como sua história e destino.

“V. As luzes de casa: Travessia do regresso, registro 1097”.

Sonhei com Terrasul, um sonho antigo que voltava sempre. Minha avó me alertava sobre a perda da língua, mas eu acreditava que, ao contrário do que ela dizia, o idioma irawó poderia se renovar em mim. Agora, após a travessia pelo buraco negro, sinto uma esperança renovada. Em meio à celebração, percebo a presença da Griô, que guiou nossa jornada até aqui, nos conectando à nossa história ancestral.

Terrasul funciona como uma metáfora para o lar, um conceito que transcende o espaço físico e se torna um ideal carregado de memória, pertencimento e recuperação histórica. Para os Irawó, Terrasul não é apenas um destino físico, mas um símbolo de reencontro com a história, a cultura e a língua ancestral. Essa busca ressoa profundamente com o movimento afrofuturista, que muitas vezes imagina futuros nos quais populações negras reconstroem suas histórias e criam espaços seguros para florescer. Esse ponto é enfatizado pelo trecho a seguir:

> Sonhei com Terrasul. Quando era criança, mais ou menos na época em que minha avó dizia que a língua da família seria perdida em mim se continuasse me negando a ter conversas longas em irawó, eu tinha um sonho recorrente com Terrasul, que variava um pouco e, às vezes, parecia mais pesadelo do que sonho. “Isso porque você se revira muito na cama, troca de lado, muda a perspectiva. Uma coisa nunca é a mesma quando vista do outro lado”, era o que minha avó dizia, e eu acreditava nela. Por isso, também acreditava que ela não poderia estar totalmente certa sobre meu receio de usar constantemente o idioma irawó. Nós duas víamos essa questão por lados diferentes. (Souza e Souza, 2021, p.189)

A travessia pelo buraco negro para alcançar Terrasul representa a superação de desafios históricos e estruturais que obscurecem o caminho de reconexão com a ancestralidade. O hiperespaço, em seu silêncio, é ao mesmo tempo um espaço de perigo e de potencial transformador, reforçando a complexidade dessa busca.

A tensão entre a narradora e sua avó quanto ao uso do idioma irawó destaca o papel da linguagem na preservação cultural. O receio de perder a língua ancestral reflete uma preocupação comum nas diásporas: o apagamento de traços identitários ao longo de gerações. No entanto, o sonho com Terrasul e o vínculo com a Griô mostram que essa língua é mais do que um meio de comunicação; é um elemento vital para a conexão espiritual e histórica com o povo Irawó. Esse aspecto reforça como o afrofuturismo trata a língua não apenas como ferramenta, mas como um símbolo de resistência e continuidade, mesmo em futuros distantes.

A travessia bem-sucedida do buraco negro e a celebração que se segue subvertem narrativas comuns de exploração espacial ao colocar a ancestralidade no centro da aventura. O espaço, em vez de ser um vazio anônimo, torna-se um lugar habitado pelas memórias e ritmos dos Irawó. A analogia entre as ondas gravitacionais e os tambores cria uma ponte simbólica entre o cosmos e os ritmos culturais, reforçando a ideia de que as histórias e os sons do povo viajam com eles.

Este registro é uma possível síntese do movimento afrofuturista: ao imaginar uma sociedade que viaja pelo cosmos em busca de reconexão com suas origens, ele aborda a importância da memória, da linguagem e da coletividade em um futuro especulativo. A história dos Irawó em busca de Terrasul nos convida a refletir sobre como moldamos nossas identidades em contextos de deslocamento e sobre como o futuro pode ser uma continuação vibrante do passado, em vez de uma ruptura com ele.

“VI. Quando as portas da nave se abriram, só havia nós: Travessia do regresso, registro 1888 — segundo relato”.

Quando o módulo pousou, não senti impacto, mas o ar estava bom, e a recepção parecia suficiente. No segundo dia, encontramos uma vila com construções de argila, e, ao ver o káàbó entalhado na entrada, um símbolo irawó,

fomos tomados pela emoção. Era um sinal de boas-vindas, e a esperança renasceu entre nós.

O momento em que a equipe aterrissa e experimenta o ambiente de Terrasul simboliza a tensão entre expectativa e realidade. A descrição sensorial — como o som das águas e a adaptação à nova atmosfera — revela uma conexão orgânica com o planeta, destacando a importância de um vínculo intuitivo e quase espiritual com o ambiente. Isso contrasta com a tecnologia avançada da nave e dos equipamentos, mostrando o equilíbrio entre ciência e subjetividade no universo afrofuturista.

O grupo formado reflete a solidão inicial do grupo, e também sugere um sentimento de união e responsabilidade coletiva. Eles não encontram imediatamente outro povo, mas começam a perceber que a jornada não é apenas sobre reconexão física, mas também sobre a construção de um futuro compartilhado, conforme podemos visualizar na passagem abaixo:

> Quando o módulo de aterrissagem se fixou ao chão, não senti nenhum impacto, ao menos nada que pudesse denunciar nossa chegada. Quando as portas da nave se abriram, só havia nós, então permanecemos imóveis por um tempo, sem saber ao certo à espera do quê. Mas o ar era bom, e essa recepção teria que bastar.
> A tensão me envolveu em um silêncio que foi se quebrando à medida que meu corpo se adaptava à realidade. Tomei consciência do bater ritmado de águas em correnteza não muito longe. Ainda imóvel, permiti me conectar àquele som, que seria meu primeiro vínculo com o lugar. Minha respiração se alinhou à mesma vibração, assumindo o ritmo das batidas como se me ajustasse ao inajustável — até minha atenção ser desviada para uma voz dentro do módulo.
> — Mestra Uidá para Blombos. O pouso foi bem-sucedido, os escudos não foram danificados, estamos ocultos. A equipe de reconhecimento se prepara pra sair.
> Era a minha deixa. Vesti a biomochila ciente de que movimentos como os meus eram repetidos por Quissama, nosso mestre de ciências da terra e por Sumbe, que completava a pequena equipe. (Souza e Souza, 2021, p.191)

A emoção de encontrar símbolos irawó em uma vila desconhecida é um dos momentos mais simbólicos da narrativa. O káàbó entalhado na entrada, com sua mensagem de boas-vindas, transcende tempo e espaço, conectando os viajantes aos seus ancestrais de maneira poderosa. Esse detalhe exemplifica um princípio chave do afrofuturismo: a ideia de que o passado nunca está completamente perdido, mas pode ser redescoberto e reinterpretado em novos contextos.

A presença de muros e sistemas de defesa na vila adiciona uma camada de complexidade. Apesar do acolhimento simbolizado pelo káàbó, há também a sugestão de precaução e desconfiança, que podem ser vistos como respostas à experiência de opressão histórica.

A descoberta de grafias desconhecidas misturadas com símbolos irawó ressalta a importância da linguagem na preservação e evolução cultural. No contexto da diáspora, a língua e os símbolos são frequentemente ferramentas de resistência e sobrevivência. Aqui, eles aparecem como vestígios de um povo que adaptou sua identidade ao longo do tempo, mas que ainda mantém laços profundos com suas origens. O impacto emocional do grupo ao ver esses símbolos demonstra como a ancestralidade é fundamental para a identidade. O choro de Sumbe e o abraço coletivo reforçam o papel da coletividade e da emoção na narrativa.

A interação entre os equipamentos tecnológicos e as experiências humanas é outro elemento chave. Enquanto as máquinas fornecem dados precisos, é a interpretação subjetiva de Yagazie que confere significado aos registros. Essa dicotomia destaca um dos temas principais do afrofuturismo: o equilíbrio entre avanços tecnológicos e a preservação da humanidade e das tradições.

Uidá aponta para a necessidade de ir além da ciência objetiva para capturar a essência da experiência humana. Isso reflete a crença afrofuturista de que a tecnologia deve servir como uma extensão das narrativas culturais e não como um substituto para elas.

A percepção de que a terra habitada pela vila não é exatamente Terrasul, mas ainda assim carrega traços irawó, subverte a ideia de um "lar" como um lugar fixo. No contexto do afrofuturismo, o lar é muitas vezes um conceito fluido, moldado pela memória, pela cultura e pelas conexões humanas. A vila representa uma "versão alternativa" de Terrasul, uma possibilidade dentro do multiverso de histórias e futuros que os Irawó constroem. Essa reinterpretação do lar é especialmente significativa para comunidades da diáspora, que muitas vezes criam lares híbridos em resposta às circunstâncias de deslocamento.

“VII. Nenhuma história tem apenas uma origem: Travessia do regresso, registro 1888 — segundo relato”.

A tensão da terra desconhecida logo se misturou à calma do lugar. No quarto dia, decidimos iniciar o contato e me aproximei de uma mulher quebrando coco na praia. Ao saudá-la com "Irawó bukun irin ajo mi", ela me reconheceu e compartilhou a história de sua avó, uma fugitiva do trabalho escravo, que seguirá as estrelas até ali.

A calmaria descrita no início do relato contrasta com a ansiedade da tripulação. A convivência em uma terra desconhecida evoca uma tensão interna entre esperança e medo. Sumbe, Quissama e Yagazie representam perspectivas complementares sobre a missão, mas todos compartilham a frustração de um reencontro que não se deu como imaginado. A frase de Sumbe, “Essa era apenas uma das possibilidades entre várias”, sublinha a ideia central de que o futuro não é fixo, e o retorno às origens pode não seguir o curso esperado.

Quissama, com sua resposta pragmática e esperançosa, oferece um paralelo com os ancestrais que enfrentaram o desconhecido ao aterrissar em Ga. Este trecho reforça a resiliência como uma qualidade herdada, crucial para enfrentar o novo com coragem e criatividade.

A análise linguística da Griô e a função do mejeeji (uma tecnologia de tradução) são detalhes que sublinham o papel da linguagem como meio de conexão e compreensão. A tensão inicial entre as expectativas e a realidade é mediada pela linguagem, que atua como uma ponte entre culturas aparentemente desconectadas. Esse trecho é reforçado a partir de:

> Como a Griô havia conseguido fazer a análise linguística, já devia estar completando a leitura das ondas emitidas pela história do lugar. Talvez faltasse pouco pra que nossas outras perguntas fossem respondidas. Comemos em silêncio e procuramos descansar para o dia que nos esperava, mas havia expectativas demais nos mantendo acordados. Um tempo depois, Sumbe ressuscitou a conversa: — Tô me sentindo ridículo, tendo que ficar me escondendo — ele riu sozinho. — Isso tá diferente da recepção para os heróis Irawó que vocês estavam esperando, né? — E você não? — Quissama perguntou. — Claro que ele estava. Quem de nós não se apegou a essa possibilidade? — respondi eu mesma, porque sabia como Sumbe desejava isso, assim como todos nós. Cada um teve seus motivos pra aceitar o risco da viagem, mas ser recebido de volta pelo nosso povo era a intersecção de todos eles. — O problema é esse — Sumbe rebateu. — Essa era apenas uma das possibilidades entre várias. (Souza e Souza, 2021, p.194)

No momento do contato, a saudação de Yagazie (“Irawó bukun irin ajo mi”) carrega o peso da ancestralidade e da tentativa de se conectar por meio de um idioma comum. A hesitação inicial da mulher do mocambo, seguida pelo reconhecimento da escarificação na pele de Yagazie, ilustra como os símbolos culturais e corporais continuam a mediar identidades mesmo em contextos afastados pelo tempo e pela geografia.

A troca de histórias entre Yagazie e a mulher do mocambo é o ponto alto do registro. Aqui, vemos como a narrativa é usada como ferramenta de conexão, reconhecimento e compartilhamento de experiência. Yagazie, narradora habilidosa, oferece sua história de maneira que permita a outra encontrar nela algo que ressoe com sua própria realidade.

A história da mulher revela uma linhagem de resistência: sua avó, uma mulher fugida da escravidão, encontrou liberdade seguindo as estrelas: um símbolo poderoso da esperança e da orientação. A construção do mocambo como espaço de sobrevivência, fé e autonomia reforça o tema da diáspora como um ciclo contínuo de luta e criação. O vínculo da avó com as estrelas reflete uma conexão espiritual com o cosmos, evocando a ideia de que o universo guarda memórias e legados ancestrais.

A descrição do mocambo como um espaço sagrado enfatiza a relação simbiótica entre o povo e a terra que habitam. A fala da mulher, “Não diga que esse solo é ruim, nem que pés ruins aqui pisam. Não enquanto pudermos afastar os pés daqueles que deixam rastros de morte”, é uma poderosa afirmação de soberania e proteção. Esse trecho dialoga com a memória da escravidão, da opressão colonial e do esforço contínuo para manter territórios livres e sustentáveis.

A casa de argila construída pela avó torna-se um símbolo físico dessa resistência e conexão espiritual. Sua ampliação pelo avô, à medida que a família crescia, reflete a natureza dinâmica do mocambo: um espaço que evolui e se adapta às necessidades do povo, mas que permanece enraizado em sua história.

No contexto afrofuturista, este encontro representa a convergência de duas linhas temporais que compartilham uma origem comum. O reconhecimento entre Yagazie e a mulher do mocambo demonstra que, apesar das distâncias,

há elementos imutáveis que continuam a ligar os Irawó, como a linguagem, os símbolos e as histórias.

O uso da tecnologia (como o mejeeji e as biomochilas) não substitui a importância da interação humana, mas complementa a narrativa, permitindo que os viajantes extraplanetários e os habitantes do mocambo encontrem pontos de contato. Isso reforça a premissa afrofuturista de que a tecnologia pode ser uma extensão das tradições, em vez de um afastamento delas.

“VIII. Tudo o que transporta o ar: Escritos do diário de Yagazie Padà Irawó, 1802”.

Na primeira chuva que vi desde nossa chegada, havia dor em tudo. A Griô nos guiou até os Irawó que mais precisavam de um reencontro com a história, mas a liberdade parecia distante. Este planeta, chamado Brasil, é o cenário de nossa dor e resistência, um reflexo do que fomos e do que ainda precisamos ser.

Sendo assim, a história de Yagazi e do grupo de irawós ecoa experiências históricas de povos deslocados de suas terras natais, como o tráfico transatlântico de escravizados africanos. O tema central da diáspora e do retorno, presente na narrativa, reflete o desejo de reconexão com as raízes culturais e históricas. No entanto, esse retorno não é idealizado, mas permeado de incertezas e desafios, como a possibilidade de alienação ou rejeição no reencontro com o lar ancestral.

Assim, a importância de preservar costumes, hábitos e tradições é enfatizada na figura do Griô, representado aqui como uma Inteligência Artificial (IA). Esse elemento é um exemplo clássico do afrofuturismo, que combina tecnologias futuristas com práticas e símbolos tradicionais. O Griô cumpre um papel crucial de transmissão cultural, adaptado para um contexto tecnológico, destacando a urgência da memória coletiva para os irawós e, por extensão, para povos em diáspora. Essa perspectiva é confirmada por meio da conversa:

> Quando os Irawó que nos receberam nesta terra começaram a chegar e a se reunir em torno do acampamento da tripulação, nossos escudos já estavam abaixados. Agora enquanto escrevo, nada está quieto, os tambores começaram a soar. A chuva forte ainda reverbera em tudo

> que vive e no que não carrega mais fôlego algum. Ainda assim, esse povo, meu povo, se move como ar em liberdade. Nenhum de nós ignora a tensão da ameaça que nos distancia do próprio futuro. Para além dos limites da vigilância do mocambo, nosso povo está envolto em dor. Meu corpo despido de coragem teme ficar e perder a alegria que a esperança em minha terra sustentou durante anos no meu mar de incertezas. Quero gritar para o povo que começa a se misturar: protejam se, Irawó! Me lembro das palavras de Quelimane: “Protege seu corpo, Irawó! Proteger seu corpo é proteger sua história”. Os sistemas da nave e da Griô nos informaram que este planeta tem a mesma idade de Terrasul, a humanidade aqui nasceu aproximadamente na mesma era que a nossa e o ano em que estamos provavelmente corresponde ao ano marcado para o retorno à Terrasul. As semelhanças terminam aí. (Souza e Souza, 2021, p.199)

A interação entre Yagazi e o Griô explora a coexistência de tecnologia e espiritualidade, uma característica comum no afrofuturismo. A IA não é apenas uma ferramenta neutra, mas uma guardiã ativa da herança cultural, que dialoga com tradições africanas como a oralidade e a sabedoria ancestral. Essa fusão reforça a ideia de que o progresso tecnológico não precisa significar o apagamento cultural.

A abertura descreve a chuva não como uma força purificadora, mas como um catalisador de dor e revolta. A água se transforma em um símbolo de resistência emocional, amplificando as dificuldades enfrentadas pela tripulação. Essa metáfora reflete como o ambiente participa da narrativa, conectando o espaço físico com as emoções dos personagens.

Yagazie observa que a chuva reverbera em tudo que vive e no que não carrega mais fôlego algum. Essa frase evoca a memória dos que pereceram e os que ainda resistem, destacando a continuidade do ciclo de vida e morte, especialmente em contextos de opressão.

A figura da Griô, uma inteligência avançada guiada por histórias e memórias, desempenha o papel de mediadora entre os mundos. Ela conduz a tripulação ao encontro de um povo que "mais precisava de um reencontro com poder pra manter suas narrativas." Este trecho encapsula a importância de preservar a história como uma forma de sobrevivência e resistência.

A decisão da Griô de priorizar o povo cuja história clamava pelo reencontro destaca a centralidade das narrativas na construção de identidade e na recuperação de uma história interrompida.

Ao descrever o acampamento da tripulação e a chegada dos Irawó do mocambo, Yagazie mistura reverência e preocupação. Os tambores que

começam a soar simbolizam a resistência e a celebração da cultura, enquanto a chuva, ainda presente, mantém a memória da dor. Essa dualidade de festa e luto, esperança e medo, encapsula o momento.

A identidade do povo que ali está reafirma a conexão inquebrável entre os Irawó de diferentes tempos e lugares. Esta noção de pertencimento transcende fronteiras físicas e temporais, oferecendo uma visão profundamente afrofuturista de solidariedade.

Quelimane entende que Irawó protege a história ao pedir que ela proteja o próprio corpo, em uma trajetória com ancestralidade, pois ecoam como um chamado urgente à preservação física e cultural. Essa ação conecta a integridade física à continuidade das tradições e memórias, lembrando que o corpo é um repositório vivo de experiências e histórias.

Esse tema se intensifica quando Yagazie reflete sobre o impacto futuro dos eventos que estão vivenciando. A ideia de que as histórias serão contadas, dançadas e moldadas reforça a visão de que a cultura sobrevive por meio de expressões artísticas e coletivas.

A revelação de que Yagazie e os Irawó estão no Brasil no ano de 1802 adiciona uma camada histórica ao relato. Este é o período da escravidão no Brasil, e a menção de que "meu povo perece" alude diretamente às atrocidades cometidas contra pessoas negras escravizadas.

Ao situar os Irawó no contexto brasileiro, o autor estabelece um paralelo entre a ficção afrofuturista e a história real da diáspora africana. O Brasil, enquanto espaço de sobrevivência e resistência, torna-se uma extensão do sofrimento e da luta dos Irawó, conectando as experiências do passado com a imaginação de futuros possíveis.

Yagazie encerra o registro com uma declaração de identidade poderosa: "Sou Yagazie da geração Padà dos Irawó de Ga." Esta afirmação reforça a conexão entre o individual e o coletivo, entre a memória pessoal e a história compartilhada.

O uso de estratégias para o retorno sugere que, mesmo diante das adversidades, os Irawó continuam buscando reconectar-se com suas origens. Ao mesmo tempo, essa bifurcação abre espaço para a criação de novas narrativas e possibilidades, mantendo viva a esperança de liberdade.

O título, *Tudo o que transporta o ar*, alude à força intangível, mas vital que conecta os Irawó ao longo do tempo e do espaço. O ar transporta sons, histórias e memórias, agindo como um fio invisível que mantém a continuidade entre os povos.

Esse registro encapsula a essência do afrofuturismo: imaginar futuros que honrem o passado, enquanto reconhecem as lutas do presente. A jornada dos Irawó é, em última análise, uma história de resistência coletiva, transformação e esperança, enraizada em uma compreensão profunda do poder das narrativas.

Conto oito: Com o tempo em volta do pescoço, **de Waldson Souza**

Por fim, é apresentado o oitavo e último conto intitulado: *Com o tempo em volta do pescoço,* de autoria Waldson Souza, é uma narrativa afrofuturista em seus temas e abordagem. A história utiliza a ficção científica especulativa, especialmente a viagem no tempo, para abordar questões fundamentais de opressão, identidade e resistência negra. A trajetória da personagem Jamila, marcada por sacrifício e luta, é um reflexo da busca contínua do afrofuturismo por um equilíbrio entre memória histórica e esperança no futuro.

O autor apresenta uma visão poderosa e melancólica que questiona o custo da mudança e a complexidade do pertencimento em uma sociedade marcada pela opressão. Além do mais, o conto oferece um exemplo rico e impactante de como o gênero pode abordar questões sociais contemporâneas enquanto explora novos horizontes narrativos.

O texto inicia apresentando a personagem Imani, que pediu para usar sua máquina do tempo e impedir o assassinato de Jorge Assis em 2098, acreditando que isso poderia salvar o futuro do país. Embora eu entendesse o impacto de sua morte, eu temia as consequências de alterar o passado e mudar a história. Essa dúvida me consumia, mas também havia a realidade do meu cotidiano, onde vivíamos sob um sistema rígido e desigual, usando colares como permissão para circular.

Enquanto minha vida no Setor 7 era difícil, com poucas oportunidades, a promessa de Nova Brasília parecia distante. Mesmo assim, eu tentava manter alguma esperança, especialmente ao ver meu irmão começar um estágio, mas a pressão sobre a decisão de viajar no tempo permanecia.

Miguel recebeu o colar e, pela primeira vez, pôde sair do setor. No entanto, ao voltar para casa, descobri que ele havia desaparecido e, no dia seguinte, recebemos a notícia de sua morte. Desesperada e consumida pelo luto, comecei a considerar a proposta de Imani: viajar no tempo para mudar o passado, mas me questionava se isso realmente traria um futuro melhor ou se apenas pioraria tudo.

Jamila viajou no tempo para tentar impedir o atentado que mataria Jorge Assis, com a esperança de mudar o futuro. Ao chegar em 2098, o mundo parecia bem diferente, mas ela estava focada na missão. Após agir para alterar os eventos, ela retornou ao seu tempo, mas algo estava errado. A ideia é sustentada pelo diálogo a seguir:

> Ela continuou a argumentar — e eu continuei em silêncio. Era verdade, só Imani sabia mexer na máquina. Por mais que ela tivesse feito demonstrações para provar a funcionalidade de sua criação, nunca entendi como aquilo de fato funcionava. Eu também era a única a quem ela confiara seu segredo, seu projeto dos últimos anos. Todos da família pararam de visitá-la, e, entre eles, a chamavam de louca por sempre ficar trancada no quartinho dos fundos. Bom, eu estava começando a concordar.
> — 2098? — perguntei, por fim.
> — Sim. Você precisa voltar e impedir que ele seja assassinado.
> — E o mundo vai ser um lugar melhor por causa de um presidente?
> — Você sabe o que aconteceu depois do atentado.
> Não era uma pergunta. Por mais que eu tivesse ouvido falar sobre a época de Jorge Assis de forma breve e enviesada na escola, Imani havia abordado o assunto comigo mais de uma vez, garantindo que eu não me esquecesse de nossa história. Até podia ouvir sua voz repetindo o texto que, aquele ponto, já estava decorado.
> — Depois de 2098, nosso país entrou num longo período de retrocesso. A economia quebrou, a desigualdade e a violência aumentaram, as hierarquias sociais se atenuaram. (Souza, 2021, p.201 e 202)

A realidade que encontrou era outra: um mundo mais limpo e moderno, e, para sua surpresa, uma nova versão de sua família, incluindo Miguel, estava viva. Ela não sabia se suas ações realmente haviam mudado o curso da história, mas, ao ver Miguel ali, sentiu um alívio misturado com dúvidas sobre as consequências de sua intervenção.

Miguel estava ali, em pé diante de mim, com as frutas nas mãos, e eu me sentia desconcertada, sem saber o que dizer. A sensação de vê-lo novamente, depois de tanto sofrimento e incertezas, foi avassaladora. Eu tentei manter a calma, mas o peso da situação era grande demais.

Ele parecia tão normal, tão alheio ao que eu tinha feito. Me afastei rapidamente, confusa, e busquei refúgio na casa de Imani, onde finalmente consegui me concentrar para investigar o que havia acontecido com a história. Ao descobrir que o atentado de Jorge Assis fora evitado e que meu mundo havia mudado de forma irreversível, a sensação de deslocamento só aumentou.

Eu não sabia mais onde estava ou como retornar ao meu tempo original. O que seria de mim neste novo futuro?

Fui tomar meu banho, precisava de um tempo sozinha para pensar. O choque de estar em um mundo tão diferente, mas ao mesmo tempo familiar, me deixava atordoada. O chuveiro, com seu painel digital, era um exemplo claro da simplicidade da tecnologia local, mas eu ainda me sentia deslocada. Tudo parecia fácil para os habitantes desse mundo, enquanto eu mal conseguia lidar com o básico. Cada detalhe, cada inovação, me lembrava do que perdi e das falhas do meu próprio tempo, como se minha realidade fosse a exceção, o erro.

Três dias depois, finalmente saí de casa com Imani, rumo a uma ilha mais distante, onde eu teria que começar uma nova vida enquanto ela tentava, sem sucesso, construir a máquina que me levaria de volta. Durante a viagem, percebi a beleza e a tranquilidade daquele lugar — um arquipélago que parecia uma bolha isolada do resto do mundo, com vegetação cobrindo até os prédios. Mas, por mais que o ambiente fosse perfeito, eu não conseguia escapar da sensação de ser uma intrusa.

Eu havia mudado algo crucial, e agora não sabia se ainda existia no meu próprio mundo. O desconforto de ser alguém que já não deveria estar ali se misturava com a esperança de que, de alguma forma, minha família estava bem nesse novo futuro. Eu não sabia se voltaria, mas talvez, no final das contas, eu já tivesse encontrado meu lugar.

Percebemos ao longo da leitura que a máquina do tempo criada por Imani é emblemática no contexto afrofuturista, onde o tempo é frequentemente usado como um recurso narrativo para revisitar traumas históricos e imaginar futuros alternativos. A viagem no tempo é uma ferramenta que não apenas

desafia o passado, mas também permite uma reflexão profunda sobre os custos da mudança.

Assim, Jamila, como protagonista, enfrenta um dilema ético e identitário ao alterar o passado para criar um futuro melhor para os outros significa sacrificar a si mesma. Essa tensão entre o coletivo e o individual é central no afrofuturismo, que muitas vezes explora a importância da comunidade e da ancestralidade na construção da identidade.

A transformação da protagonista após alterar a linha do tempo levanta questões sobre pertencimento e identidade, pois no afrofuturismo, a identidade frequentemente está enraizada em uma ligação com a ancestralidade e a experiência coletiva. Quando Jamila muda o passado, ela efetivamente apaga as experiências que a moldaram, criando uma lacuna irreparável em sua existência.

Essa ausência de identidade reflete uma luta central no afrofuturismo: o apagamento cultural e histórico causado pela colonização e a diáspora africana. Jamila representa aqueles que sacrificam seu lugar no mundo para assegurar a sobrevivência e prosperidade de sua comunidade, um tema recorrente nas narrativas afrofuturistas.

A obra *Raízes do amanhã* realiza uma viagem diferente através do tempo, do espaço e das realidades alternativas, explorando os desafios enfrentados pelos personagens em mundos distópicos e, ao mesmo tempo, visionários.

O conto de Jamila é um exemplo profundo de como o afrofuturismo pode ser usado para repensar a história, as escolhas individuais e coletivas, e as consequências das alterações no tempo. A protagonista se vê em uma encruzilhada entre o passado e o futuro, tentando evitar uma catástrofe que pode alterar o curso da história, mas, ao mesmo tempo, se confrontando com a inevitabilidade das mudanças que ela já causou.

O universo criado no conto não é apenas um cenário futurista, mas um espelho das questões sociais que enfrentamos no presente. A busca de Jamila para salvar um futuro que ela não viveu é marcada pela consciência das desigualdades e dos problemas do mundo em que nasceu — um mundo de poluição, violência e desemprego.

Ao viajar para um futuro alternativo, onde a poluição e a violência são inexistentes, ela se depara com uma realidade que, embora mais "perfeita", também carrega o peso da incerteza sobre o que a sua presença pode causar nesse novo espaço-tempo.

O conto também reflete sobre as complexas relações familiares e pessoais. A saudade de Jamila por sua família, especialmente por seu irmão Miguel, e o contraste entre as versões alternativas de si mesma e daqueles que ama, ilustram como o afrofuturismo pode explorar temas de identidade, pertencimento e a interseção entre passado e futuro.

O fato de Jamila se deparar com uma versão dela mesma em um cenário totalmente diferente nos leva a refletir sobre as múltiplas possibilidades da vida e as inúmeras escolhas que moldam quem somos, e quem poderíamos ter sido.

Além disso, o conto aborda a questão do deslocamento, seja físico ou emocional. Jamila, ao chegar em um mundo mais "perfeito", não pode deixar de sentir que não pertence a ele, que sua presença é uma violação da ordem natural das coisas.

O dilema de estar em um lugar onde as coisas parecem boas, mas a sensação de ser uma intrusa persiste, é um tema comum no afrofuturismo. Ele nos faz questionar até que ponto somos responsáveis pelos destinos dos outros e até que ponto nossas ações podem ser justificadas por um ideal de "melhor futuro".

Em suma, *Raízes do amanhã* não apenas nos oferece uma visão do futuro, mas nos faz questionar as escolhas que fazemos no presente e como essas escolhas reverberam nas vidas dos outros, especificamente do povo negro. O conto de Jamila, com suas viagens no tempo e seus dilemas morais, nos desafia a pensar sobre o que seria necessário para mudar a história e qual é o preço a pagar por tentar controlar o futuro.

Ele também nos convida a refletir sobre como as realidades alternativas podem ser tanto uma promessa de um mundo melhor quanto uma metáfora para as complexas escolhas que moldam nossa trajetória, pessoal e coletivamente. O afrofuturismo, assim, não é apenas uma visão do futuro, mas uma ferramenta poderosa para reinterpretar e reimaginar as possibilidades de nossos próprios mundos.

3.3 Proposições de leitura subjetiva em sala de aula, a partir do livro *Raízes do amanhã*: 8 contos afrofuturistas

A literatura, com o apoio da leitura subjetiva, tem o poder de possibilitar vozes e de representar tanto o eu quanto o outro ao legitimar as múltiplas identidades que habitam em suas narrativas. Por meio das produções literárias, ampliamos nossa percepção e visão de mundo ao despertar a sensibilidade para enxergar e sentir de maneiras mais profundas e diversas:

> Afirmando um contra-discurso à literatura produzida pela cultura hegemônica, os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua. (Evaristo, 2009, p. 27).

A frase de Conceição Evaristo abre esta seção por refletir uma tentativa significativa de construção conceitual que se torna essencial para os estudos sobre o eu negro como enunciador em narrativas afrofuturistas. Sua fala evidencia a persistente luta da literatura afro-brasileira para afirmar seu espaço nas culturas hegemônicas ocidentais. Contudo, surgem questionamentos a partir das falas evidenciadas anteriormente: como imaginar um futuro possível de um povo que foi historicamente silenciado? Qual seria a natureza desse futuro? Para quem é o futuro?

Esses questionamentos são uma das principais batalhas do afrofuturismo sobre o protagonismo negro, com o intuito de uma tentativa de descolonização dos eurocêntricos currículos escolares e ressuscitar culturas inteiras que foram gradualmente silenciadas pela história dos invasores. No entanto, em uma sociedade dominada pelos condicionamentos eurocentrados ao longo dos últimos séculos, o desafio de restabelecer culturas e vivências aniquiladas por genocídios históricos é um tema ainda muito complexo. Percebemos que com o suporte das artes, da música, da pintura, das narrativas, da dança e da moda, esse esforço parece ganhar cada vez mais força nas literaturas afro-nacionais, pois a partir do deslocamento do centro de gravidade da Europa para a África e suas diásporas é a possibilidade que nós temos de falar de negritude, levando a nossa perspectiva para diversas áreas.

O movimento afrofuturista, exemplificado na obra *Raízes do amanhã*, se apresenta com a possibilidade de promover uma leitura crítica e uma reflexão sobre as subjetividades no ambiente educacional. As experiências relatadas podem evidenciar como os contos do livro, aliados a debates e atividades interdisciplinares, podem transformar a sala de aula em um espaço de resistência, um espaço de questionamento e também de empoderamento. Ao desafiar as visões coloniais sobre as identidades negras e propor novos imaginários sobre o futuro, o afrofuturismo possibilita a construção de uma pedagogia mais inclusiva e mais emancipadora.

Através das práticas de leitura subjetiva, é possível criar uma educação comprometida com a diversidade e a justiça social, inspirando os estudantes a reimaginar e reconstruir seus próprios mundos e futuros. A leitura do afrofuturismo permite que os alunos, especialmente os de origem afrodescendente, repensem suas histórias e percebam o futuro como um campo aberto para a criação e transformação, assim, ao integrar essas práticas no ensino, podemos promover uma educação mais relevante, conectada à realidade dos alunos e suas lutas cotidianas, ao mesmo tempo que favorece o empoderamento e a resistência contra as estruturas de opressão. Assim, o afrofuturismo em sala de aula oferece uma oportunidade de reimaginar a educação, contribuindo para uma sociedade mais justa, onde as vozes marginalizadas podem se fazer ouvir e participar ativamente da construção de um futuro mais igualitário.

O afrofuturismo, como movimento estético e filosófico, tem ganhado relevância ao explorar a interseccionalidade entre ancestralidade africana e projeções futuristas. Em um contexto educacional, essa perspectiva pode ser debatida para promover leituras subjetivas ao incentivar reflexões críticas e criativas nos estudantes. De acordo com Lima (2024), o afrofuturismo oferece uma nova lente para reinterpretar narrativas tradicionais, proporcionando representatividade e desafiando estruturas coloniais enraizadas. Essa abordagem tem potencial para transformar salas de aula em espaços pluralizados, valorizando histórias marginalizadas e expandindo as possibilidades interpretativas.

A obra *Raízes do amanhã* exemplifica esse potencial ao apresentar narrativas que combinam tecnologias ancestrais e cenários especulativos, elementos que, segundo Carvalho (2023), refletem a capacidade do afrofuturismo de conectar passado e futuro em uma espiral temporal. A aplicação dessas narrativas na sala de aula permite a investigação interdisciplinar e estimula nos estudantes a criação de imaginários alternativos que desafiam estereótipos históricos. Essa prática dialoga com o conceito de Sankofa[7], discutido por Gomes (2024), que propõe um olhar para trás como um ato necessário para construir o futuro.

A perspectiva de textos literários como estratégias pedagógicas permite desenvolver competências críticas e criativas. Como apontado por Araújo et al. (2024), tais narrativas avançaram para a compreensão de dinâmicas sociais contemporâneas por meio de uma viagem contracolonial. Além disso, a possibilidade de propor leituras subjetivas dessas obras ajuda a construir identidades mais conscientes e empáticas entre os alunos. Essas práticas pedagógicas também encontram suporte nas reflexões de Rosa (2023), que enfatiza o papel transformador da literatura na educação antirracista.

Outro aspecto significativo é a tecnologia como metáfora de resistência cultural, pois conforme analisado por Soares (2023), o afrofuturismo ressignifica elementos simbólicos e tecnológicos para questionar desigualdades históricas. Na sala de aula, esses conceitos podem ser explorados para incentivar os alunos a imaginar futuros inclusivos, conectados à sua própria realidade social e cultural e o impacto disso é a criação de um ambiente educativo que valoriza a pluralidade de vozes e perspectivas.

Portanto, a introdução do afrofuturismo em práticas pedagógicas é uma estratégia de transformação social. Com base nos estudos de Souza (2019) e Zanchetta et al. (2024), esta abordagem revela-se uma oportunidade de construir narrativas educativas que integrem memória, identidade e visão de futuro. Este

[7] A palavra Sankofa, que na verdade tem dois símbolos que a representam, um pássaro mítico e um coração estilizado, simboliza a volta para adquirir conhecimento do passado, a sabedoria e a busca da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor. Disponível em:https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/ Acesso em: 29 dez. 2024.

estudo explora como as proposições de leitura literária subjetivas com base na obra *Raízes do Amanhã*, podem ressignificar o processo de ensino e aprendizagem ao promover um espaço de criação coletiva e emancipação crítica racial.

O afrofuturismo surge como uma abordagem contracolonial que resiste à imposição do eurocentrismo e promove a valorização das culturas negras no imaginário global. Para Lima (2024), o movimento explora narrativas que vão além da ficção científica tradicional ao reconfigurar futuros em que a ancestralidade e a tecnologia dialogam de maneira simbiótica. Essa perspectiva desafia a hegemonia cultural ao propor futuros plurais e interseccionais.

Araújo *et al.* (2024) enfatizam que o afrofuturismo é mais do que uma vertente artística, ele representa um campo de luta pela inclusão e pela ressignificação da história do povo negro. Através de suas narrativas, a literatura afrofuturista posiciona as culturas negras como protagonistas na construção de futuros possíveis ao revisitar a história e reimaginar o futuro a partir de perspectivas que foram subalternizadas.

Esse movimento contracolonial também reflete uma crítica às estruturas de poder que moldam a sociedade contemporânea, pois o afrofuturismo cria espaços para que as vozes negras articulem alternativas ao *status quo*, inserindo-se na luta pela justiça social ao propor realidades alternativas, ele questiona os fundamentos de um progresso tecnológico que ignora as contribuições e as demandas das populações negras.

A obra *Raízes do amanhã* exemplifica como o afrofuturismo pode ser usado em sala de aula para discutir as desigualdades estruturais. Os contos possibilitam que os educadores desafiem narrativas homogêneas e introduzem temas como a interseccionalidade e o impacto da invasão nos espaços das populações afrodiaspóricas. Isso reforça o papel do afrofuturismo como uma ponte entre a resistência histórica e a imaginação de futuros emancipatórios.

É importante destacar que a contracolonialidade do afrofuturismo não está apenas em sua narrativa, mas também na forma como ele estimula debates interdisciplinares porque ele convida educadores e alunos a refletirem sobre a

ciência, a arte e a cultura como campos de luta e transformação ao construir diálogos significativos que transcendam os limites do convencional.

As narrativas afrofuturistas incorporam tecnologias ancestrais como elementos centrais para a construção de seus mundos fictícios. Carvalho (2023) destaca que essas tecnologias vão além do literal, funcionando como metáforas que conectam o passado, o presente e o futuro. Elas oferecem uma perspectiva crítica sobre como a ancestralidade pode moldar soluções para desafios contemporâneos.

Essas tecnologias ancestrais frequentemente se manifestam como conhecimentos tradicionais, práticas espirituais ou elementos culturais que dialogam com a inovação tecnológica ao explorar essas conexões, as narrativas afrofuturistas ressaltam a importância de preservar e valorizar o legado cultural africano e diaspórico. Esse enfoque contribui para uma leitura mais profunda e crítica das obras literárias do gênero.

Raízes do amanhã evidencia essa integração ao valer-se de elementos de mitologias africanas e tecnologias futuristas para construir histórias que questionam as narrativas dominantes. Os contos presentes reforçam a ideia de que a ancestralidade é uma força viva que orienta o presente e inspira o futuro.

Carvalho (2023) também argumenta que a interseccionalidade desempenha um papel essencial nas narrativas afrofuturistas, conectando raça, gênero e ancestralidade, pois a abordagem é especialmente relevante no contexto educacional ao permitir que os estudantes explorem questões de identidade e pertencimento de maneira crítica e empática.

Dessa forma, a introdução das tecnologias ancestrais em sala de aula, por meio da literatura afrofuturista, pode contribuir para uma educação mais inclusiva e diversificada ao reconhecer e valorizar essas tecnologias, os alunos são incentivados a repensar as narrativas históricas e a imaginar futuros que integrem o conhecimento ancestral e a inovação.

A subjetividade é um elemento central nas narrativas afrofuturistas, funcionando como uma ferramenta para explorar questões de identidade e

experiência humana. Santos (2024) argumenta que essas narrativas oferecem uma perspectiva crítica sobre a subjetividade negra, destacando sua importância na literatura e na educação.

Raízes do amanhã utiliza representações subjetivas para abordar temas complexos, como o impacto do racismo e as possibilidades de resistência. Essas representações incentivam os alunos a refletirem sobre suas próprias subjetividades e a considerarem como elas se relacionam com as estruturas sociais mais amplas.

A subjetividade também é um elemento que enriquece o ensino de literatura, ao permitir que os alunos se conectem emocionalmente com as narrativas. Santos (2024) sugere que essa abordagem fomenta a empatia e a compreensão intercultural, valores essenciais para a formação cidadã.

Além disso, a literatura afrofuturista revela a subjetividade como uma forma de subverter as narrativas tradicionais ao oferecer perspectivas que muitas vezes são ignoradas ou marginalizadas, essas obras desafiam os alunos a questionarem as representações dominantes e a explorarem novas formas de entender o mundo.

Assim, a integração das representações subjetivas no ensino de literatura contribui para uma educação mais humanizada e inclusiva ao valorizar as experiências individuais e coletivas, os educadores ajudam os alunos a desenvolverem uma visão mais ampla e crítica da sociedade.

A implementação de oficinas afro-literárias para contribuir com a formação do leitor literário na escola requer que os docentes desenvolvam um olhar diferenciado para o espaço escolar, incluindo tanto professores quanto alunos. É fundamental uma conscientização sobre a importância de promover práticas pedagógicas que dialoguem com a diversidade cultural e com questões identitárias. Com essa base, foi possível organizar as oficinas de forma intencional, dando os primeiros passos para a efetivação do projeto com segurança e clareza.

As oficinas[8] foram planejadas com práticas literárias que envolvem diferentes obras e outras formas de arte, explorando uma mesma temática. Elas são direcionadas aos alunos da Educação Básica, com foco no Ensino Fundamental II, mas, com adaptações, podem ser aplicadas em outras séries e níveis, como o Ensino Fundamental I. A proposta teve como objetivo principal conduzir os estudantes ao conhecimento aprofundado sobre ficções científicas, protagonismo negro, negritude e ampliação de repertórios culturais, bem como conhecer a si e ao outro.

Para a realização das oficinas afro-literárias, organizamos a proposta em módulos distintos que buscam aproximar o leitor do texto e dos conhecimentos que ele carrega sobre si e sobre o outro. Os módulos são:

Contextualização Inicial: nesta etapa, apresentam-se as obras literárias e outras produções artísticas que dialogam com os temas da oficina. Realiza-se um levantamento dos conhecimentos prévios que os alunos têm sobre as obras, autores e temas a serem explorados. Os encaminhamentos sugeridos incluem observação, leitura, audição e identificação de traços de intertextualidade e relações com a realidade dos estudantes.

A implementação das oficinas baseadas no livro *Raízes do amanhã* pode começar destacando sua interseção entre ancestralidade, ciência, tecnologia e cultura negra. Nesse contexto, os alunos devem ser apresentados aos principais temas dos contos, estabelecendo conexões entre o imaginário presente na obra e questões contemporâneas.

Experiência multimodal de leitura subjetiva: por meio de questionamentos, comentários e estímulo à interação de ideias, os alunos são convidados a comparar os temas detectados nas obras, tanto em nível estrutural quanto emocional. O professor pode explorar, como mediador, o contexto de produção das obras, propostas dos autores e reflexões críticas, promovendo maior sensibilidade e engajamento com os textos.

[8] Posteriormente, pretendo aplicar em sala de aula as oficinas para os alunos do Ensino Fundamental II.

A experiência multimodal sugere que os estudantes expressem suas percepções das narrativas por meio de diferentes formas de arte. Podem ser incentivados a criar desenhos ou ilustrações que traduzam suas impressões sobre cenários e personagens, produzir xilogravuras, uma técnica ligada à arte popular e resistência, compor poemas e textos criativos inspirados pelas histórias ou criar colagens, esculturas ou fotografias que representem os mundos e elementos afrofuturistas, pois esse processo permite que os alunos reconheçam e se conectem com suas raízes e suas subjetividades.

Discussões e reflexões individuais: após o estudo das obras, promovemos a integração dos conteúdos abordados com outros conhecimentos culturais dos alunos e isso pode ser feito por meio de atividades interdisciplinares, entrevistas, questionários e conversas guiadas, debates, dentre outros que possam ampliar a discussão fora do espaço escolar.

As reflexões individuais podem permitir que os estudantes percebam o significado de suas criações, explicando as conexões feitas com as narrativas porque questões como “O que a narrativa trouxe de novo para sua forma de pensar o mundo e sua identidade?” ou “Que elementos do conto dialogam com sua realidade ou seus sonhos?” podem orientar as discussões. Assim, ao final, as produções podem ser reunidas em uma exposição que transforme a sala de aula em um espaço de valorização do imaginário afrofuturista.

Exposição das expressões artísticas: ao final de cada módulo, é proposto um momento de reflexão e exposição das produções artísticas. Analisamos o envolvimento dos alunos, com base na subjetividade de cada um, a recepção das obras e a interação com os conteúdos trabalhados. Dessa maneira, o processo de avaliação serve como apoio para possíveis reestruturações e adequações na condução da oficina.

Para complementar a proposta, sugerimos um trabalho em grupo em que a turma seja dividida de acordo com o número de contos e cada um responsável por explorar uma das narrativas do livro. Cada grupo deverá ler e interpretar, discutindo aspectos como resumo da narrativa, personagens, temas abordados e elementos afrofuturistas. Em seguida, os grupos preparam uma

apresentação criativa, podendo optar por dramatizações, linhas do tempo, infográficos, ilustrações ou até *podcasts* e após as apresentações, realizamos uma reflexão coletiva para conectar os temas discutidos com as realidades e os contextos dos estudantes.

A análise das produções foi baseada em critérios como compreensão do conto, criatividade nas apresentações, colaboração entre os membros do grupo e engajamento nas discussões. Assim, a estrutura dinâmica e participativa amplia os horizontes culturais dos alunos, fortalece o trabalho em equipe e valoriza a cultura negra e suas contribuições para o imaginário futuro.

Após essas atividades, trazer outras expressões artísticas com as quais podemos discutir e realizar leituras em sala de aula, como é o caso da literatura em *Laços de sangue* (*Kindred*) – Octavia E. Butler- uma narrativa poderosa sobre viagem no tempo que explora a escravidão nos Estados Unidos e como o passado impacta a identidade no presente e no futuro, (*A parábola do semeador*) *Parable of the sower* – Octavia E. Butler- uma distopia futurista que aborda mudanças climáticas, desigualdades sociais e a resiliência de uma jovem mulher negra ao criar sua própria religião, Despertar (Dawn) – Octavia E. Butler-parte da trilogia Xenogênese, este romance combina temas de ciência, genética e identidade cultural em um futuro pós-apocalíptico, *Who Fears Death* (Quem teme a morte) – Nnedi Okorafor- um romance ambientado em uma África pós-apocalíptica que mistura magia, tecnologia e questões de gênero e opressão.

Binti (série) – Nnedi Okorafor- uma série de ficção científica sobre uma jovem Himba que desafia as normas culturais para ingressar em uma universidade intergaláctica, *AfroSF: Science Fiction by African Writers* (Organizado por Ivor W. Hartmann) é uma coletânea de contos de autores africanos que exploram temas de tecnologia, cultura e futuro, *The Deep* – Rivers Solomon- inspirado na música do grupo Clipping, este romance explora a história de seres aquáticos descendentes de mulheres africanas grávidas jogadas ao mar durante a escravidão e a obra *Deus de Americanos* (American Gods) – Neil Gaiman- o livro aborda deuses de diversas culturas, incluindo tradições africanas, e como eles sobrevivem em tempos modernos.

Já no cinema, temos como exemplo, o *Pantera Negra*[9] (2018, Dir. Ryan Coogler) é um marco no cinema afrofuturista, o filme combina tecnologia avançada, ancestralidade africana e identidade cultural em Wakanda, uma nação fictícia, em *Space Is the Place* (1974, Dir. John Coney) apresenta um filme experimental protagonizado pelo músico *Sun Ra*, que mistura música, tecnologia e ancestralidade, em *Crumbs* (2015, Dir. Miguel Llansó) fornece uma ficção científica surrealista etíope que apresenta uma visão pós-apocalíptica única com elementos afrofuturistas e em *Neptune Frost* (2021, Dir. Saul Williams e Anisia Uzeyman) consiste em um musical futurista de Ruanda que mistura temas de resistência, tecnologia e identidade.

Na música, somos guiados por uma jornada envolvente através do tempo e de diversos gêneros musicais *Sun Ra e a Arkestra* que são um dos pioneiros do afrofuturismo na música, *Sun Ra* combinava jazz experimental com visões cósmicas e identidades africanas, *Janelle Monáe* demonstra em seus álbuns, como *The ArchAndroid* e *Dirty Computer*, exploram temas afrofuturistas, combinando música com narrativas de ficção científica e questões de identidade e resistência, George Clinton e *Parliament-Funkadelic* trazem seu estilo psicodélico e narrativas espaciais, *Clinton* trouxe elementos afrofuturistas para o funk e a música popular, *Beyoncé* apresenta *o*bras como o álbum visual *Black Is King* celebram a ancestralidade africana e a conexão entre o passado e o presente e *Clipping* é um álbum *Splendor & Misery* mistura hip-hop e ficção científica, abordando a diáspora negra em um contexto futurista.

Já nas artes visuais, temos como exemplo, *Kerry James Marshall* suas pinturas frequentemente exploram temas de história negra, identidade e futuro, *Wangechi Mutu* é uma artista queniana que combina ficção científica, identidade africana e elementos sobrenaturais em sua obra e por fim *Os Gêmeos* no Brasil, a dupla de artistas de *street art* trabalha com elementos afrofuturistas em algumas de suas criações.

Acreditamos que as oficinas literárias de temática afrofuturistas podem ser ampliadas para abordar a mediação da leitura literária em todos os anos do

[9] Além do filme *Pantera Negra* (Black Panther), também existe o livro *Pantera Negra:* o jovem príncipe, que explora o universo do personagem nos quadrinhos e na literatura.

Ensino Fundamental I e II. Para isso, basta que o(a) professor(a) selecione obras literárias e/ou de outras expressões artísticas, estabelecendo possíveis conexões entre elas, incluindo leituras subjetivas, reflexões sobre ancestralidade e a análise de elementos de ficção especulativa que estruturam as narrativas.

A ampliação dos horizontes de leitura literária não se limita aos momentos dedicados à leitura em si, mas abrange também a vivência proporcionada pela associação e apreciação de diferentes formas de arte com as atividades do cotidiano porque essa integração artística demanda atenção, diálogo e ações conjuntas e individuais, promovendo experiências e interações que têm como ponto de partida o texto literário trabalhado em sala de aula, criando possibilidades de interconexões e intertextualidades.

Esperamos que nossas propostas inspirem docentes comprometidos em expandir as oportunidades de formar leitores literários tanto no ambiente escolar quanto fora dele, avançando gradativamente até a construção de um espaço plural que possibilita ser formado por discentes que compreendem o texto literário e também exerçam a conscientização crítica sobre sua constituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme discutido na introdução desta pesquisa, o processo de escolarização das pessoas negras no Brasil ainda enfrenta desafios profundos, sendo marcado por desigualdades gritantes e um panorama desolador (Gomes, 2012). Nesse contexto, graças à luta contínua e incansável de diversas entidades e movimentos negros, como o próprio Movimento Negro Unificado, a pauta antirracista foi inserida no âmbito educacional. Isso ocorre porque se reconhece que o Estado brasileiro, enquanto instituição promotora do racismo estrutural (Almeida, 2019), deve ser enfrentado diretamente para que haja avanços significativos nessa batalha.

Mas por que defender a literatura, que é uma das principais plataformas em que o afrofuturismo se manifesta como ferramenta na luta antirracista dentro da educação? Sendo uma corrente que explora ficções especulativas a partir de questões negras, a literatura afrofuturista oferece possibilidades de criar e recriar narrativas de vida e perspectivas de futuro, pois essa abordagem permite que, mesmo diante de um presente distópico e assustador, o protagonismo das pessoas negras seja fortalecido em relação à sua própria história.

Quando a ficção científica negra adota uma visão positivada da história, ela abre um leque de possibilidades pedagógicas e um exemplo é a obra *Raízes do amanhã* que, por meio de seus contos apresenta possibilidades de resistência, ancestralidade, protagonismo negro e ficção especulativa, assim, esse tipo de representação levanta reflexões importantes: por que o imaginário coletivo construiu a imagem de uma África desolada e afastada da produção científica e tecnológica, enquanto o filme apresenta o continente como referência científica global?

A ficção possui esse poder transformador: ela pode penetrar no imaginário social, desconstruir mitos consolidados e desmantelar narrativas construídas por um sistema de supremacia racial. Além disso, da mesma forma que o mito estabelece verdades por meio da cristalização de ideias, a ficção tem o potencial de questioná-las e propor novas formas de pensar. Nesse sentido,

as produções artísticas, em especial *Raízes do amanhã*, ganham relevância ao desestabilizar narrativas historicamente embranquecidas, trazendo à tona imagens incomuns e potentes de pessoas negras em seus cotidianos, reafirmando sua humanidade e diversidade.

Posso afirmar que a literatura foi minha salvação, pois para um menino negro crescendo em um contexto de vulnerabilidade socioeconômica, viajar para diferentes mundos fictícios, por meio da leitura literária, tornou-se uma forma de escape, dissociação e aprendizado. Esse encontro constante com a literatura abriu portas para novas realidades, transformando-se em um alicerce essencial para minha formação pessoal e profissional, meu modo de pensar, meu imaginário e a maneira como passei a enxergar o mundo.

Meu contato com a literatura negra, no espaço escolar, era extremamente limitado porque eu conhecia apenas a história única promovida pela hegemonia anglo-europeia nas aulas, principalmente nas disciplinas de história e literatura. Meu acesso às obras literárias vinha das bibliotecas públicas, que eram popularmente, em minha região, conhecidas como Farol, biblioteca da escola, que era mais restrita em relação às obras e dos livros que minha mãe trazia dos locais onde trabalhava.

Tendo isso em mente, percebi a urgência de materializar o processo de retorno e resgate de minha/nossa ancestralidade. Antes de conhecer o movimento afrofuturista, foram as epistemologias africanas e afrodiaspóricas, fundamentadas nas cosmovisões negras, que possibilitaram esse reencontro. Vivemos um momento histórico em que a construção do cânone literário é tensionada constantemente, buscando colocar escritores negros à margem. E, quando isso não é possível, a estratégia se revela no embranquecimento ou no apagamento dos traços que evidenciam suas origens étnico-raciais.

No campo literário, a imaginação individual e coletiva negra encontra a liberdade para conceber novos mundos e futuros, ancorados nas manifestações do presente. O movimento afrofuturista, juntamente com tantas outras reverberações do pensamento negro e suas estéticas na literatura, abre caminho

para que nossos imaginários sejam transformados de forma positiva, avançando em direção à circularidade do saber e ao resgate das nossas raízes.

Por fim, em *Raízes do amanhã*, analisei o movimento afrofuturista como parte integrante da literatura, um mecanismo que não apenas resgata e preserva as memórias da coletividade negra, mas também projeta, em nossos imaginários, a possibilidade da existência negra no futuro. Para isso, concentrei-me em oito contos que compõem a obra, além de dialogar com outros produtos culturais que exploram o movimento.

Com base nisso, acredito ter evidenciado como a literatura se estabelece como fundamento essencial para a construção de imaginários plurais e positivados sobre a população negra. Conforme destaquei ao longo deste estudo, é a circularidade do saber que possibilita essa transformação e entrelaça as trajetórias dos autores analisados, assim como de uma vasta rede de escritores afrodiaspóricos e africanos.

No entanto, isso só se torna possível quando estamos ativamente envolvidos no movimento afrofuturista. Não há como vivenciar o presente de maneira direcionada ou projetar um futuro sem antes resgatar todo o legado que constitui o ser e o tornar-se negro. Assim, torna-se imprescindível organizar e incentivar que as futuras gerações negras se engajem na produção literária, pois é por meio dela que se ampliam e reverberam as formas plurais de criar literatura, dando voz e centralidade aos povos historicamente marginalizados.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Nathália. Dia da Consciência Negra: números expõem desigualdade racial no Brasil. Folha de S. Paulo. São Paulo, 20 de novembro de 2019.

AGUIAR, Janaina C. Teixeira; AGUIAR, Fernando J. Ferreira. Uma reflexão sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana e a formação de professores em Sergipe. Revista Fórum, Itabaina, v.7, jan-jun 2010.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo Estrutural. São Paulo: Editora Pólen, 2019.

ARAÚJO, Wilson de Carvalho Silva et al. Escurecendo o futuro: interseccionalidade e afrofuturismo em Quem teme a morte, de Nnedi Okorafor. 2024.

BACELAR, Jeferson; CAROSO, Carlos. Brasil, um país de negros? 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAO, 2007.

BENATTI, Lucas Men; TERUYA, Teresa Kazuko. *Saberes estético-corpóreos em "Alma no Olho" de Zózimo Bulbul: possibilidades para uma educação antirracista*. Perspectiva, v. 40, n. 3, p. 1-19, 2022.

BOAVENTURA, S. S Meneses, M.P Epistemologias do Sul. Coimbra. Almeidina, 2019.

BUROCCO, Laura.Afrofuturismo e o devir negro.Revista arte e ensaios, nº38, e-ISSN: 2448-3, 2019. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/26373Acesso em: 02 nov. 2024.

BRASIL, Ministério da Educação**.** *Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: SECAD, 2004.

BRASIL, *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.* Ministério da Educação e Cultura/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

BRASIL. Ministério de Educação. Base Nacional Comum Curricular BNCC. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 março. 2024.

BRAÚNA, Carla Jeany Duarte; SOUZA, Davison da Silva; SOBRINHA, Zélia Maria Lemos Andrade. Letramento racial crítico: ações para construção de uma educação antirracista. Ensino em Perspectivas, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022.

CANDIDO. Antônio. O direito à literatura. Disponível em: https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/10/candido-antonio-o-direito c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf. Acesso em 28 nov. 2024.

CARVALHO, Aiana; HOGEMANN, Edna Raque; JUSTINO, Patricy Barros. A mulher negra na literatura brasileira: passado, presente e futuro. Revista Direito das Políticas Públicas [recurso eletrônico] / Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da UNIRIO. Vol. 2, n. 2 (2020) - Rio de Janeiro, RJ: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2020.

CARVALHO, Laila Souza de. Afrofuturismo na encruzilhada: usos e sentidos de tecnologias ancestrais diaspóricas. 2023.

CERRI, L. F. (2006). Usos públicos da história no Brasil contemporâneo: demandas sociais e políticas de Estado. Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades, 15, 3-19.

CORRÊA, Antonio Matheus do Rosário; AMORIM DOS SANTOS, Raquel. O estado da arte sobre crianças negras em produções da anped (2007-2019). Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 12, n. 33, p. 85-109, ago. 2020. ISSN 2177-2770.

COSSON, R. Letramento Literário: teoria e prática. 2 ed., 4ª reimpressão. -São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, R. Paradigmas do ensino da literatura. São Paulo: Contexto, 2021.

COSTA, Edil Silva. Livro de resumos. Seminário Interlinhas, v. 5, n. 2, p. 1-100, 2017.

CRUZ, Leocardia Cristina Reginaldo da; FERREIRA JUSTINO, Jaqueline. Leitura deleite, educação das relações étnico-raciais nos anos iniciais durante o ensino remoto. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 12, n. 33, p. 221- 240, ago. 2020. ISSN 2177-2770.

DALCASTAGNÈ, Regina (2017). Entre silêncios e estereótipos: relações raciais naliteratura brasileira contemporânea. In: DALCASTAGNÈ, Regina e JENSEN, Laeticia(orgs). Literatura e exclusão. Porto Alegre, Zouk.

DE OLIVEIRA, K.; FERREIRA, A. Literatura Infantil Como Meio Articulador do Letramento Racial Crítico em Sala de Aula. Revista Linguagem em Foco, v. 11, n. 2, p. 33-45, 23 mar. 2020.

DE OLIVEIRA, Kiusam. Literatura Negro-brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil. Abatirá-Revista de Ciências Humanas e Linguagens, v. 1, n. 1, p. 03-14, 2020.

DERY, Mark. Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose" in Flame Wars: the discourse of cyberculture. Durham: Duke University Press. 1994.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC/SEF, 2004.

DUMANI, Juliano; PRATES, Cristina. A afro-brasilidade em sala de aula: por uma educação antirracista. Revista Philologus, v. 26, n. 78 Supl., p. 34-51, 2020.

EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura – Uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EDGAR; Dinucci, K. Exú nas Escolas. In: SOARES, Elza. Part. Edgar. Deus é Mulher. Deckdisc, 2018. Disponível em: https://youtube/NmDsmHtOgyw. Acesso em: 11 dez. 2023.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). Representações performáticas brasileiras. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

FARIAS, Jessica Oliveira. A representação do negro na literatura infantil brasileira. Revista Periferia, v.10, n.1, p. 17-32, jan. /jun. 2018.

FAZENDA, Ivani C. Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia. São Paulo: Loyola, 1998.

FIGUEIRA, V. M. (1999). O preconceito racial na escola. In E. L. Nascimento (Org.), O preconceito racial na escola Brasília, DF: Senado Federal.

GODOY, Eliete Aparecida de. A ausência das questões raciais na formação inicial de professores e a Lei 10.639/03. Rev. Educ. PUC-Campinas, Campinas, 22(1):77-92, jan./abr., 2017.literatura afro-

GOMES, Joaquim B. Barbosa, (2001). Ação afirmativa e princípio constitucional da igualdade: o direito como instrumento de transformação social. Rio de Janeiro: Renovar.

GOMES, Lilian Barros. Da ancestralidade ao afrofuturismo: movimento de Sankofa nas obras literárias de escritoras afro-brasileiras. 2024.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, p. 98-109, Jan/Abr 2012.

KILOMBA, G. Memórias da plantação - Episódios do racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Cairo Henrique dos Santos. De volta para o afrofuturo: um olhar sociológico sobre representações do afrofuturismo no Brasil. 2024.

LIMEIRA, José Carlos; SEMOG, Éle. Atabaques. Rio de Janeiro: Edição dos Autores, 1983

LOPES, Véra Neusa. *Racismo, Preconceito e Discriminação: procedimentos didático-pedagógicos e a conquista de novos comportamentos. In: Superando o Racismo na escola.* 2° Ed. Brasília 2005.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola.* 2° Ed. Revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 1999.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus**.** *Literatura afro-brasileira infanto-juvenil*: enredando inovação em face à tessitura dos personagens negros. São Paulo: ABRALIC, 2008.

PADILHA, Alexandra da Silva; ZILBERSTEIN, Jacqueline. *A construção de um projeto de educação antirracista na educação infantil em uma EMEF: relatos de experiências e primeiros movimentos*. Cadernos do Aplicação, v. 33, n. 2, 2020.

PAULINO, G.; COSSON, R. (org.). Leitura literária: a mediação escolar. Belo Horizonte: FALE UFMG, 2004.

PEREIRA, A. L.; LACERDA, S. S. P. Letramento Racial Crítico: Uma Narrativa Autobiográfica. Travessias, Cascavel, v. 13, n. 3, p. 90-106, set./dez. 2019.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação. São Paulo, 2007.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RANGEL, Edson. Afrofuturismo e questões políticas do negro na ficção científica. Revista do Audiovisual Sala 206, Vitória, n. 5, jan./jul., p.129-148, 2016

REIS, A. R. G; GODOY, A. R. G. L. O ensino de leitura nos anos iniciais do ensino fundamental: a proposta da Base Nacional Comum Curricular. Currículo sem Fronteiras, v. 18, n. 3, p. 1025-1043, set./dez. 2018.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROCHA, Helena do Socorro Campos da; VAZ, Cristina Lúcia Dias. *Afrofuturismo na educação: O caso da metodologia ativa cartodiversidade*. Revista e-Curriculum, v. 19, n. 3, p. 1036-1059, 2021.

ROSA, Cristina Maria. Critérios de escolha e de relevância de obras literárias infantis: um estudo. 07 de novembro de 2018.

ROSA, Sonia. Reflexão antirracista de bolso: Conversa preta: diálogos sobre racismo nas convivências por meio da educação e da literatura. Arco 43, 2023.

SAMPAIO, Alessandra. Relutância. Cadernos negros: poemas afro-brasileiros, v. 39. São Paulo: Quilombhoje, 2016.

SANTOS, A. de F. T. (2001). Cultura e educação a serviço da transformação social. In A. M. Magaldi, C. Alves, & J. G. Gondra (Orgs.), Educação no Brasil: história, cultura e política Bragança Paulista, SP: EDUSF.

SANTOS, C. L. Narrativas que cruzam o Atlântico: bonecas abayomis e as histórias contadas por ativistas negras. 2019. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019.

SANTOS, Gisele Sousa. Literatura Afrofuturista: Identidade Negra Feminina nos Romances Kindred, de Octavia E. Butler e The Underground Railroad, de Colson Whitehead. 2024.

SARAU DA ONÇA (Org.). O diferencial da favela: poesias e contos de quebrada. Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2017.

SILVA, P. B. G. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005

SISS, A. (2003). Afro-brasileiros, cotas e ação afirmativa: razões históricas Rio de Janeiro, RJ: Quartet.

SOARES, Alan Rodrigues. Imaginário e Afrofuturismo: imagens simbólicas do negro no futuro através de Pantera Negra. 2023.

SOUSA, Fausto Ricardo Silva et al. Formação docente na perspectiva da educação antirracista como prática social. Práxis Educativa, v. 17, p. 1-16, 14 mar. 2022. Disponível em: https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/19366. Acesso em: 28 dez. 2024.

SOUZA, Rogério Santos. Diálogos Pedagógicos Com Professoras(es) da Educação Infantil: Subsídios Metodológicos para o Uso da Contação de Histórias como Mecanismo Auxiliar na (Re)Construção da Identidade Étnico-Racial. Cachoeira - Bahia 2017.

SOUZA, W. et al. Raízes do Amanhã: 8 contos afrofuturistas. São Paulo: SP. Ed. Gutenberg, 1º ed., 2021.

Spivak, G. (2010). Pode o subalterno falar? Editora UFMG.

THEODORO, Helena (2005). Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada / In Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

ZANCHETTA, Letícia Beatriz et al. O tempo espiralar e o corpo em Kindred-Laços de Sangue-de Octavia Butler: formas de (re) construir memórias via Afrofuturismo. 2024.

ZILBERMAN, R.; SILVA, T.E. Leitura: por que a interdisciplinaridade? In ZILBERMAN, R.; SILVA, T.E. (Org.) Leitura Perspectivas Interdisciplinares. São Paulo: Ática, 2005.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. Via Atlântica, n. 14, nov. 2008. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376